

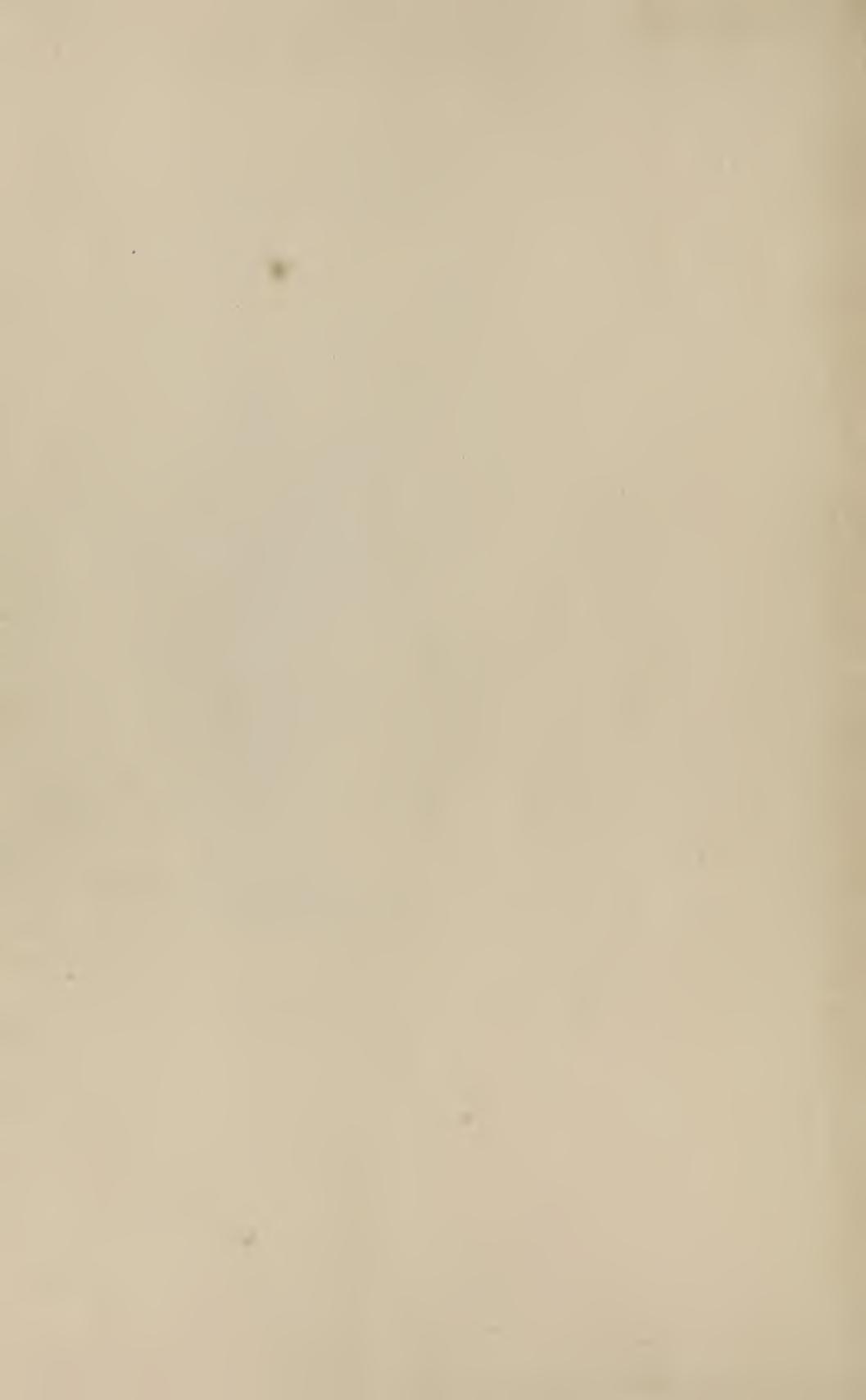


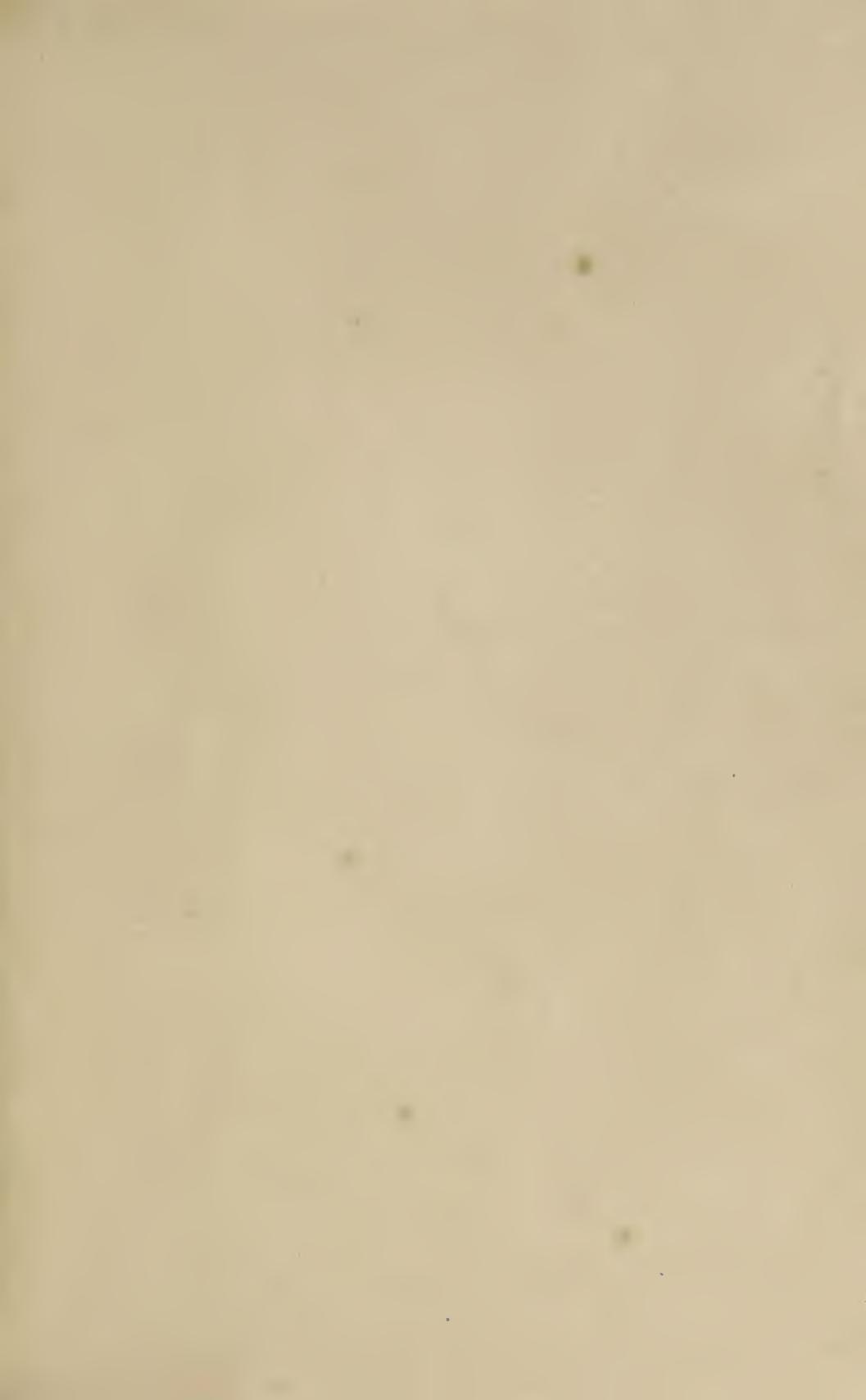


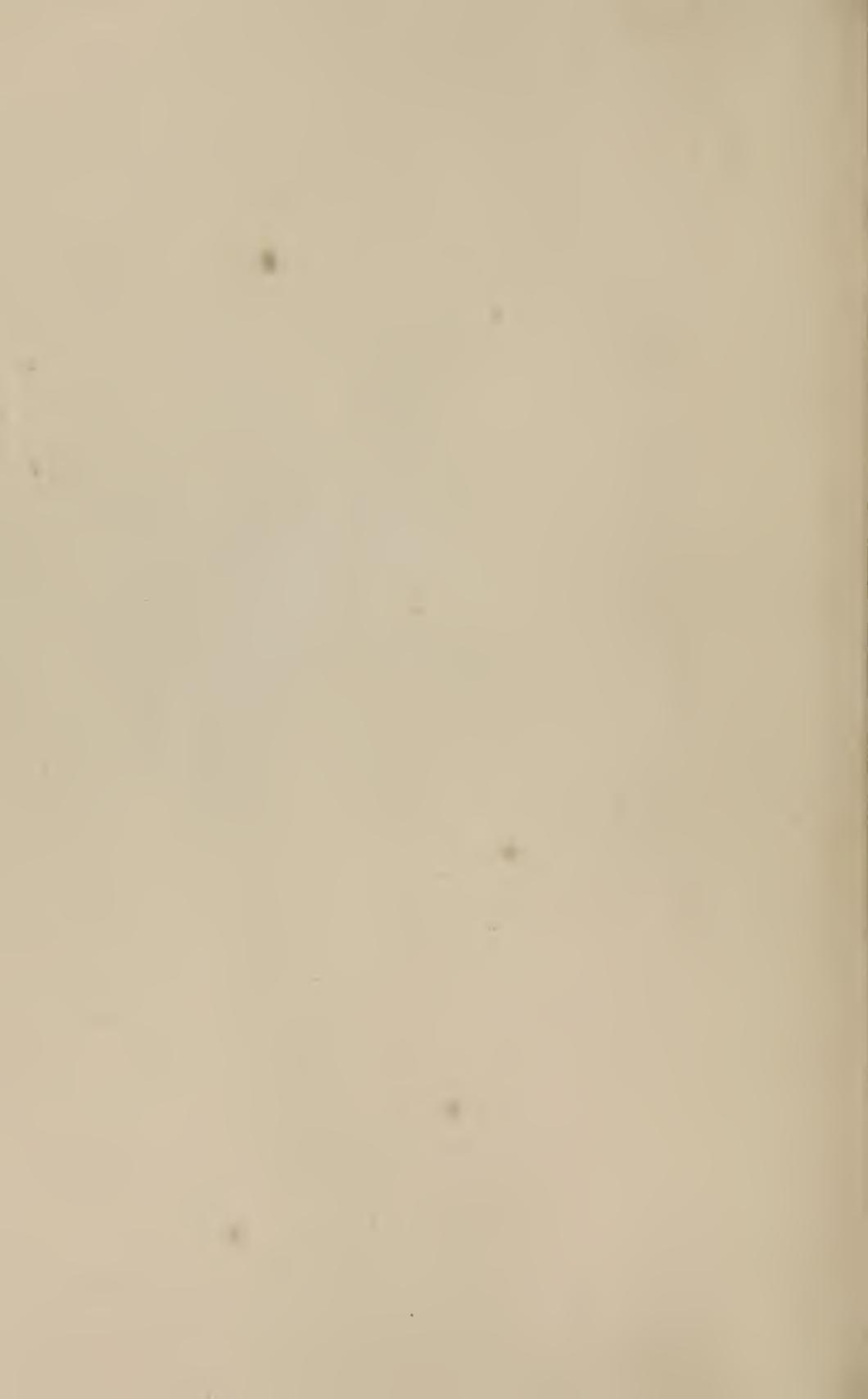
Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin







Livros de propaganda da Sociedade Central de Imigração

IV

PEQUENA PROPRIEDADE E IMMIGRAÇÃO EUROPEA

POR

LUIZ COUTY

(1883-1884)

OBRA POSTHUMA ANNOTADA E PRECEDIDA DE UMA INTRODUÇÃO BIOGRAPHICA

POR

Alfredo d'Escagnolle Tainay

VICE-PRESIDENTE DA SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO

RIO DE JANEIRO

IMPRESA NACIONAL

1887

2852-87.

PREFACIO

O trabalho do Dr. Luiz Couty, dado hoje á estampa, é completamente original e foi escripto nos ultimos dias do anno de 1883 e começos de 1884. Algumas das considerações sociologicas que o illustre pensador fez então, e que não quizemos modificar, perderam algum tanto de valor pela introduccão de varios elementos de apreciação com que elle de certo não podia contar; outras, porém, e essas na quasi totalidade, tiveram e vão tendo a mais plena e brilhante confirmação. A leitura do presente opusculo deve, pois, elevar ainda mais neste paiz o conceito que aquelle joven e eminente sabio em poucos annos havia entre nós conquistado.

IV

E' esta publicação sincera e profunda homenagem do respeito e reconhecimento, que a SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO tributa à memoria de quem muito pensou em prol do Brazil e muito poderia com suas luzes, sua experiencia, sua tenacidade no trabalho ter-nos ajudado, com proveito para todos e gloria para si.

Na historia da extincção da escravidão e da penosa transformação do trabalho nesta parte do mundo, esforço que sem duvida grangeará para o Imperio Americano a admiração e as benções da philosophia e da humanidade, o nome do Dr. Luiz Couty ha de figurar em lugar de honra, e de quantos documentos se poderão compulsar com vantagem para reconstituir esse curioso e interessante periodo de duvidas e temores, contrabalançados por muito enthusiasmo no futuro e muita fé nas grandes causas, o opusculo ora publicado e o livro *Le Brésil en 1884* proporcionarão os meios mais seguros de elucidação e estudo.

E assim deve ser, porque nos graves problemas sociaes que entre nós se agitaram e ainda se agitam, encaminhados porém, hoje, a honrosa e definitiva solução, o Dr. Luiz Couty meditou sempre sem arrastamentos nem paixão, mas com a calma e firmeza do sabio e do economista.

O seu objectivo foi a felicidade e a dignificação do homem, concorrendo estes dous factores para a grandeza e a prosperidade do Brazil.

Bem mereceu, pois, da grande patria que teve — a França — gloria da raça latina e herdeira primogenita da intellectualidade hellenica.

Bem mereceu do Brazil, que para elle já se constituiria outra patria; e esta recordação é e deve ser para todos nós justa e perenne causa de gratidão e desvanecimento.

Rio de Janeiro, 28 de Julho de 1887.

LUIZ COUTY

ESBOÇO BIOGRAPHICO

Infelizmente para as sciencias, infelizmente para o Brazil e para a sua patria, a França, bem curta foi a preciosa existencia, que é motivo deste brevisimo esboço biographico, antes singela enumeração de factos, a representarem outras tantas victorias do talento e do trabalho, do que apreciação philosophica e exacta de uma vida tão limitada em seu percurso, quanto admiravelmente preenchida em todas as suas phases rapidas e brilhantes.

E talvez seja caso de concisão...

Um dos mais notaveis e uteis estrangeiros que, chegados a este paiz americano, a elle dedicaram as

VIII

melhores forças do corpo e as mais calorosas energias da alma, bastará, de certo, a simples relação do que pôde fazer aqui e na Europa Luiz Couty, para de prompto dar a conhecer o seu immenso valor moral, a grandeza das esferas abrangidas pelo seu espirito, a possança indagadora da sua intelligencia e o muito que o mundo d'elle devera esperar, si a morte lhe não tivesse tolhido o passo.

Difficil será, com effeito, encontrar quem, nos mais variados circulos do entendimento humano e em tão apertado prazo, mais tenha produzido, mais investigado, mais conseguido. Na vigorosa phrase de um dos seus biographos, o Dr. d'Arsonval, parece que a natureza, receiosa de vêr por elle desvendados muitos dos seus segredos, deu-se pressa em aniquilal-o!..

I

Nasceu o Dr. Luiz Couty, em Nantiat, perto da cidade de Limoges, departamento do Alto Vienne (França) a 13 de Janeiro de 1854. Oriundo de familia pouco abastada mas respeitavel, fez com applauso os seus estudos secundarios em Dorat, recebendo a carta de bacharel em lettras no anno de 1871, tendo apenas dezeseite annos de idade. Um anno depois, em 1872, formou-se

bacharel em sciencias, e, após brilhantissimo concurso, conseguiu o logar de assistente interno do hospital de Limoges.

Pouco tempo lá se demorou, pois em 1873, eil-o já em Pariz, a grande capital, empenhado de corpo e alma na lucta pela vida. Apresenta-se candidato a um dos lugares no hospital do Val de Grâce e, recém-chegado da provincia sem protectores e nem se quer conhecidos, é, entre quatrocentos concurrentes, collocado em sexto logar! Em seguida, occupa diversos logares importantes de clinica em outros estabelecimentos e, em 1875, sustenta these de doutor, a qual foi, a um tempo, corôada pela Faculdade de Medicina de Pariz, pela Sociedade de Cirurgia e Academia de Medicina.

Que radiosa estrêa de carreira! Raros a terão tido igual nos annaes da sciencia.

Enthusiasta do grande Claude Bernard, e discipulo predilecto do illustre Vulpian, cujos passos fôra seguindo de perto e de cuja estima particular justamente se gloriava, Couty na posição nova que conquistara a poder de enormes esforços e sacrificios, achou-se dentro em breve em lucta aberta com um chefe seu, o director do hospital de Saint-Martin, adversario declarado da escola experimental e que não perdia ensejo de manifestar feroz e odiento antagonismo ás idéas e investigações do subordinado, que ousadamente tomara logar entre os mais activos combatentes da nova escola.

Em duas occasiões, mais claramente se accentuou esse rancor; uma, negando ao joven medico licença para ir assistir aos ultimos momentos e ao enterro do velho e adorado pai, em Nantiat; ferrenha e injustificavel prohibição, que o prejudicado soube vencer com a habitual energia e pondo em jogo todas as forças da sua indignação; outra, buscando a todo o transe impedir que se apresentasse ao concurso de professor adjunto da Faculdade de Medicina de Paris. Allegava não achal-o sufficientemente preparado para tão tremenda prova, e em vespervas do concurso, destacou-o para Bourbon-les-Bains.

Couty recalcitrou. Exigiu a sua demissão, não lh'a deram; protestou, e só depois de muitas passadas e reclamações, obteve justiça e dispensa daquella intempestiva e acintosa commissão. Desmascarou então em publico a guerra que soffria, e confundio os seus gratuitos detractores pela incontestavel proficiencia, que á sociedade demonstrou em provas decisivas.

Foi classificado em primeiro logar !

Triumphara de certo; mas quantos odios suscitara contra si, quantas prevenções e invejas!...

Nesse tempo, em Julho de 1878, o sabio e venerando Vulpian recebera do Senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil, incumbencia de escolher quem, no seu conceito, estivesse mais no caso de bem preencher a ca-

deira de lente de biologia applicada na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Não podia o abalisado mestre esquecer o valente lutador, cujos rapidos progressos fôra com vivo interesse acompanhando, dirigindo e applaudindo sempre.

Propõe o logar a Luiz Couty. Este o aceita com reconhecimento e enthusiasmo ; pede, sem vacillar, demissão de adjunto à Faculdade de Medicina de Pariz ; dá um pulo à aldêa natal ; abraça sua mãe e rmãs ; chega a Bordeaux ; embarca num dos vapores transatlanticos e parte para a America, cheio de esperanças e immensos planos, como que a conquistar terras novas e necessarias á completa expansão do seu genio e da sua gloria.

II

Recebido com certa prevenção no Rio de Janeiro, atirou-se Luiz Couty sem demora ao trabalho, e abriu logo assignalado logar no seio da sociedade brazileira, fazendo-se notar pela facilidade da palavra e firmeza de conhecimentos.

Modesto, mas desenvolvendo actividade, e usando de dicção incisiva e fôrmas novas e attrahentes, fez repetidas conferencias publicas sobre assumptos da sua

especialidade ; chamou a si a attenção dos mais abalados e illustres medicos do paiz, e, sahindo do circulo que parecia prendel-o pela natureza dos estudos tão arduos quanto exclusivistas e absorventes, não tardou a encarar de frente os problemas sociaes do Brazil, que, pela sua complexidade e importancia, lhe impressionaram mais fortemente o espirito, avido de arcar com difficuldades correspondentes ás valiosas forças de acção.

Como que de proposito, ajudava essas tendencias a cadeira que lhe cumpria reger, pois abria largo campo á explanação de multiplas theses, quer no sentido meramente scientifico, abstracto e de investigação experimental, quer no da applicação immediata ás necessidades e aspirações do organismo social.

E de facto, nada podia quadrar-lhe melhor, com os elementos de que já dispunha e que manejava como projecto operario, do que o estudo da vida em todas as suas manifestações e consequencias.

A um tempo, esquadrinhava Luiz Couty, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, todos os segredos da conformação da massa encephalica de muitas dezenas de animaes, desde os anthromorphos até aos reptis inferiores, como, em artigos na imprensa diaria, ou em brochuras e folhetos, acompanhava e apreciava com agudeza os factos variadissimos da sociedade organizada, as suas conveniencias moraes e materiaes, os seus

destinos, emfim tudo quanto representa as mais elevadas-funções e a mais illustre conquista do cerebro humano.

E, exactamente naquelle periodo, a nação brazileira entrava numa phase perigosa e febricitante, vendo-se de modo mais instante a braços com o problema da transformação do trabalho e da abolição da escravidão, cuja solução não se apresentava, como hoje, tão facil e serena ao espirito publico.

Manejava Couty o bisturi de atilado experimentalista, e meditava nas mais sérias elucubrações do philopho e do economista.

Só deixava o laboratorio pelo gabinete ; e se desprendia e levantava os olhos do facto analytico, depois de tel-o estudado com assombrosa perspicuidade por entre os meandros da sabia e mysteriosa natureza, era para contemplar em synthese o mundo social e nelle continuar a desenvolver todas as observações biologicas, sujeitando-as aos elementos novos que emanam do valor e da perfectibilidade pensante do homem.

Nas suas viagens pelas provincias do Rio Grande do Sul e S. Paulo, poude Luiz Couty devidamente encarar as duas mais graves questões do Brazil — escravidão e immigração. Colhendo preciosos dados, já estaticos, já de simples informações, não raro tanto mais exactas, preciosas e significativas, quanto a origem era humilde, pois buscava sempre e de preferencia inter-

rogar homens do sertão e escravos, descreveu o joven sabio a situação do paiz com toda a justeza e imparcialidade ; ferio os pontos delicados ; mostrou as exa-gerações, quer daquelles que exigem progressos repen- tinos, quer dos emperrados e teimosos ; fez justiça a quem a merecia, ora dando razão ao fazendeiro, ora o censurando ; collocou-se acima das paixões de mo- mento ; sustentou sem temor nem acrimonia polemi- cas ; propoz soluções e systemas de transformação, e tudo isto com uma facilidade, uma rapidez de compre- hensão, por meio de combinações positivamente estu- pendas e que enchiam de crescente admiração quan- tos mais de perto lhe acompanhavam as vistas e planos de futuro.

Salientavam-se entre esses, dois energicos batalha- dores na grande scena da vida, — Godoffredo Taunay e Silva Telles, — espiritos preparados para receberem as lições e conselhos de Luiz Couty, que por seu turno poudes com orgulho applaudir uma notavel invenção dos jovens engenheiros brasileiros, ainda hoje mal apreciada, mas que um dia será aproveitada como importantissimo auxiliar e propulsor do trabalho livre e nacional.

Era de vêr-se a união intima, toda repassada de gozos scientificos, em palestras interminaveis, daquelle tres amigos, tres luctadores indefessos... E o chefe, cedo, bem cedo, devia cahir para sempre !

Aliás, no meio das incessantes preocupações do irrequieto espirito, na vertiginosa febre que o impulsionava cégamente para exagerados esforços intellectuaes, em sua superioridade de homem que sabia quanto já valia, era o trato de Luiz Couty quanto possível ameno, cordial, meigo, a lhe angariar por toda a parte promptas sympathias e sinceras affeições.

III

Em serviço do Brazil e no desempenho de uma commissão, voltou elle uma vez á Europa e, em Paris, teve occasião de defender o Imperio Americano de accusações, tanto mais graves e dolorosas, quanto eram feitas por pessoas dignas de todo o respeito pela lealdade das suas convicções, notoriamente o senador Schoelcher. O ardor, a fé, a espontaneidade e a proficiencia, com que Couty sem demora acudio em prol do Brazil, mostraram bem, que pelo coração já se sentia ligado a uma patria nova, quasi tão estremecida quanto aquella em que nascêra.

E, com effeito, nada excedia os arroubos e eloquente entusiasmo com que, nos momentos de expansão e prognosticos de grandioso futuro, fallava desta terra e do porvir que a espera, uma vez desprendida das péas

que lhe constroem o incremento, e adoptadas as medidas largas e generosas, que a nossa evolução social já vai aceitando, embora com lentidão impaciente para quem quer marchar um tanto mais rapida e desassombradamente.

Na sustentação daquellas idéas, na propaganda de principios justos, sensatos, quasi intuitivos, muitos esforços consumio Couty.

E' que não basta proclamar verdades, para que os homens as aceitem. Levantam-se logo innumeradas resistencias, de todos os lados surgem tropeços, alguns naturaes e aceitaveis, outros absolutamente absurdos e inesperados, todos, porém, capazes de gastar os organismos mais valentes e mais adequados a renhidos combates.

Como já dissemos, no problema vital para os destinos do Brazil — a transformação do trabalho — concentrára elle toda a attenção ; dahi, essa esplendida serie de artigos que posteriormente reunio num volume — *Le Brésil en 1884* — livro cheio de apreciações geniaes, observações agudissimas, conselhos amadurecidos, livro impressionista quanto possivel, mas de alcance legitimamente scientifico ; e tudo num estylo limpido, convincente e com despreocupação completa da fórma, o que, de certo, lhe incute mais um encanto e traz curiosas surpresas ao leitor, preso áquellas paginas palpitantes de vida e de interesse, escriptas dia a dia e para assim dizer sobre a perna.

Tudo isto, porém, não se prega impunemente. Luiz Couty teve dolorosa experiencia ; mas não era dos que com facilidade se dobram e desanimam. De encontro a grandes obices, centuplicadas as forças, não descansava enquanto os não derrocava. Assim, na organização de uma sociedade commanditaria para costear o *Messenger du Brésil* e fundar a *Revue de France et du Brésil*, que deviam dar o devido elasterio á propugnação de todas as theses uteis ao desenvolvimento da immigração e da gradual extincção do elemento escravo, considerado instrumento deficiente e nocivo de trabalho.

Em fins de Julho daquelle anno de 1884, viu elle quasi plenamente realisados os seus desejos ; mas já então sentia certos symptomas que o inquietavam : debilidade physica quasi insuperavel, oppressões, exigencias do corpo ao repouso, a lhe empecerem a ardente e vertiginosa actividade intellectual, que essa lhe não consentia treguas.

Era a natureza que reagia contra o trabalho exagerado e instantes avisos dava ao espirito soffregos de caminhar, caminhar sempre para adiante e quanto mais depressa possivel.

No seu rosto expressivo, em que outr'ora se estampavam as vivas côres da saude e da mocidade, já se liam os signaes de fundo alquebramento e prenuncios de grandes devastações internas.

Mas nem por isso julgava Couty dever tomar por

conta propria algum descanso. Calculava tê-lo a bordo na viagem transatlantica, que pretendia fazer para Europa em meados do mez de Novembro, afim de apresentar á familia a bella e adorada esposa, que unira á sua sorte em fins do anno de 1883.

Basta dizer que, affectado de uma pneumonia, quasi diariamente descia da Tijuca, onde estava nos ultimos tempos residindo, para vir á typographia do *Messenger du Brésil* escrever artigos e corrigir provas !

Tambem, quando cahio prestado no leito, não houve sciencia de medicos, não houve angustias e dedicação de esposa e amigos, que o salvassem, e ás dez horas e quarenta e cinco minutos da noite de 22 de Novembro de 1884, depois de breve agonia, soltou o ultimo suspiro.

As suas derradeiras palavras foram : *Allons, c'est bien fini !* proferidas com a convicção e serenidade do professional, que lavra sentença fatal e irrevogavel e se inclina perante mais uma victoria da morte !

E de facto, até aos extremos instantes de vida ainda prescrevia medicamentos para si e com os dedos já hirtos e frios procurava no quasi extinto pulso seguir os progressos da destruição naquelle organismo, que tanto se agitara e tanto resistira.

E não tinha senão pouco mais de trinta annos de idade ! . . .

IV

Eis em pallido e desalinhado resumo, a existencia de Luiz Couty. (1)

(1) Por occasião do seu fallecimento, não faltaram manifestações de sincero e profundo pezar. A imprensa toda do Rio de Janeiro, em sentidas phrases, lamentou a desapareição de tão illustre sabio e pensador, salientando-se a eloquente pagina, que por, parte da *Gazeta de Noticias*, escreveu o Dr. Ferreira de Araujo. Em Pariz, causou a sua morte bastante impressão, sendo motivo de triste menção em todas as publicações scientificas, que dedicaram longos elogios biographicos ao imperterrito batalhador, tão cedo cahido no ardor do grande combate em prol da sciencia.

Aberta uma subscrição na *Gazeta de Noticias* para o tumulo desse bom amigo do Brazil, sepultado no cemiterio de S. João Baptista a 23 de Novembro de 1884, depressa se attingiu á somma necessaria para compra não só da concessão perpetua do carneiro n. 832, como de uma bella pedra de marmore, em que se gravou a seguinte e significativa inscrição :

« Este modesto canto da immensa terra brasileira
 pertence
 para todo o sempre
 ao doutor
 LUIZ COUTY
 doado

por muitos dos seus admiradores e amigos
 como prova de saudade e gratidão
 ao joven e illustre sabio tão cedo
 roubado ao Brazil e

á
 França
 sua patria

Nasceu aos 13 de Janeiro de 1856

Falleceu

Aos 22 de Novembro de 1884 »

Do mesmo modo, porém, que o nosso espirito só de prompto apanha os resultados e estragos de sangrentas batalhas ou de demorados sitios, vendo em synthetico quadro estatistico o numero de mortos e feridos ou de projectis arremessados contra a praça investida, assim tambem agora pasmará o leitor, deixando correr os olhos pela estupenda relação de trabalhos scientificos e sociologicos que, além de innumerous artigos na imprensa diaria, sahiram da penna de tão extraordinario ente, marcados todos elles com o cunho de uma intelligencia excepcional e devotada exclusivamente á indagação da verdade e aos grandiosos problemas, que de todo o sempre impressionaram os homens mais eminentes na historia da humanidade.

A lista das publicações do Dr. Couty é a seguinte:

1.º — NA SOCIEDADE DE BIOLOGIA

1876. — Estudos experimentaes sobre a entrada do ar nas veias. — A acção dos anesthesicos no elemento peripherico nervoso. — A acção da parada encephalica nas funcções circulatorias. — Relações do encephalo com o systema sympathico. — Myelite aguda das corneas anteriores. — Purpura hemorrhagica. — Perturbações vaso-motoras e thermicas por compressão da medulla. — Papel trophico das

radiculas posteriores medullares.— Temperatura das partes periphericas, nas molestias febris.

- 1877.— Asphyxia por lesão do systema sympathico.— Acção de bolhas gazosas do sangue na circulação capillar.— Tumor do pedunculo esquerdo do cerebro.— Heminaesthesia mesocephalica.— A influencia da excitação dos sentidos no coração e nos vasos.— Modificações cardio-vasculares, produzidas pelas excitações sensoriaes e emocionaes. (Estes dois trabalhos em commum com o sabio Charpentier, sendo o ultimo publicado pela Academia das sciencias de Pariz.)
- 1878.— Acção physiologica do matte.
- 1880.— Observações sobre a pretendida zona motriz do cerebro.— Excitabilidade mecanica do involucro do craneo.— Curarisação progressiva; efeitos da excitação muscular pela acção do curare.
- 1881.— Perturbações motores por lesão, no cerebro do macaco e do cão.— Perturbações sensitivas e intellectuaes dependentes de lesões e experimentaes no cerebro do cão e do macaco.— Efeitos das lesões e excitações corticaes do cerebro.— Acção do veneno das cobras.
- 1882.— Caracteres communs do veneno das cobras e sapos.— Zona motriz do cerebro dos papagaios.
- 1883.— Acção dos alcools na excitabilidade do cerebro.— Estado do pneumogastro denominado esgotamento.— Primeiro periodo de strychnisação.— Influencia do frio prolongado (com o Dr. Guimarães).— Influencia do café na nutrição (com o Dr. Guimarães).— Acção do café na composição do sangue.
- 1884.— Algumas funcções medullares no cão.

2.º — NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS

- 1878.— Investigações sobre a temperatura nas febres.
— Investigações sobre a acção physiologica do matte.
- 1879.— A não excitabilidade do involucro pardo do cerebro.— A acção do veneno do *Bothrops jararacussú* (com o Dr. Lacerda).— Um curare novo, extrahido da planta *Strychnos triplinervia*.— A origem das propriedades toxicas do curare dos indios.— Comparação da acção de diversos curares nos musculos lisos e estriados (com o Dr. Lacerda).— Caso num musculo liso.
- 1880.— Algumas das condições da excitabilidade cortical do cerebro.— Fôrma e séde dos movimentos produzidos pela excitação cortical do cerebro.— A difficuldade de absorpção e effeitos locaes do veneno do *Bothrops* (com o Dr. Lacerda).— As reacções da zona chamada motriz nos animaes paralysados pelo curare.
- 1881.— A natureza inflammatoria das lesões causadas pelo veneno do *Bothrops*.— A natureza das perturbações produzidas pelas lesões corticaes do cerebro.— Mecanismo das perturbações provenientes de lesões corticaes.— Acção do matte nos gazes do sangue (com o Dr. d'Arsonval).— Mecanismo das perturbações motoras derivadas de excitações ou lesões das circumvoluções cerebraes.
- 1882.— Analogia dos effeitos das lesões centraes e corticaes do cerebro.— Acção do permanganato de potassio contra os accidentes do veneno da jararaca.— Acção convulsiva do

curare.— Analogia e diferenças do curare e da strychnina em relação á acção physiologica.

- 1883.— Origem medullar das paralyrias consecutivas a lesões cerebraes.— Bilateralidade dos movimentos de origem cerebral em varias especies.— O cruzamento dos movimentos de origem cerebral.— Estudo dos nervos sensitivos na intoxicação curarica.— Excitabilidade da superficie e das partes fundas do cerebro.
- 1884.— Distribuição physiologica de duas classes de movimentos.— O mecanismo medullar das paralyrias de origem cerebral.— A acção do café na composição do sangue e as trocas de nutrição (com Guimarães e Niobey).

3.º— NOS ARCHIVOS DE PHYSIOLOGIA

- 1876.— Estudo sobre a influencia do encephalo nos musculos da vida organica e especialmente nos orgãos cardio-vasculares.
- 1877.— Pesquisas experimentaes sobre os gazes livres intra-arteriaes — Investigações sobre os effeitos cardio-vasculares das excitações dos sentidos.
- 1879.— Seis experiencias de excitação do involucro pardo do cerebro nos macacos.
- 1880.— Indicações sobre a temperatura peripherica e as condições de variabilidade.— Curare, sua origem, acção, natureza, emprego (com o Dr. Lacerda).
- 1881.— As lesões do cerebro.
- 1883.— O cerebro motor.
- 1884.— Ainda o cerebro motor.

4.º — NA GAZETA DE MEDICINA E CIRURGIA

- 1876.— Purpura de origem nervosa.
 1877.— Um caso de tumor que destruiu o pedunculo cerebelloso inferior.— A hemianesthesia mesocephalica.
 1878.— Perturbações sensíveis de origem mesocephalica.

5.º — NA REVISTA SCIENTIFICA

- 1881.— A criação do gado na America do Sul.— Um alimento novo — O matte.— O consumo da carne e conservas.
 1882.— O café.
 1883.— O curare.

6.º — LIVROS, BROCHURAS, PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

These de doutoramento. — Investigações experimentaes acerca da entrada do ar nas veias. (1875.— Paris. — G. Masson.)

These de concurso na Faculdade de Medicina. — Terminação dos nervos na pelle. (1878.— Paris.— G. Masson.)

Relatorio sobre uma primeira excursão à zona cafeeira de S. Paulo. (Rio de Janeiro.— 1879.)

Os estudos experimentaes no Brazil. (Revista brasileira.— 1879.)

O matte e as carnes conservadas. (Rio de Janeiro.— 1880.— 242 pags.)

Lição inaugural do curso de Biologia. (Rio.— 1880.)

A machina de seccar café, systema Taunay-Telles. (1881.— Rio.)

A escravidão no Brazil. (Paris.— 1881.)

A propaganda, na Europa, do café e carne secca (com os drs. Taunay e Telles.— 1882.— Rio de Janeiro).

Biologia industrial.— O Café. (Rio.— 1883.— 176 pags.)

A febre amarella.— Estudo de hygiene social. (Rio.— 1883.)

O Brazil em 1884. (Rio.— 1884.— 416 pags.)

O café, sua cultura, preparo, permutas e usos. (Rio.— 1884.)

Ao todo, sem contar innumerous artigos diários, 89 trabalhos scientificos, muitos dos quaes excitaram a admiração de homens do valor de Brown-Sequard, Vulpian, Charpentier e d'Arsonval, estes dois ultimos seus amigos e companheiros, que já tomaram o honroso compromisso de publicar em volumes a parte mais importante de toda a obra de Luiz Couty.

Era aliás a grande ambição do illustre experimentalista, encerrar e concretisar todas as suas observações e pesquisas num livro sobre o cerebro e o systema nervoso, essa chave do organismo physico, humano e consequentemente social.

Do plano geral dera já Couty idéa, a 15 de março de 1884, ao seu amigo Charpentier nos seguintes termos :

« Para mim, está tudo prompto. Primeiro jacto — 500 paginas da minha escripta, que darão 800 de impressão. Eis o que faço. Após uma lição de *vulgarisação*, que constitue o primeiro capitulo, entro no assumpto pelo estudo dos movimentos suppostos cerebraes e, nos tres capitulos posteriores, mostro como elles se produzem, bem como suas perturbações por meio do bulbo e da medulla.»

E depois de indicar a natureza das sensações *conscientes e inconscientes*, analysa as funções psychicas, que estuda methodica e progressivamente.

« Percepções e idéas. Séde cerebral. Fórmulas conscientes, dependendo da associação do mesocephalo.— Natureza *emocional* e em seguida *social* da idéa e a este respeito, a *linguagem*.— Formação da idéa.

(A) — A hereditariedade, o instincto.

(B) — A *educação* pessoal ou *adquirida*. Os factores physico-chimicos (*coma*). — Os factores biologicos (*somno*). — Os factores sociologicos (*loucura*). — Desenvolvimento cerebral. — Resultantes : a personabilidade, sua constituição e papel. — Variações da personalidade ; *alcoolismo, hysteria, paixões*. — O modo de proceder ; escolha dos motivos ideativos ou sensitivos ; *liberdade*.

(C) — Associação das personalidades : *sociologia*.

« O plano é vasto, dizia Couty com sobrançeria, mas

indispensavel é comprehendel-o assim, para sahir dos pontos de vista restrictos, horizontes acanhados, concepções mal definidas, emfim a balburdia, em que giram hoje todas essas questões.

« Tentarei mostrar, de encontro a Darwin, Spencer, Bain e tantos outros, que as leis biologicas não explicam os factos psychicos e sociaes. A' selecção natural opporei a individualisação, o contrario da especie, e mostrarei que a selecção sexual desaparece ante as mil fôrmas da associação, mal se desenvolvam um tanto as funcções do cerebro.

« Acima dos factos psycho-chimicos e biologicos, admitto terceira classe de factos, materiaes — está entendido — os *psychicos*, que coincidem com a *acção associada* de diversos orgãos, ou partes de orgãos nervosos centraes; e aos outros orgãos biologicos hereditarios opponho o *systema cerebral*, cujas funcções dependem da educação.»

V

Muitos planos de elucidacção scientifica ficaram assim inconclusos, ou simplesmente esboçados. De subito, se embebeu nas trevas da morte o olhar que investigava já longe e ia descobrindo résteas de luz para si e para

quantos, chegados mais tarde, se atirem ardentes ás grandes conquistas da verdade.

Não importa !

O progresso é filho primogenito da lucta.

Si no assalto da temerosa cidadella, cahiu quem tomara o primeiro degrão da escada, subam outros ; e mais tarde, os felizes, os coroados dos louros da victoria, saibam erguer um hymno de amor e gratidão áquelles que deram de barato a vida com todas as suas commo-didades e egoismos, e na encarniçada pugna succum-biram á bem de todos e para honra da humanidade.

Nesse dia, o nome de Luiz Couty (1) de certo não

(1) Os jornaes de S. Paulo, dando conta da morte do celebre Vulpian em fins de Maio deste anno de 1887 lembraram-se todos do nome de Luiz Couty. Quanta eloquencia tem essa rememoração !

Eis o que disse o *Correio Paulistano* de 25 de Maio de 1887 :

« Um despacho telegraphico noticiou o fallecimento, em Pariz, desse celebre medico e physiologista francez.

« Vulpian teve, durante longos annos, de sustentar encarniçada lucta contra os ataques do clericalismo. A attitudão do sabio, nessas polemicas, valeu-lhe a sympathia geral, continuando elle impavido as suas pesquisas scientificas.

« Tendo recebido na sua patria as mais elevadas distincções, Vulpian, com os seus trabalhos, prestou valiosissimo concurso ao desenvolvimento dos estudos de physiologia, e o seu nome é invocado por todos aquelles que se entregam a indagações biologicas, e, com especialidade, a experiencias e observações sobre o systema nervoso.

« No Brazil a memoria do Dr. Vulpian deve ser honrada pelos raros homens que cultivam o genero de conhecimentos, no qual elle tanto se distinguio.

« Si ha paiz em que os estudos de biologia offerecem vas-

será esquecido, lamentando a sciencia, no contemplar frio e sereno das cousas, que com elle se houvesse realisado a melancolica sentença de Pindaro.

ESCRAGNOLLE TAUNAY.

tissimo e inexplorado campo ás experimentações no mundo organico e inorganico, um delles é este.

« Humboldt, Darwin, Agassiz e tantos outros incluíram nas suas obras importantissimos resultados scientificos referentes a esta parte da America do Sul.

« O Dr. Vulpian, em França, sempre se occupou, com a supremacia do seu talento e a benevolencia do seu coração, de todas as manifestações de nossa incipiente existencia scientifica.

« Na Academia de Medicina de Paris, sempre fazia elle honrosas referencias aos trabalhos dos physiologistas brazileiros e mais de uma vez sua voz autorisada levantou-se para defendel-os de ataques, aos quaes não podem subtrahir-se os innovadores como Lacerda, Domingos Freire e Couty.

« Fallando de trabalhos brazileiros, mencionamos os do fallecido Dr. Couty, e assim podemos fazel-o: o joven sabio de nacionalidade franceza fizera do Brazil a sua segunda patria. Aqui consumiu elle os melhores tempos da sua mocidade, entregando-se aos mais duros labores scientificos e revelando constante devotamento á causa da civilização brazileira.

« Couty veiu ao Brazil a instancias de Vulpian, de quem era discipulo predilecto.

« Durante alguns annos o discipulo entreteve correspondencia com o mesire, recebendo deste instrucções e communicando-lhe os brilhantes resultados dos estudos aqui promovidos.

« Os serviços excepçionaes que o Brazil deve a Couty, revertem, de algum modo, a Vulpian, e, ao chegar-nos a noticia do fallecimento deste, cumpre relembrar aquelle.

« Si a morte de Couty importo a perda do unico francez illustre residente no Brazil, e que nos soube fazer plena e inteira justiça, a morte de Vulpian importa para nós a perda de um dos sabios francezes que mais sympathias nos tributou.»



LA PETITE CULTURE ET L'IMMIGRATION EUROPÉENNE

PAR

LOUIS COUTY

1883 - 1884

I

J'ai publié sous le titre d' « *E'tude de Biologie Industrielle sur le Café* » des observations diverses, recueillies dans les *fazendas* de Saint Paul et Rio et j'en ai déduit la conclusion, que la transformation de la main d'œuvre par l'immigration constituait au Brésil, en 1883, la plus urgente des nécessités.

Cette conclusion, je ne l'ai pas développée, d'abord pour ne pas heurter trop de préjugés, (1) en paraissant pessimiste, et surtout parce que j'ai jugé plus utile de ne pas attirer l'attention sur la série d'observations et d'essais, qui seront peut-être encore nécessaires.

Mais chargé, par le fait de mes fonctions à l'Ecole Polytechnique, de l'étude de ces grandes questions de

production, de main d'œuvre et de peuplement, exposé à discuter plus tard ces problèmes sous leurs formes nouvelles, je manquerais à mon devoir, si je ne donnais pas, d'une façon résumée, les résultats pratiques de mes observations aux personnes compétentes pour les utiliser.

D'après tout ce que j'ai vu, la situation actuelle des provinces à café peut ainsi se résumer : disproportion des cultures et de l'outillage avec la main d'œuvre disponible.

Ces régions sont naturellement riches et fertiles ; les plantations qui les couvrent donnent, comme je l'ai démontré, un rendement par hectare très supérieur à celui de la vigne ou des céréales, et ce rendement doit devenir plus considérable encore ; les moyens de préparation de la denrée sont déjà suffisants, les moyens de transport et d'échange ont reçu un développement rapide.

Le haut prix du café pendant ces dernières années a permis de faire les *engenhos* (2) et les chemins de fer, et ainsi d'économiser la main d'œuvre de transport et de préparation ; il a permis d'acheter dans le Nord des milliers d'esclaves qui sont venus dans le Sud ; et, en dix ans, l'étendue des plantations de caféiers a presque triplé.

Le progrès paraît d'abord aussi considérable que possible ; mais ce progrès, produit par des bénéfices inattendus, passagers, dont le retour ne peut être espéré, ne doit pas faire illusion à ceux qui examinent.

Dans tous les pays, et surtout dans les pays neufs,

les perfectionnements apportés aux moyens d'échange et de préparation pour être véritablement utiles se sont toujours accompagnés d'un progrès du peuplement et de la main d'œuvre de l'homme, qui est seule véritablement productive, et les améliorations ont été à la fois industrielles et biologiques, ou plus exactement sociales.

Au Brésil, où l'exploitation du sol est basée sur la grande propriété, compliquée par l'esclavage, des raisons impérieuses conseillaient de procéder de la sorte ; et, puisque les chiffres que j'ai rassemblés le prouvent, les noirs asservis sont les plus mauvais et les plus chers des travailleurs, puisque leur rendement, inférieur à tout ce que l'on peut supposer, entraîne l'absence de bénéfice et d'épargne, la transformation de la main d'œuvre aurait même dû précéder celle de l'outillage.

Je suis prêt à le reconnaître, cette nécessité avait été parfaitement comprise au début de cette évolution, en 1871. Les hommes véritablement utiles qui ont fait la loi d'émancipation progressive avaient évidemment la pensée de placer les propriétaires d'esclaves dans la nécessité d'appeler de nouveaux travailleurs, et pour mieux l'indiquer ils firent d'autres lois sur l'immigration, sur l'outillage et les *engenhos*, qui formaient avec la première un tout homogène et complet. (3)

Comme je l'ai écrit en 1881 dans une brochure sur l'esclavage, si l'on avait poursuivi pendant dix ans avec ténacité l'accomplissement de ce vaste programme, la question de la main d'œuvre serait aujourd'hui

facile à résoudre; mais, malheureusement, l'État comme les particuliers ont négligé les réformes les plus importantes; ils ont fait l'outillage, ils n'ont pas modifié le peuplement.

L'état a construit ou garanti des lignes de chemin de fer, dont beaucoup traversent inutilement des régions sans travail et sans production; (4) l'État a garanti des *engenhos* de sucre, (5) favorisé par des impôts de douane des artisans ou des industriels; mais il a presque arrêté les dépenses d'immigration, (6) et n'a rien fait, ou presque rien fait, pour faciliter le séjour du Brésil à des travailleurs agricoles, qui seraient seuls véritablement utiles.

Le gros négociant étranger, qui peut dépenser des sommes suffisantes accapare les garanties d'intérêts, et profite du pays, souvent sans lui servir suffisamment; mais, le cultivateur dont le labeur serait tout bénéfique, continue à être insuffisamment protégé, et même, trop souvent, tourmenté par une administration mesquine. J'en ai recueilli dans mes voyages de nombreux exemples. (7)

II

Les particuliers aussi n'ont pas correspondu à l'attente des législateurs de 1871.

Les grands producteurs de café ont installé des *engenhos* et fait des chemins; et, sous le rapport de l'outillage, comme aussi sous le rapport des cultures, ils ont

réalisé, j'ai essayé de le montrer, de considérables progrès ; mais, hormis à Saint Paul, où le nombre des immigrants suffit à remplacer, *en partie*, les noirs décédés ou libérés, les grands *fazendeiros* n'ont rien fait pour substituer des travailleurs libres aux esclaves qui vont manquer et qui déjà sont insuffisants.

Ces grands propriétaires n'ont rien fait pendant douze ans, ils ne feront rien plus tard à cause de leurs caractères sociaux, à cause de leurs habitudes intellectuelles et mentales. Elevés au milieu des esclaves, inconsciemment ils ramènent tout à ce mode de travail.

« J'aime mieux laisser mourir mes caféiers, que d'avoir des relations avec des colons désobéissants et grossiers » vous disent beaucoup de *fazendeiros*... « Mes fils, mes héritiers feront ce qu'ils voudront, disent les autres, mais ayant vécu avec des esclaves, nous ne saurions nous habituer à d'autres travailleurs, et vous le voyez, nous traitons nos noirs de notre mieux... » « Mon parent X ou Y a essayé des Italiens ou des Açoriens, prononcent sentencieusement les troisièmes, mais ils n'en est pas satisfait, et pour moi je préfère les Chinois... » Enfin beaucoup l'avouent naïvement : « Nous voulons des travailleurs contractés Asiatiques, parce que nous pouvons les mêler à nos esclaves et les mener au bambou. » (8)

Le préjugé de la grande culture, basé sur un travail collectif obligé est, encore aujourd'hui, général même parmi les *fazendeiros* les plus distingués ; et ils forment la grande majorité les propriétaires qui, douze ans

après la loi Rio Branco, acceptent l'idée de l'émancipation, sans avoir pu se convertir à la nécessité du travail libre individualisé. La *fazenda* reste une entité sacrée à laquelle on ne doit pas toucher, tant il est vrai que les caractères psychiques sont aussi stables, que les caractères zoologiques.

Par suite, les hommes de progrès qui ont essayé de la colonisation n'ont pas su, eux mêmes, lui donner ses formes véritablement utiles ; quelques uns de ceux-ci, je pourrais les citer, sont absolument obérés, et pour devenir riches, il leur suffirait de vendre aux colons le *cafésal* où ils sont déjà installés ; mais cette vente ils ne la feront pas. Etre exécuté par une banque et être mis hors de leur *fazenda* leur semblera naturel ; mais, je puis l'affirmer, parce que j'ai causé dans ce sens à plusieurs d'entre eux, ils se croieraient presque déshonorés s'ils restaient riches, au milieu de leurs plantations, en cessant d'être *fazendeiros*.

J'ai reuni divers contrats que je pourrais publier ; chacun d'eux contient des clauses humiliantes pour l'immigrant ; le système de colonisation tel qu'il a été commencé ne dépasse pas un métayage, ou mieux un quartage bâtard et insuffisant ; et malgré les avantages pécuniaires, qui sont déjà considérables, grâce à la fertilité de la terre du Brésil, le colon ne viendra pas remplacer l'esclave, tant qu'on continuera à ne pas le traiter en homme libre, et à vouloir intervenir dans les actes les plus simples de sa vie.

Je dois tout dire : les seules installations de travailleurs libres qui m'ont paru florissantes, les seules où les

immigrants sont restés sans se plaindre, pendant la durée d'un contrat, étaient dirigées par des administrateurs étrangers, qui avaient su pallier les inconvénients du système et du milieu social. A Ibicaba, l'administrateur est Allemand; à Sete Quedas et à Amparo, Hollandais; à Monte Serrato, Français; chez M^r Antonio Prado, Italien; et M^r Van Erven, l'intelligent *fazendeiro* de Santa Clara, est, lui aussi, fils d'étranger. (9)

III

E'tranger moi même, je ne voudrais pas paraître céder à un vain préjugé, et j'ai reconnu dans mon étude sur le café les réelles qualités du *fazendeiro* Brésilien, sa large hospitalité, sa bonté pour ses noirs, sa facilité à certains progrès.

L'obstination de ces grands propriétaires à vouloir continuer le passé sous des formes peu différentes, leur résistance à tout ce qui ressemble à la petite culture, est un fait social absolument naturel. La révolution de 1789 a été nécessaire en France pour faire la division du sol; et une révolution plus profonde peut-être se prépare en Angleterre et en Irlande, pour le même objet. En Russie, le gouvernement a dû intervenir entre le seigneur et les serfs, et la crise sociale actuelle du Brésil n'a de spécial, que l'esclavage et la différence des races, facteurs qui viennent encore l'aggraver.

La résistance des possesseurs du sol, résistance que

l'on a eu le tort de ne pas prévoir, pose donc la question sur le terrain, où elle a été déjà posée dans d'autres pays ; révolution ou ruine, ou intervention du gouvernement. (10)

La solution est seulement plus difficile et plus urgente par suite de la nécessité de faire, en même temps, la division de la propriété et un meilleur peuplement, tandis que le peuplement existait déjà en France ou en Russie.

L'urgence de la substitution de l'esclave ne saurait être contestée.

Je n'ai pas besoin de rappeler les observations qui prouvent l'infériorité de ce mode de travail, comme qualité des produits et comme rendement ; je ne reviens pas sur le manque d'épargne des grands propriétaires, sur le défaut de valeur réalisable des *fazendas* et j'arrive à des constatations encore plus éloquents.

Partout, absolument partout, hormis quelques *fazendas* pourvues de colons, on a cessé les plantations nouvelles ; partout aussi ou à peu près partout, on abandonne trop tôt les vieux pieds, faute de main d'œuvre pour les cultiver ; dans la moitié, peut-être dans les deux tiers des *fazendas*, la cueille est faite trop lentement ; les *carpos* sont insuffisantes : d'où un abaissement considérable de la quantité et de la qualité de la denrée ; enfin, dans les *fazendas* les mieux tenues, dans celles de Mr. Vergueiro, de Mr. Paulino de Souza, dans celles de Mr. le vicomte de Nova Friburgo, le nombre des caféiers est déjà disproportionné avec le nombre des travailleurs.

IV

La loi de 1871 n'a pas encore produit ses effets naturels ; les adolescents actuels sont encore des esclaves, et cependant, l'insuffisance des bras entraîne déjà une perte énorme, et pour certaines plantations un véritable abandon. Là encore, je ne voudrais pas paraître exagérer des impressions qu'il est impossible de réduire à des chiffres précis ; cependant ma conviction intime est que dans dix, douze ans, la moitié des *cafés* seront abandonnés et l'autre moitié plus ou moins compromise, si on n'intervient pas par des moyens plus actifs. On aboutirait donc à une ruine complète pour les provinces les plus florissantes du pays et à une ruine à courte échéance. (11)

Cependant, ce danger purement économique ne me paraît pas le plus à craindre, ou plus exactement, d'après ce que j'ai vu, l'arrêt de la production pourrait être produit, beaucoup plus tôt, par une révolution sociale infiniment plus redoutable.

Les symptômes précurseurs d'une crise violente sont malheureusement multiples, et je viens de Saint Paul, où les faits les plus attristants m'ont été racontés.

Ici, c'est une bande de plus de cent esclaves qui après avoir massacré plusieurs personnes, part de Limeira, traverse la province jusqu'à sa capitale où on la laisse arriver ; ailleurs, près de Jaguary, c'est une *fazenda*

dans laquelle une lutte terrible s'engage entre les maîtres, leurs amis, les *feitores* et les esclaves révoltés, lutte terminée par des morts et par le départ en masse des esclaves que l'on arrête à Campinas ; enfin, de tous les côtés, ce sont des attentats isolés, des assassinats de *feitores* devenus si fréquents, qu'aujourd'hui les *fazendeiros* emploient, presque tous, pour remplir ces fonctions, des noirs plus ou moins choisis.

Ces faits récents que je pourrais multiplier ne sont pas les plus graves ; car, de tout temps, il y a eu des révoltes et des assassinats. Mais, si l'on voyage assez longtemps au milieu des exploitations de noirs, on fait des observations autrement importantes. Elles peuvent ainsi se résumer : l'esclave n'obéit plus ou il obéit mal, et, dans ses fuites, il est protégé par la complicité tacite ou avouée d'une grande partie de la population.

Les refus d'obéissance, refus d'obéissance passifs comme tous les actes des noirs, m'ont surtout frappé : ils sont de tous les jours, et les maîtres les tolèrent de peur d'aggraver la crise. Cette crise, les grands propriétaires la prévoient ; ils la savent imminente. Quelques uns d'entre eux, élevés en Europe, ne laissent plus leur femme et leurs enfants seuls, au milieu des noirs, et j'en ai vu s'excuser de manquer pour ce motif à quelques uns des devoirs de l'hospitalité.

La plupart du reste vivent à côté du danger sans l'ignorer, mais sans le craindre ; le caractère national, résumé par le *tenha paciencia*, y aidant, on laisse la situation s'aggraver sans s'en préoccuper autrement,

en tout cas sans rien faire pour substituer le noir et éviter ainsi une révolution violente.

Je dis ce que j'ai cru voir, et je désire vivement que des personnes autorisées puissent opposer d'autres faits à ceux que j'ai rassemblés. Je suis prêt, si on le juge utile, à livrer dès aujourd'hui ces observations et ces appréciations à la publicité; en tout cas, chargé de faire comme professeur une enquête sociale, j'ai tenu à dire comment elle se résumait; et ne demandant rien pour moi à l'Etat ou aux particuliers, prêt à sacrifier encore d'autres intérêts à l'étude de questions qui me semblent importantes, je vais dire maintenant les remèdes, qu'il me paraît urgent d'apporter à d'aussi grandes difficultés.

V

Depuis mon premier voyage à Saint Paul en 1879, je cherche à voir dans tous les sens cette question de la transformation de la main d'œuvre et du meilleur peuplement du Brésil : j'ai visité au Paraná et au Rio Grande les essais de colonisation directe de la terre vierge, faits par le gouvernement; plus tard, j'ai examiné dans la province de Rio de nouvelles colonies et de nouvelles fazendas de café; et, dans la conférence que j'ai eu l'honneur de faire en 1881, à la fin de la première exposition des cafés, j'ai réduit à cette formule simple, *colonisation de la terre cultivée* (12) l'en-

semble des réformes imposées actuellement à ce grand pays par la crise complexe dont il souffre ; mais je n'avais pas indiqué comment cette colonisation pourrait se faire, ni même démontré qu'elle était possible. Cette démonstration, je vais maintenant l'essayer pour les *fazendas* étudiées dans ma brochure ; ainsi, nous pourrons discuter, à l'aide de chiffres et de données précises, la production, la main d'œuvre et le rendement.

La colonisation de la terre cultivée, pour être utile, doit réaliser un triple objectif : déposséder le *fazendeiro* qui voudra vendre la terre et le faire riche en lui payant son exploitation au delà de sa valeur ; attirer le travailleur libre en lui donnant des plantations en rapport et par suite de grosses économies ; libérer l'esclave et même se préoccuper de son avenir ; et ce triple but peut être atteint facilement, grâce à la richesse de la terre du Brésil, si on se décide à employer les moyens nécessaires.

J'ai publié, dans la brochure sur le café, des évaluations de prix de quatre *fazendas* de Saint Paul, que j'ai examinées avec le plus de soin ; j'ai utilisé, comme point de départ, les valeurs d'esclaves *d'engenhos*, de caféiers, de terres communément admises actuellement dans les partages de famille ; et la somme totale ainsi obtenue est très supérieure à celle, qu'une vente pourrait actuellement fournir. Si on allait offrir 1.300 contos pour une *fazenda* de 800.000 pieds et de 310 esclaves, ou 300 contos pour une *fazenda* de 180.000 pieds et de 65 esclaves, le proprié-

taire serait d'abord très étonné ; ensuite, il accepterait, en croyant avoir fait une excellente affaire.

Voyons donc, s'il serait difficile à des colons de payer aux maîtres actuels ces prix d'estimation, et pour cela faisons d'abord un calcul bien simple.

Les chiffres de ce calcul, comme d'autres observations, sont peut-être un peu exagérés. Mais, comme on le verra, les conclusions n'en sont pas atteintes, la durée du paiement étant seule prolongée par des appréciations différentes du rapport des caféiers, ou du prix moyen du café.

De même, les valeurs des *fazendas* peuvent être faites un peu plus grandes, sans aucun inconvénient.

J'ai pris les chiffres extrêmes pour mieux convaincre.

Voici, par exemple, la première *fazenda*, Bom Retiro, à Mr. Joaquim Paulino, municipe de Campinas. Elle a plus de 400.000 pieds de caféiers en bon état, en très bonne terre *massapé*, (13) presque tous jeunes. D'après ce que j'ai observé dans d'autres colonies, notamment, Ibicaba, Sete Quedas, Santa Genebra, Monte Serrato, ces caféiers bien traités par des Italiens fourniraient facilement une moyenne de 100 arrobes par 1.000 pieds ou 40.000 arrobes ; ceux-ci bien cueillis, bien préparés, en partie *déspolpés*, vendus l'un dans l'autre au prix de six mil réis, fourniraient un rendement total de 240 contos. Cette *fazenda* avec son *engenho*, ses terres vierges, peut être estimée aujourd'hui, nous l'avons vu, 829 contos ; autrement dit, quatre récoltes de colons fourniraient une somme supérieure de 130 contos à son prix d'évaluation actuel.

VI

Le résultat sera le même pour les autres exploitations. Ainsi, Résaca à Mr. Tibiriça, estimée actuellement 309 contos avec 180.000 pieds de caféiers et 65 esclaves serait payée 430 contos par le produit de quatre années de travail de bons immigrants ; de même Ibicaba, très grande fazenda de Mr. Vergueiro, municipale de Limeira, fournirait un rendement annuel de 480 contos avec 800.000 pieds de caféiers utiles traités par des colons ; soit, au bout de quatre ans 1.920 contos, au lieu de 1.382 qu'elle représente actuellement. Enfin, la petite propriété de San José, près d'Itatiba, à Mr. Ferreira Camargo, évaluée de cette façon, atteindrait 480 contos, soit près du double du prix d'estimation fixé dans ma brochure.

J'ai donné ces chiffres, pour montrer combien sont faibles les valeurs réellement possédées par les propriétaires actuels, si on les rapproche du rendement annuel démontré possible, pour les mêmes exploitations, entre les mains de travailleurs plus actifs ; et la suite de cette exposition fera suffisamment voir que la présence des immigrants, en assez grand nombre, est seule capable de permettre de désintéresser ces propriétaires, au delà même des sommes qu'ils pourraient réclamer.

Je n'ai tenu compte que des caféiers en rapport, parce qu'ils sont les seuls instruments de travail, de production et d'épargne que l'on puisse *immédiatement*

offrir aux nouveaux arrivés. Je ne me suis pas occupé des esclaves, tout en faisant entrer leur prix dans la valeur actuelle de la fazenda, et je les suppose ensuite libérés ; j'ai négligé les terres vierges à café qui pourront rester entre les mains de propriétaires et créer plus tard de nouvelles sources de richesses ; et nous allons voir ce que deviendront *l'engenho* et les autres terres, en étudiant avec plus de soin le mécanisme possible de la colonisation de la terre cultivée.

J'ai fait le calcul de la valeur des exploitations en me rapportant à quatre récoltes de travailleurs libres, parce que le prix total de ces quatre récoltes dépasse déjà considérablement les chiffres d'estimation actuelle. Mais ce prix total ne restera pas tout entier entre les mains des cultivateurs ; et, une partie servira à payer à *l'engenho* les frais de préparation, ce prix total pourra être diminué passagèrement par suite des gelées ou des mauvaises récoltes, ou même d'une façon durable, si la valeur vénale du café continue à baisser en Europe. Enfin, en supposant toutes les conditions favorables, il ne serait pas prudent de demander à l'immigrant toutes ses économies possibles et de le réduire à vivre du produit de ses petites cultures.

Pour toutes ces raisons, pour d'autres encore, on ne peut songer à faire payer en quatre ans les *fazendeiros* ou ses ayant droit ; et nous allons donc rechercher, à l'aide des observations et des chiffres que j'ai recueillis, en combien de temps un colon de *cafésal*, avec ses bras pour unique capital pourra devenir propriétaire de la plantation qu'il cultive.

VII

Voici, par exemple, à Ibicaba ou à Sete Quedas une famille moyenne de six personnes, le père et un fils de 18 ans qui font la culture, la mère qui reste à la maison, trois enfants de 16, 12 e 8 ans. Cette famille, après les chiffres que j'ai publiés, peut cultiver facilement 7.000 pieds; ces 7.000 pieds, tous vieux de plus de cinq ans et généralement de 10 à 30, fournissent facilement, d'après toutes les observations recueillies dans les colonies, une récolte moyenne de 700 arrobas, et ces 700 arrobas pourront être vendues à *l'engenho* 2:800\$, s'ils sont bien cueillis. L'usine qui achètera 4\$000 de baies rouges qui pourront être vendues 7\$000 et 8\$000 une fois lavées, *déspolpées*, desséchées, réalisera évidemment un très gros bénéfice; et du reste dans la pratique on pourra et on devra établir des catégories.

Avec la seule culture du café, cette famille moyenne recevra donc 2:800\$; et, continuant aussi à vendre du maïs, des haricots, du riz, des porcs, des volailles, elle gardera une véritable aisance si on lui demande seulement 2:200\$ pendant sept ans ou 2:000\$ pendant huit ans. Le prix de 2\$500 à 3\$000 par arroba me paraît acceptable; et il permet au colon de payer 2\$000 chaque pied de café en bon état et 1\$500 chaque pied

ordinaire, comme prix de la terre et de la plantation qu'elle occupe.

Sa situation sera très supérieure à celle de ces colons qui vont dans le Texas ou dans l'Australie, et qui mettent 10 ou 12 ans à payer à des entreprises particulières des lots dont les cultures sont beaucoup moins lucratives; et, elle sera encore plus supérieure à celle des petits paysans d'Europe, et spécialement de France, qui achètent la terre cultivée vingt fois son revenu annuel. L'immigrant du Brésil sera donc satisfait d'aliéner, pendant sept ou huit ans, une partie du rendement de son travail pour devenir petit propriétaire et il comprendra vite, qu'aucun autre pays neuf ne lui offre autant de facilité d'épargne.

Cependant, le grand propriétaire, qui aujourd'hui vit péniblement sur sa terre avec des revenus mal assurés par ses noirs, sera devenu riche presque sans y penser, s'il a su faire lui même la transformation de son exploitation.

Voici, par exemple, Ibicaba avec ses 800.000 pieds de caféiers, ses 750 alqueires (14) de terre vierge à café et 250 alqueires (15) d'autres terres, son *engenho* (16), ses maisons, ses 310 esclaves; le tout est estimé 1.300:000\$, *et ne trouverait pas acheteur*. Je suppose que l'on partage les 800.000 pieds de caféiers entre 120 familles moyennes ou entre 150 diverses; chacune reçoit, outre ses quatre à sept mille caféiers, deux à six hectares de terrain froid pour les petites cultures ou le *pasto*; (17) elle reçoit aussi une petite maison peu coûteuse, ou elle est logée dans les bâtiments. Ces familles payent

en tout 1.920:000\$ en huit ans, soit un million de plus que la valeur actuelle (*); et cependant les esclaves peuvent être libérés, et cependant le maître, devenu cinq fois millionnaire, *conserve ses terres vierges* et reste ainsi le plus grand propriétaire de l'exploitation et il conserve aussi son *engenho*, dont les revenus annuels seront peut-être plus grands que les revenus nets des noirs actuels et de toutes leurs cultures.

Les calculs faits pour Ibicaba donneraient pour les autres fazendas les mêmes résultats: Bom Retiro avec ses 400.000 pieds serait vendu 960:000\$ au lieu de 829:000\$, sa valeur approximative actuelle: Résaca et San José seraient vendus plus de 400:000\$; et, quelle que soit la grande propriété que l'on considère, on voit que sa division entre les colons permet de désintéresser largement le maître et de libérer les esclaves, tout en le laissant, s'il veut s'y prêter, seigneur de *l'engenho*. (18)

Tous les chiffres que je viens d'indiquer pour des exploitations de Campinas, Limeira, Mogy, devraient évidemment être modifiés, si on considérait les exploi-

(*) J'ai gardé la valeur fournie d'abord par quatre cultures, mais je crois que l'on pourrait obtenir une valeur plus grande.

Je me suis placé dans l'hypothèse du fazendeiro, faisant lui-même la transformation, et gardant les terres vierges: une société mettrait en culture les terres vierges à café, et les vendrait aussi. De plus, une société devrait se faire payer en six ans.

Enfin, je suppose tous les colons sans argent; et une société devrait vendre surtout à ceux qui ont déjà des économies.

tations de Cantagallo, de Juiz de Fôra ou de Taubaté, dont le rendement est différent ; et ils devraient aussi être modifiés si on pénétrait plus loin dans l'intérieur, si on cherchait à coloniser les fazendas de San Carlos do Pinhal, du Ribeirão Preto, de San Geraldo ou de Carangola ; mais ces chiffres sont assez élastiques pour s'adapter à toutes les conditions possibles.

VIII

D'un autre côté, on doit prévoir l'existence d'autres facteurs favorables. Au lieu de recevoir des déclassés de tout ordre, ramassés par des agences payées à tant par tête, si le Brésil finit par créer un courant d'immigration sérieux et suivi, beaucoup de ces nouveaux habitants apporteront avec eux de l'or et de l'argent, comme cela se produit en Australie, comme cela se produit aux Etats Unis, où l'on estime à £ 20, vingt livres par arrivant, homme, femme ou enfant, le bénéfice moyen réalisé de ce chef par le pays.

Si l'on avait démontré partout en Europe, qu'une famille de travailleurs ordinaire peut réaliser, en cultivant des caféiers au Brésil, des économies annuelles de six millé francs, 2:400\$000 ; si l'on pouvait ajouter qu'elle trouverait en arrivant un lot en pleine exploitation à acheter, pour un prix modique, sans rapport

avec le rendement, les *fazendeiros* ne seraient plus obligés de dépenser beaucoup d'argent à faire venir des Tyroliens, des Mantouans, des Açoriens ou même des Chinois, ces esclaves jaunes qui généralisés seraient plus nuisibles que les noirs. (*)

Bientôt on verrait arriver par milliers, des familles qui auraient vendu en Europe, en Allemagne, en Italie, en France ce qu'elles possédaient, et réaliser ainsi 4.000, 6.000 et même quelques unes 12 mille et 20 mille francs, qui serviraient à payer comptant une partie du *cafésal* et à constituer, à la fois, au Brésil une main d'œuvre nouvelle, et une épargne métallique commençante. Les vigneronns qui sont ruinés par le phyloxera, les cultivateurs de céréales, auxquels la concurrence Américaine ne laisse plus de bénéfice, s'empresseraient de chercher des cultures aussi lucratives, et ils seraient suivis par les cultivateurs de betterave, de pomme de terre, de lin ou de chanvre, que la canne à sucre, le manioc, le coton et d'autres textiles doivent fatalement supplanter. (19)

Il a suffi de la publication de ma conférence sur le café, à la *Revue Scientifique*, pour que je reçoive de France, et même de Russie, des lettres de Français qui voulaient venir au Brésil acheter, payer et cultiver des pieds de caféiers, après avoir vendu leurs fermes. Je

(*) Tout cela a été écrit avant l'arrivée du mandarin Ton King Sing et l'échec du travail chinois.

n'ai pu, malheureusement, que leur répondre d'attendre un moment plus propice. (20)

Le *fazendeiro*, en effet, préfère abandonner sa plantation plutôt que de la vendre ; et, comme je l'ai dit, ce grand propriétaire malgré ses qualités, ou peut-être à cause de ses qualités, me paraît incapable de faire lui même la transformation nécessaire ; et, de plus ces résistances longtemps continuées, comme aussi d'autres conditions du milieu social, ont créé à la colonisation de la terre cultivée une série de difficultés, dont il faudra tenir compte. (21)

La province de Saint Paul contient cinq ou six mille familles de colons qui tous désirent être petits propriétaires ; j'ai estimé à 2.000 contos (5.000.000 francs) les économies déjà réalisées par toutes ces familles, et je crois être au dessous de la vérité ; la plus grande partie de cette épargne est entre les mains des familles déjà vieilles dans le pays qui ont terminé ou qui vont terminer leur contrat.

Or, si, demain par impossible, un *fazendeiro* annonçait la division de son cafésal en lots, la vente de ces lots contre deniers comptants ou sur engagements à terme, très probablement il ne trouverait pas acheteur, même si les conditions de prix étaient très favorables aux colons. (22)

Les familles qui ont de l'argent auraient peur de le perdre, les autres craindraient de travailler plusieurs années sans résultats ; les unes et les autres n'auraient pas une foi suffisante dans les titres de propriété qui leur seraient délivrés, tellement sont grandes les dé-

fiances créées par des ruptures de contrats multiples, par les décisions autoritaires du maître et par bien d'autres accidents.

Cet état mental nouveau du colon, dont je ne soupçonnais pas l'existence avant de l'avoir observé et étudié à Saint Paul, constitue, d'après moi, une des plus grandes difficultés du début.

Il est indispensable de rendre confiance aux immigrants déjà installés, si l'on veut obtenir les centaines de mille habitants qui vont être nécessaires ; et le seul moyen est de faire, avec précaution, quelques essais de division de la terre et de véritable colonisation.

Ces essais permettraient, du reste, de résoudre par la pratique certaines autres questions, qu'aujourd'hui l'on peut seulement poser. Les principales sont relatives au mode de payement de l'ancien propriétaire, aux conditions de libération des esclaves devenus inutiles, et enfin aux relations des cultivateurs avec l'*engenho* de préparation.

Et d'abord, les payements des colons supporteront-ils des intérêts ? Se feront-ils en or, en papier ou même en denrée ? (23)

L'idée d'intérêts paraît logique ; cependant, elle n'est pas soutenable, si l'on prend pour base les approximations de valeur indiquées plus haut, parce que ce prix surchargé d'un intérêt de 8 ou 10 % deviendrait excessif.

Au début, il serait impossible aux colons de payer, à la fois, une annuité et l'usure des autres, et le propriétaire actuel doit être satisfait de toucher en 7 ou

8 ans deux ou trois fois plus *que la valeur aujourd'hui réalisable* ou simplement possible. (*)

L'idée d'intérêt écartée, reste à combiner un système d'annuités successives, qui garantissent à la fois le droit de l'ancien et du nouveau propriétaire.

IX

Le système le plus simple me paraît être celui de l'hypothèque prise sur chaque lot jusqu'à complet paiement, et la forme du contrat *Torrens* me paraît la meilleure, puisqu'elle servirait plus tard de titre cadastral de propriété, comme aussi elle permettrait au *fazendeiro* ou à ses ayant droit de trouver facilement des avances d'argent, s'ils en avaient besoin, par simple dépôt de ces titres transmissibles au porteur. Mais cette forme de contrat, relativement peu connue, déplaira peut-être aux immigrants, ou elle entraînera des frais trop grands d'établissement, mesurage des terres, dessin, etc. Il faudra donc étudier tous ces points, et les résoudre par la pratique; et il faudra aussi en résoudre plusieurs autres.

(*) Sur ce point, j'ai changé d'avis, et je crois qu'il vaut mieux vendre un peu moins cher, et faire payer un intérêt, en calculant en conséquence les annuités.

Le paiement se fera-t-il, avous-nous dit, en denrée, en or ou en papier ?(*)

Le mode de paiement en denrée est défendable; et si l'*engenho* restait toujours entre les mains de l'ancien propriétaire, il constituerait un très bon moyen d'exciter le cultivateur à s'occuper surtout de ses caféiers et à leur faire produire le plus possible, comme aussi il éviterait toutes les discussions relatives au prix du café.

Mais ce système peu compliqué est impossible si l'*engenho* forme une entreprise nouvelle, dont les intérêts sont distincts de ceux du colon et de ceux de l'ancien *fazendeiro*; il devient alors indispensable que l'on achète à l'immigrant son café, dans des conditions convenues, pour qu'il puisse payer peu à peu les annuités dues pour sa terre; et alors, une nouvelle question se pose; ces transactions se feront-elles en or ou en papier?

Si l'on fait actuellement la vente d'une fazenda en réis papier, et que le change tombe à 600 ou 700 réis le franc, le prix réellement payé sera diminué, et il y aura perte pour le vendeur. Le fait inverse se produirait, si le papier monnaie remontait au pair, et il deviendrait difficile aux colons de satisfaire à leurs

(*) Dans le cas d'une société ce point est important, puis que si l'on pouvait négocier dans une banque les engagements des colons, comme cela se fait aux Etats Unis et en Australie, la même somme servirait à des achats successifs.

engagements, puisqu'ils vendraient leur produit moins cher à l'engenho.

Le café est en effet une denrée d'exportation cotée en or, et payée en or aux exportateurs: sa valeur en réis varie donc à cause des oscillations du marché, et aussi à cause des oscillations du change; et le seul moyen d'éviter l'influence nuisible de cette double cause de variations, c'est de rapporter à l'or les transactions qui auront pour base la *fazenda* ou son produit.

Si le papier monnaie baisse encore de valeur, le colon payera plus de réis à l'ancien propriétaire, et il pourra le faire, puisqu'il en recevra d'avantage de l'engenho. Mais il faudra l'habituer à un mode d'échange aussi compliqué, et aussi combiner le meilleur système de patron monétaire qui pourra être double, *lira* et mil réis, or, et pour cela il faudra faire les essais préalables de colonisation, dont j'ai déjà parlé. (24)

Cette transformation de la propriété, réalisée peu à peu, en valeur fixe métallique, aurait du reste un énorme avantage pour le pays; d'après leurs revenus actuels de 250 millions de francs les seules *fazendas* de café valent au moins trois à cinq milliards. Il suffirait d'en vendre une partie, le cinquième par exemple, et le prix réalisé peu à peu, en or ou valeur fixe, créerait une base nouvelle aux échanges et ferait disparaître les variations si nuisibles du papier monnaie.

Les difficultés produites dans la colonisation par les conditions actuelles de la circulation fiduciaire ne sont, du reste, que peu de chose à côté d'autres difficultés.

X

Le colon est installé ; le propriétaire est payé ou assuré de l'être : que devient l'esclave ?

Son ancien maître n'a pas le droit de le garder, puisque les sommes payées pour la terre cultivée l'indemnisent aussi de la valeur du bétail humain ; l'émancipation rapide des noirs de la *roça* est le but sentimental et humanitaire de ce mode de colonisation. Il faut seulement trouver les moyens les plus simples et les plus utiles d'atteindre ce but.

Avant mon dernier voyage, je croyais possible de congédier les esclaves, aussitôt qu'une *fazenda* aurait été partagée entre des cultivateurs libres ; aujourd'hui, je suis convaincu, qu'en agissant ainsi on compromettrait l'avenir de la colonisation, en créant une situation violente et révolutionnaire.

Des libérations en masse, hâtives et isolées, heurteraient de front les préjugés d'un grand nombre de propriétaires, qui se laisseront entraîner, peu à peu, par un mouvement mieux combiné, et qui pourront y être amenés par des mesures fort simples d'indemnisation et d'expropriation, impossibles aujourd'hui.

Je suppose le cas où l'on voudrait décréter une émancipation totale, la main d'œuvre étant déjà abondante. Si quelques *fazendeiros* se refusaient à utiliser cette main d'œuvre libre, et voulaient garder leurs esclaves, l'indemnisation même forcée pourrait devenir nécessaire pour finir avec l'esclavage.

Ces libérations auraient surtout un grand danger en provoquant partout des révoltes, des désertions, des refus d'obéissance, dans les *fazendas*, dont la transformation serait plus tardive.

On aboutirait ainsi à une crise, et à une suppression plus ou moins brusque de tout travail, analogue à celle dont la Louisiane, les Florides, la Nouvelle Georgie ont mis quinze ans à se relever ; et, surtout dans un pays mal pourvu de chemins, couvert de forêts vierges ; sans police possible, sur une terre fertile dont les fruits naturels suffisent pour l'alimentation, et l'ancienne *fazenda* serait supprimée, en quelques années, si on ne procédait pas progressivement avec toute la prudence désirable.

Pour toutes ces raisons, il me semble indispensable d'étudier avec beaucoup de soins les moyens pratiques de libérer les esclaves, tout en les conservant quelques années comme source accessoire de travail.

Dans le cas d'association de colonisation, les noirs pourront être employés à défricher les terres vierges, et à planter de nouveaux pieds de café dans les *fazendas*.

Dans d'autres cas, on pourrait acheter la *fazenda nue*, sans les esclaves qui resteraient à l'ancien maître, *sous certaines conditions*.

Et pour réaliser avec plus de sûreté cette étude préalable au contact des noirs dans les *fazendas*, qui seront les premières transformées, je croirai utile de laisser dans l'ombre le but principal à atteindre.

L' idée des *engenhos* centraux de café a fait une fortune relative, peut-être parce qu'elle est vague et

incomplète; et, c'est sous ce prétexte connu, admis déjà, qu'il faudrait d'après moi commencer la solution du problème.

À ce moment, je n'espérais pas que l'idée de l'immigrant petit propriétaire ferait de si rapides progrès à St. Paul et surtout je ne pouvais supposer, que de grands propriétaires avaient déjà songé à créer une société colonisatrice. Tout ce que j'ai écrit plus loin, vise donc l'hypothèse de la colonisation de la terre cultivée commencée sous les auspices de l'état par les banques de préférence, cette colonisation portant uniquement sur les *fazendas* endettées, hypothéquées, transformées peu à peu en centre de propagande, en pépinières de main d'œuvre utiles pour tous. (25)

On aurait d'abord le grand avantage de ne soulever aucune résistance chez les *fazendeiros*, et de n'éveiller aucune idée de liberté immédiate chez les noirs. Les grands propriétaires, voisins des *engenhos*, pourraient même utiliser ces moyens plus parfaits de préparation, et éprouver ainsi un soulagement passager: de plus, cette réforme apparente de l'outillage permettrait d'étudier complètement, sérieusement, les conditions de l'installation des colons, et surtout les conditions fort diverses de l'émancipation et libération complète, libération avec obligation passagère de travail, ou mieux libération avec transport dans une région nouvelle déjà ouverte, qui mise en culture, deviendrait, en partie, leur propriété.

Les centaines de familles d'immigrants, que l'on installerait autour de chaque *engenho* nouveau, deviendraient les premiers noyaux de petits bourgs de propriétaires aimant le Brésil, vantant ses richesses; et il suffirait de les choisir dans des nationalités diverses pour avoir enfin, au moment donné, la meilleure de toutes les propagandes, celle des immigrants eux-mêmes auprès de leurs compatriotes restés au delà des mers. (26)

Pendant ce temps, on résoudrait aussi, presque sans y penser, d'autres difficultés relatives au mode d'aggrégation des divers éléments de la production nouvelle, et notamment aux relations de l'*engenho* avec le colon.

XI

Pour que tous ces changements aient une réelle utilité, il importe, en effet, de ne pas voir se reproduire sous d'autres formes la véritable exploitation, dont les immigrants sont aujourd'hui les victimes mal résignées; or, il pourrait arriver que l'*engenho* offre au cultivateur un prix dérisoire, en se réservant tous les bénéfices, si bien que la situation du petit propriétaire, modifiée dans la forme, resterait au fond la même.

Je ne fais pas une hypothèse; et, à un moment où les capitaux sont rares, les moyens de communications restreints et coûteux, le nombre des usines qui prépareront le café, sans le cultiver, sera d'abord très

limité ; la concurrence, ce moyen de progrès si fécond, sera précédée d'une période, où les colons producteurs de café, groupés autour des bâtiments d'une ancienne *fazenda*, resteront presque à la merci du préparateur ; et, en cela encore, les conditions du Brésil sont différentes de celles des autres pays neufs, où le cultivateur de céréales comme l'éleveur de bétail peuvent vendre directement leurs produits déjà préparés.

Pour résoudre cette difficulté spéciale, on peut penser à l'intervention de l'Etat ; et, sans voir plus loin que l'*engenho*, insuffisant, peu utile par lui même, beaucoup y ont pensé.

L'Etat pourrait intervenir par des lois, par des réglemens, qui, sous prétexte de colonisation, fixeraient le maximum (27) de prix exigible des cultivateurs pour la préparation de leur café. Cette intervention serait d'après moi peu régulière et peu utile ; mais elle ne serait pas plus irrégulière, pas plus autoritaire que le décret de 1879 par lequel la liberté des colons et celle des *fazendeiros* se trouvent diminuées, le droit de l'immigrant à contracter des dettes, le droit du *fazendeiro* à prélever des intérêts supprimés, et divers autres droits plus ou moins gênés.

L'Etat pourrait intervenir d'une façon plus directe et plus effective, en facilitant la création d'*engenhos* centraux plus ou moins garantis ; la garantie d'intérêt étant subordonnée à la suppression progressive et rapide de l'esclavage dans la *fazenda* ou les *fazendas* correspondantes.

L'idée des *engenhos* centraux de café a été soumise

aux Chambres par Mr. Saraiva, et elle vaut certes qu'on la discute. De grandes usines pouvant préparer chaque année trente, quarante, peut-être soixante mille sacs de café se trouveraient dans des conditions presque certaines de progrès (*). L'abondance de la matière première et sa bonne qualité seraient pour elles une nécessité ; leurs capitaux leur permettraient de réaliser de gros bénéfices par la vente directe en Europe, et elles auraient intérêt à satisfaire les colons pour s'assurer leurs produits et éviter toute concurrence. (28)

Et cependant, dans les conditions actuelles de l'évolution du Brésil, je crois les *engenhos* centraux garantis par l'état absolument nuisibles.

Les progrès qu'ils peuvent réaliser sont limités par l'ingérence perpétuelle d'employés de l'Etat chargés d'empêcher toute innovation coûteuse, et aussi par la sûreté de rémunération annuelle des capitaux employés ; ces progrès portant uniquement sur l'outillage ont le danger de masquer la crise de la main d'œuvre ; et, par des allègements successifs, ils laissent presque espérer aux *fazendeiros* la continuation d'un système absolument condamné. Les résultats obtenus dans les *engenhos* à sucre ne sont pas assez satisfaisants, pour

(*) L'*engenho* de vingt mille sacs serait au début suffisant ; et bien entendu, on ne l'installerait que là où il serait utile. Du reste dans le cas de société de colonisation je crois que l'exploration de l'*engenho* devrait être faite par d'autres que par l'association colonisatrice, l'*engenho* aussi étant vendu ou aliéné sous certaines conditions. Ce point du reste serait fixé par des essais.

engager à tenter avec le café des essais analogues, qui devraient être plus rapides et peut-être plus coûteux.

Je ne rejette pas absolument l'idée des *engenhos* à café, surtout si on la complète par l'idée de colonisation, et l'intervention du gouvernement pourrait devenir utile, et même nécessaire, si les autres moyens possibles ne donnaient pas de résultats. Mais, pour justifier le socialisme d'Etat, il est nécessaire que l'insuffisance des intérêts particuliers à créer le progrès soit absolument démontrée.

XII

Heureusement, ce n'est pas le cas pour la crise actuelle du café, et, parmi les multiples intérêts lésés par cette crise, quelques uns ont assez d'importance, assez d'impersonnalité, pour entreprendre leur propre défense d'une façon suivie, méthodique, dans des conditions utiles au pays.

On trouve un peu partout dans les régions de café de Saint Paul et de Rio des *fazendas* plus abandonnées que les autres, les *cafés* en mauvais état, les bâtiments moins entretenus, on interroge ; la réponse est la suivante : cette *fazenda* appartient à la banque, ou plus souvent, cette *fazenda* est hypothéquée par la banque ou par des particuliers. (29)

Nous n'apprenons malheureusement rien à personne, en affirmant que la *lavoura* du Brésil et spécialement

la *lavoura* du café, prise en masse, a des dettes au lieu d'épargne. Les grands propriétaires doivent par hypothèque à diverses banques, la plupart brésiliennes, plus de soixante mille contos (150.000.000 francs) ; mais ils doivent, indirectement, une somme beaucoup plus forte, par l'intermédiaire des commissaires de café et de divers capitalistes, qui eux aussi, prennent, en grande partie dans les banques, l'argent avancé aux producteurs de café.

J'ai interrogé divers commissaires ; j'ai interrogé divers *fazendeiros* capables d'épargne, comme Mr. le comte de Tres Rios, Mr. Ferreira Camargo ; et je crois que l'on doit estimer à trois cent mille contos (750.000.000 francs) la dette totale actuelle de la *lavoura* du café. Ce passif serait peu de chose avec la main d'œuvre libre, puisqu'il n'égale pas la valeur moyenne de trois récoltes ; mais, avec les esclaves ou même avec les chinois ou des salariés *passagers*, ce passif dépasse les ressources disponibles de la grande propriété.

Aujourd'hui déjà, les banques ont renoncé à exproprier les *fazendeiros* en retard de paiement ; la mort d'un débiteur ou un incident analogue peuvent seuls les forcer à prendre livraison des gages de leur créances, esclaves et plantations ; et ces gages n'ont aucune valeur, puisque personne ne veut les acheter en bloc un prix raisonnable, et que l'on ne sait pas ou que l'on n'ose pas les diviser entre des colons.

Les banques, et surtout la Banque du Brésil, banque d'E'tat, qui les résume toutes, ont pu jusque là limiter

leurs pertes apparentes, en laissant tout en suspens ; mais, si l'on continue à patienter, à attendre de l'avenir un hasard impossible, on rendra la situation encore plus difficile. Dans un avenir rapproché peut-être, il suffira de mettre en demeure quelques grands propriétaires, plus gros débiteurs, pour précipiter la crise ; et alors, si on n'a pas su préparer des acheteurs, ces *fazendas*, dont dépendent directement ou indirectement la fortune publique et particulière, perdront toute valeur, et la banqueroute des banques, peut-être même celle du trésor, lié trop intimement aux banques par le papier-monnaie, peuvent être la conséquence de l'impossibilité de réaliser ou de passer en d'autres mains ces plantations de café, de sucre, de coton, qui déjà manquent de main d'œuvre.

La situation est donc grave, et le dernier rapport présenté aux actionnaires de la Banque du Brésil ne cache pas les appréhensions des hommes honorables, chargés de diriger cette institution ; mais, le remède est peut-être dans l'excès du mal.

XIII

J'ai essayé de le montrer, la colonisation fournit le seul moyen de rendre aux *fazendas* une valeur supérieure aux appréciations actuelles les plus optimistes ; elle fournit le moyen de restituer rapidement aux banques les sommes considérables avancées aux *fazendeiros* ou à leurs intermédiaires, tout en laissant les

anciens propriétaires dans l'aisance ou même dans la richesse. Il faut donc coloniser ces *fazendas* endettées; et puisque les banques, notamment la Banque du Brésil, ont compromis sur la tête des esclaves une partie des capitaux qui appartiennent à tout le monde, il est juste, il est utile, que, pour assurer ces capitaux et développer leur crédit, elles cherchent les moyens de libérer les noirs en substituant leur main d'œuvre; et cela est facilement possible. La banque d'Etat, par le fait de son organisation, représente des intérêts absolument impersonnels; elle n'est pas obligée de rechercher des bénéfices immédiats; comme aussi elle a le droit et même le devoir de ne pas tenir compte des sollicitations politiques ou particulières. (30)

Cherchant à rendre de la valeur à toutes ses créances, voulant asseoir solidement son crédit sur les bases d'une main d'œuvre et d'un peuplement nouveau, et non pas réaliser une spéculation qui rapporte le plus possible, la banque pourra intéresser le propriétaire exproprié à la revente de sa terre, et lui réserver la plus grande partie de la différence de la dette et de la valeur, acquise par la transformation; et n'ayant pas besoin d'obtenir du colon des prix trop élevés, elle se bornera à combiner des annuités suffisamment rémunératrices. Quand elle aura acquis par de premiers essais la conviction de la nécessité, de l'utilité de la division de la terre cultivée, bien distincte encore en cela des particuliers qui sont presque tous obérés, la banque pourra préparer et faciliter cette division en avançant à ses chargés de prouvoir ou à ses intermé-

diaires l'argent nécessaire pour l'installation des petites maisons ou pour les améliorations *d'engenhos* qui, dans certaines *fazendas*, seront nécessaires ; et ces dépenses relativement faibles, faites après la vente, seront du reste rapidement couvertes. L'expropriation progressive d'un certain nombre de *fazendas*, (*) une fois réalisée, toutes les démarches, toutes les transactions devront être laissées entre les mains d'agents responsables, parce qu'ils seront intéressés ; et, sans avoir à pénétrer dans les détails, à surveiller comme aujourd'hui les *feitores* ou à diriger des *engenhos*, dans trois ans, dans deux ans, peut-être moins, la banque peut avoir créé vingt, trente colonies prospères, peuplées de petits débiteurs déjà en partie libérés et parfaitement solvables ; et alors, elle n'aura plus crainte d'aller de l'avant, et de préparer, pour elle même et pour son pays, un avenir économique absolument nouveau. (31)

La crise du travail sera devenue plus urgente ; mais, les moyens de la résoudre seront préparés. La banque n'hypothéquera plus sur des noirs, elle hypothéquera sur les colons, dont elle connaîtra exactement la force

(*) Je répète que je m'occupe exclusivement de la fondation des premiers centres de petites propriétés, nécessaires comme preuve et comme propagande, et l'expropriation faite par la banque s'applique aux fazendeiros en retard de paiement. Une société se bornerait à acheter de gré à gré à ceux qui voudraient vendre. Le but restait le même, créer de grands courants d'immigration spontanée, en commençant le mélange de divers ordres de propriétaires.

d'épargne et de production ; elle avancera de l'argent, de l'or aux immigrants pour payer immédiatement les anciens propriétaires et leurs créanciers, et, ainsi, elle attirera des masses de nouveaux travailleurs assurés de devenir plus ou moins vite petits propriétaires ; et, ainsi, elle créera ces moyens de circulation métallique et cette fixité des échanges, qui manquent aujourd'hui. Elle obtiendra tous ces résultats, sans intervention de l'Etat, sans garantie d'intérêt, sans crises et sans secousse, et les capitaux d'Europe se porteront d'eux mêmes sur cette terre si riche du Brésil, quand la preuve de l'énorme rendement du *cafésal* ou du *cannavial* aura été faite, et bien faite.

Mais cette preuve, il faut la faire, et sans retard, si l'on veut qu'elle soit utile. Pour entraîner la conviction, pour imposer la confiance, il ne suffit pas de quelques chiffres rassemblés avec beaucoup de peine ; il faut plus, il faut une véritable expérience sociale, qui résolve peu à peu toutes les difficultés théoriques et pratiques.

Cette expérience sociale, elle se fera d'elle même, si ou n'essaye pas de la diriger ; mais, contrariée par des obstacles multiples, biologiques et surtout psychiques, cette transformation, livrée aux moyens empiriques, aboutira d'après moi à une transition violente, déjà toute préparée.

Pour éviter cette période intermédiaire de ruine, de troubles, il faut agir. La Banque du Brésil a des *fazendas* dont elle ne sait que faire ; dès demain, elle peut en prendre livraison : ces *fazendas*, qu'elle les

remette passagèrement, les unes après les autres, à des Brésiliens énergiques, tenaces, sachant ce qu'ils veulent, en les autorisant à les diviser entre des colons, pour créer les premiers noyaux d'étude et plus tard de propagande.

XIV

J'ai dit ce que je voulais dire. Ce canevas peut subir, dans l'exécution, toutes les modifications démontrées utiles ; et, cette exécution doit être confiée à des hommes capables et entendus, qui la surveillent dans son ensemble et dans les détails.

Mais quoiqu'il arrive, j'aurai rempli mon devoir de professeur, c'est-à-dire, d'avertisseur, et je n'aspire pas à davantage. (32)

LOUIS COUTY.

NOTAS

(1) Esses preconceitos, convém dizer, existem tanto no Brazil como na Europa. Aqui, do mesmo modo que lá, é aspiração justa a liberdade do commercio para a terra — *Free Trade in Land* —, no feliz neologismo de Joseph Kay, a subdivisão do sólo, a pequena propriedade, o lavrador dono do cantinho de terra, que réga com o suor do rosto e ha de legar á sua familia. O monopolio da terra para deixal-a esteril e desaproveitada é odioso e causa de innumerous e gravissimos males sociaes. O imposto territorial torna-se, pois, uma das maiores necessidades economicas do Brazil.

E' de todo o ponto iniquo e desorganizador, que, sem darem contas á sociedade, nem pagarem nenhum imposto pela sua vaidade, grandes proprietarios mantenham enormes e fecundissimas regiões no estado de natureza bruta, quando o cultivo dellas traria o desenvolvimento da riqueza publica e daria allivio á miseria de centenas de milhares de homens, que só pedem uma nesga de terra afim de se libertarem da pobreza e concorrerem com o seu trabalho honesto para a prosperidade nacional. Como estão as cousas no Brazil, os grandes proprietarios são tão desgraçados e pobres, quanto os mais necessitados immigrants. Nada mais frequente, em qualquer ponto do Imperio, do que se encontrarem donos de

immensos territorios, morando em ranchos immundos e esburacados, rodeados de mulher e filhos cobertos de andrajos, tudo a viver na crápula e entregue á mais nojenta indolencia.

Entretanto, quando o governo precisa de terras, não é sem grandes difficuldades e muitos queixumes, que desistem de qualquer parcella, «Si quizerem, hão de pagar bom dinheiro, e isto mesmo não sei ; » é o que logo respondem. Não raro, as terras possuidas e, infelizmente com legalidade comprovada, poderiam ser verdadeiros reinos. « A minha fazenda, dizia-me em Matto Grosso certo caipira, vai daquella serra de montanhas ao rio Pardo », o que significava enorme posse, que encheria de orgulho qualquer potentado europeu. Então, quando possuem algumas cabeças de gado, não ha campos bastante vastos, que se lhes affiguem sufficientes. No Paraná, queria uma velha oppôr-se á formação do nucleo immigrantista Barão de Taunay em terras do governo, que chamára a si as posses de uma Irmandade extincta, porque pretendia, que as suas rezes precisavam daquella extensão toda para se apascentarem. Ella e muitos vizinhos, que nem sequer usavam desse terreno baldio, clamavam aos céus, protestando contra a protecção dada a estrangeiros, com prejuizo dos direitos dos brazileiros! Chamam direitos a solidão, a esterilidade e a preguiça !

(2) Usine à café — L'ensemble des machines nécessaires à la préparation du café pour le livrer au commerce.

(3) Exige a gratidão que incessantemente se repita, que á testa desse heroico movimento a bem da grandeza nacional achava-se José Maria da Silva Paranhos, VISCONDE DO RIO BRANCO.

(4) Nada mais afflictivo do que o deserto ao longo das nossas estradas de ferro, construídas a poder de enormes sacrificios. O caminho de ferro é até agora entre nós só considerado valioso, quando transporta café e corta zonas cafeeiras, isto é, grandes fazendas ; triste resultado da cultura exclusiva, firmada no trabalho servil.

Todo o nosso ideal de conquista das solidões pela locomotiva, de subdivisão das zonas lateraes á linha ferrea, de localização de immigrants proprietarios em suas margens, tudo, tudo está ainda por iniciar ! E quantas resistencias têm de ser vencidas e quebradas, para que se consiga a felicidade e o progresso do Brazil !

(5) Os engenhos centraes, em que se depositaram tamanhas esperanças, produziram as mais desconsoladoras decepções. Convém ponderar que, a menos de circumstancias muito excepcionaes, nunca poderemos contar com a Europa para o consumo dos nossos assucares, porquanto é colossal o capital alli empatado por grandes nações no fabrico do producto congenere, extrahido da beterraba e outros vegetaes. Para os Estados-Unidos, sem duvida o nosso melhor e mais rico mercado, affluem os assucares das Antilhas, e até a Republica Argentina busca já fazer-nos concurrencia. Além disto, mesmo alli o producto importado paga pesados direitos de introdução por causa das plantações da Luiziana e outros Estados do Sul.

Entretanto cumpre lembrar, que o nosso consumo interior é extraordinario ; e sem exaggeração calcula-se que só a cidade do Rio de Janeiro gasta milhares de saccoes por mez.

Deveria ter havido e deve ainda haver o maior cuidado no estabelecimento e organização dos engenhos centraes, estudando-se todas as condições de prosperidade. desde a

montagem cautelosa e economica das machinas até á analyse do terreno, no qual tem de ser cultivada a canna de assucar.

Ha zonas extensas, em que essa graminea dá quantidade inferior de elementos saccharinos, muito embora tenha o aspecto mais florescente possivel. Houve neste assumpto grande precipitação, e os desenganos hão sido bastante desanimadores.

O governo, durante não pouco tempo, facilitou demais a concessão de garantias de juros a especuladores, que iam vender os privilegios, obtidos a poder do empenho e da advocacia administrativa, na praça de Londres por preços minimos. Houve não poucos que abeiram mão aos capitalistas inglezes de concessões bem importantes por uns 10 ou 12 contos de réis. O Sr. ex-ministro da agricultura senador Antonio Prado neste ramo de serviço publico portou-se com patriótica energia, declarando caducas quantas companhias queriam viver só de abusos.

Sobre a crise do assucar apresentou ao Parlamento o Centro da Industria e Commercio de Assucar do Rio de Janeiro uma representação e memorial, que nos dão bem interessantes informações. Por ella se vê que, de 1650 a 1700, o Brazil exportou regularmente 135 milhões de libras, que se vendiam em Lisboa, Porto e Vianna a 1\$000 cada uma, preço que baixou, em 1736 a 490 réis, em 1760 a 200 réis e 1788 a 100 réis. Por causa dessa baixa, que se manteve durante largos decennios, a exportação do Brazil em 1809 era de 21 milhões de libras, descendo ainda, em 1812, a 14 milhões.

De 1820 para cá, é que se ha manifestado movimento ascencional.

Assim começando naquelle anno a subir a 120 milhões de libras, em 1833 foi de 165.500.000, de 1847 a 1857 manteve-se

a média de 264.740.039 e de 1869 a 1874 a de 306.571.000 libras.

Foi este o resultado com os antigos processos. O seguinte quadro em kilogrammas é mais animador, nos começos do actual decennio:

	Kilogrammas
1882 - 1883.....	178.655.482
1883 - 1884.....	329.374.965
1884 - 1885.....	274.311.419

tudo no valor de 85.061:660\$000.

Pelos calculos do opusculo verifica-se, que cada habitante do Brazil annualmente consome mais de 8 kilogrammas de assucar, levando-nos o commercio externo a média de 300.000 toneladas e gastando-se 100.000 no interior, o que dá o total de 400.000 toneladas para a producção de todo o paiz em assucar.

Segundo autoridade competente, a safra de assucar em todo o mundo era a seguinte, no começo deste decennio :

	Toneladas
Assucar de beterraba.....	1.567.000
Cuba.....	545.000
Diversas Antilhas.....	246.339
Java.....	210.000
Brazil.....	200.000
Ilhas Philippinas.....	190.000
Mauricia e Reunião.....	109.000
Luiziana.....	88.822
Porto Rico.....	85.000
Demerara.....	85.000
China.....	76.026
Surinam.....	10.500
Assucar de bôrdo.....	10.000
Total.....	<u>3.422.987</u>

Em referencia á produçãõ brazileira, o relatorio do Sr. Ministro da Fazenda declara que, no exercicio de 1885-1886 a renda de exportaçãõ attingiu sómente a somma de 804:023\$841. E' a suppressãõ desses direitos, que o Centro instantemente pede ao Parlamento.

Mostra bem o seguinte quadro qual a gravidade da crise assucareira :

	Kilogrammas
1883 - 1884.....	329.374.965
1884 - 1885.....	274.311.419
1885 - 1886.....	112.399.007

(6) Não esquecer que estas palavras do Dr. Couty foram escriptas em 1883. Em 1886, augmentou o Parlamento, e não pouco, o credito para a immigraçãõ, elevando-o a quantia superior a 4.000:000\$000, somma por sem duvida importante e que, bem empregada, produziria logo valiosos resultados.

Verdade é, que as condições topographicas de grandes zonas brazileiras, a força e exuberancia da vegetaçãõ intertropical e diversas circumstancias peculiares ao nosso clima trazem difficuldades e obstaculos, com que outros paizes immigrantistas não têm que lutar e que devem ser vencidos. Entretanto, tambem é real, que inutil e infelizmente ainda se despendem sommas consideraveis em serviçõs muito mal feitos, a pagar um pessoal nada idoneo, eivado de más tradições, aferrado á indolencia burocratica e tão ignorante quanto altan iro, quando este ramo da administraçãõ publica exige, mais do que nenhum outro, maxima actividade e muita paciencia unida a energia e a zelo sempre vigilante. Do modo mais eloquente e irrecusavel fallam os algarismos. Ao passo que, em certo e determinado periodo, se despenderam nos Estados - Unidos 5.400 contos para loca-

lisar 1.400.000 immigrantes, no Brazil foram consumidos 8.000 e muitas centenas de contos, para estabelecer tão sómente 45.000 europeus !

Na Republica Argentina despendeu-se sempre muitissimo menos do que entre nós, e os resultados foram e têm sido incomparavelmente maiores. E' preciso para o serviço da immigração gastar dinheiro, sem duvida alguma, mas tambem saber gastal-o bem.

(7) Estas observações sobre o grande commercio são infelizmente da maior exactidão. Parecia que os negociantes europeus, provenientes das nações mais adiantadas, seriam no Brazil os principaes factores do progresso e da civilização ; e no entanto a influencia que elles exercem nesse sentido é quasi nenhuma, insensível. Em geral, consideram este paiz como terra conquistada, como mina de ouro a explorar ou, conforme o neologismo que buscamos introduzir, á imitação de quasi todas as linguas, a *explotar*. Realizar rapidamente a maior somma de capitaes, envial-os para a Europa quando o cambio favorece ; montar a machina de exploração ; entregal-a aos caixeiros e voltar á mãe patria para gozar as delicias do absentismo plutocratico, eis ahi o ideal, o programma quasi sempre executado secca e egoisticamente.

Quando fundámos a *Sociedade Central de Immigração*, supuzemos contar com o grande commercio europeu. O desengano foi enorme. Esquivou-se a tomar parte na propaganda immigrantista e alliou-se a quantos pediam a continuação da escravidão e a introdução de chins e até europeus reduzidos á servidão da gléba por meio de contractos draconianos, firmados na celebre lei de 15 de Março de 1879.

(8) Não ha uma só palavra do Dr. Luiz Couty, que não seja expressão rigorosa da verdade. Para muita gente ainda, a perspectiva mais risonha aos destinos do Brazil é a importação do chim, e não pouco influe para esse conceito a possibilidade de castigar o trabalhador asiatico e dar-lhe pauladas com bambú, quando elle se mostrar recalcitrante ás exigencias do trabalho. Quantos lamentam o mallogro da expedição á China, em que se malbarataram centenas de contos de réis e o máo exito da missão Tong-King-Sing, nos ultimos mezes de 1883 ! (ANNEXO 1)

Constitue o maior titulo de gloria para a *Sociedade Central de Immigração* o protesto energico e solemne, com que ella, em Outubro daquelle anno de 1883, encetou os seus trabalhos e a insistencia, coragem e tenacidade com que combateu a organização de uma companhia para tão executando e perigoso trafico.

O Brazil ha de um dia reconhecer este relevantissimo serviço !

Hoje parece de todo o ponto impossivel, que renasça a fatal idéa de conspurcar-se o sólo da patria com o nojento elemento, que a leviandade de uns e a ganancia de outros buscaram introduzir entre nós.

Crime de leso-americanismo !

(9) O Dr. Luiz Couty, philosopho, philantropo e grande observador, não perdia ensejo de combater os pessimos effeitos moraes e economicos dos contractos de locação de serviços, firmados na malefica lei de 15 de Março de 1879, embora fosse esta lei attenuação de outras anteriores. Felizmente a resoluta campanha emprehendida pela *Sociedade Central de Immigração* desmoralizou e aniquilou de uma vez aquella lei. Só falta agora vê-la riscada do nosso codigo. Quando

o ministro da Agricultura em 1883, o Sr. Affonso Penna, quiz-lhe dar regulamento e consultou a *Sociedade Central*, declarou esta terminantemente, que era notavel des-serviço feito á nação brasileira a simples intenção de qualquer applicação, convindo, pelo contrario, riscar da legislação do paiz aquelle amontoado de ferrenhas e injustas disposições.

(10) O imposto territorial, taxado conforme as declarações dos proprietarios, começando pelas zonas atravessadas por estradas de ferro e tornado mais sensivel nos terrenos baldios das grandes cidades, seria poderoso meio de encaminhar o problema á sua solução. Proposto, muito antes da Independencia, em 1808, nada se fez no sentido de imposição tão justa e razoavel. Fôra grande passo civilizador substituir todos os impostos de exportação pelo territorial.

(11) O illustre 1º secretario da *Sociedade Central*, André Rebouças, tratando dos *Progressos realizados* no Brazil, diz o seguinte: « As tristes apprehensões felizmente não se realizarão. A provincia de S. Paulo está recebendo dous mil emigrantes por mez; os detestaveis contractos de locação de serviços foram postos á margem; o trabalho nas fazendas está se produzindo a salario ou em condições livres e préviamente estabelecidas entre o fazendeiro e o emigrante.

« Os receios do Dr Couty são infundados, como foram os de Alexis de Tocqueville, prevendo o fim dos Estados-Unidos, quando chegasse a crise escravagista. A verdade é outra.

« Os crimes nas fazendas são em regra individuaes, tendo quasi sempre por origem os hábitos depravados dos feitores,

quando não dos proprios senhores. E' o ciume a paixão que mais impelle o negro ao crime.

« O escravizado das fazendas, segregado do mundo, conservou-se estranho á evolução, que se está dando no Brazil. O escravizado das cidades goza de tanto bem-estar, que se julga infeliz, quando, uma vez livre, tem de entrar em concorrência na lucta pela existencia com os operarios europeus.

« A escravidão, principalmente ao norte no Imperio, é tão frouxa e relaxada, senhores e escravos vivem em tal promiscuidade, em tão intima dependencia mutua, que muitas vezes difficil é saber quem manda e quem obedece.

« Hoje podemos argumentar com os exemplos em mão. Temos duas provincias livres — Ceará e Amazonas, e uma quasi livre — o Rio Grande do Sul. Tudo se passou entre foguetes e flôres, sem a minima perturbação da ordem publica.

« O problema abolicionista é inteiramente politico ; erra quem suppõe, que seja um conflicto de raça. »

(12) Essa fórmula *Colonisação da terra cultivada* parece-nos excellente. E' synopticamente a mesma da *Sociedade Central : Imposto territorial para subdivisão das fazendas lateraes aos caminhos de ferro em lotes ao alcance dos immigrants e dos proletarios brasileiros*. Estamos trabalhando nas idéas do Dr. Couty, quando pedimos com a maior instancia aos bancos e aos capitalistas, que promovam a divisão em lotes immensas propriedades, que lhes estão hypothecadas pelos fazendeiros insolvaveis.

(13) Le *massapé* est une espèce de terre glaise d'argille très forte, d'aspect variant du blanc au gris perle, jusqu'à,

la couleur plomb-foncé. Les agriculteurs de S. Paulo sont encore en doute si, pour la production du café, le *massapé* vaut mieux que la *terra róxa*.

C'est au fer (hématite), que la *terra róxa* doit la coloration rouge foncé; et l'influence de cet élément dans les terres de culture n'est pas à discuter.

(14) O alqueire de S. Paulo vale 5.000 braças quadradas ou 2 hectares 4,200 metros quadrados. Esses 750 alqueires equivalem a 1.815 hectares.

(15) 250 alqueires iguaes a 605 hectares.

(16) Engenho — usine à café; hangar aux machines pour la préparation du café.

(17) Pâturages pour le bétail.

(18) PEQUENA PROPRIEDADE. — O engenheiro André Rebouças, actualmente director 1º secretario da Sociedade Central de Imigração, publicou em Setembro de 1874 no *Jornal do Commercio* uma serie de bellos artigos, desenvolvendo estas mesmas idéas. Esses artigos ampliados formaram o livro — AGRICULTURA NACIONAL. — *Estudos economicos*, em cujo capitulo XVII, á pagina 117, acham-se calculos inteiramente analogos aos do Dr. Couty.

Depois da organização da *Sociedade Central de Imigra-*

ção, a 17 de Novembro de 1883, tem todo o nosso esforço convergido para a medida, que cada vez mais se impõe, da subdivisão das fazendas hypothecadas ou de todo adjudicadas aos bancos, em lotes compraveis pelos immigrants europeus ou colonos nacionaes, á vista ou a prazo mais ou menos longo. Pelo Annexo sob n. 2, bem se vê o empenho que fizemos em levar a convicção ao maior estabelecimento de credito do Imperio, que o unico meio de consolidar a sua situação era obrigar os proprietarios das fazendas empenhadas a dividil-as em lotes ao alcance do imigrante europeu e do proletario brasileiro.

Em lugar de serem taes fazendas centro de trabalho livre, activo e fecundo, o que quasi sempre nellas se vê e em quasi todas, é, lateralmente ao serviço escravo, a existencia e permanencia de aggregados que, por compaixão, vivem em ranchosinhos e áreas de terreno *emprestadas* pelo proprietario, mas sobre as quaes jámais logram ter direito de propriedade, por mais que as cultivem e beneficiem. Essa impossibilidade de imprimir cunho de dominio proprio a um cantinho de terra dá bons argumentos á preguiça e impede que esses aggregados, livres embora, se distanciem demasiado do estado de baixeza e submissão, peculiares ao escravo de fazenda.

Pelos nativistas ha sido a *Sociedade Central* accusada de pairar só nas altas e nebulosas regiões da theoria, fugindo aos perigos da pratica. Não precisava, nem precisa ella sahir desse terreno, em que tanto tem que fazer e conquistar. Aliás todos os processos praticos correspondentes á criticada theoria foram e estão sendo á saciedade applicados com esplendidos resultados nos paizes de immigração, nos Estados-Unidos, Australia, Canadá, Republica Argentina, etc.

Quanto aos bons desejos de praticamente indicarmos o caminho, já a fazendeiros, já a emperrados e incredulos, ficaram elles bem patentes em duas occasiões bastante notaveis. Sabendo nós, que perto da cidade da Parahyba do Sul, provincia do Rio de Janeiro, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dispunha de optimas terras doadas pela finada Viscondessa do Rio Novo e que não eram devidamente aproveitadas, conseguimos, com relativa facilidade, daquella irmandade autorisação para alli se organizar, como ensaio e exemplo, um nucleo immigrantista. Em vista disto, fundou-se na localidade com grande enthusiasmo uma sociedade de immigração, pertencendo á sua directoria os principaes cidadãos, e com toda a presteza estava-se tratando de proceder á divisão em lotes para 50 excellentes familias de italianos do norte, já apalavradas, quando uma influencia politica da circumscripção, senador do Imperio, reuniu precipitadamente a Irmandade e por meio de gracejos e argumentos nativistas ou de terror, obrigou-a a voltar atrás em suas resoluções e a faltar á sua palavra, o que tambem não lhe foi difficil. E assim falhou uma tentativa promissora, que teria dotado o municipio da Parahyba do Sul de utilissimo e activo centro de prosperidade, do qual irradiariam progresso e bons exemplos para toda aquella zona. Por menores que fossem os resultados, sempre valeria muito mais o que se houvesse feito do que a esterilidade do sólo, entregue como ficou á solidão e á falta de cultivo.

Em época posterior, a *Sociedade Central de Immigração* dirigiu-se a um dos mais opulentos capitalistas da praça do Rio de Janeiro e pediu-lhe autorisação para estabelecer a propriedade subdividida numa das suas muitas e grandes fazendas, situada esta para assim dizer nos suburbios do Rio de Janeiro e cuja utilisação era nenhuma, devendo

todos os proventos do ensaio reverter para o legitimo dono. Formal e repassada quasi de terror foi a recusa, firmada na razão de que naquella esplendida e immensa propriedade viviam ha longos annos tres ou quatro familias de aggregados! E entretanto onde estavam uns 20 ou 30 vadios a vegetar e a dar continuos motivos de despeza ao possuidor da terra, podiam perfeitamente e com lucro para todos, viver á larga, prosperar e si não enriquecer, pelo menos ganhar em pouco tempo independencia e prender-se ao sólo brasileiro, umas 500 ou 600 pessoas laboriosas! E assim se burlaram planos em que entravamos com toda a nossa boa vontade e energia!... Ufana-se a *Sociedade Central* de ter sido por vezes consultada, nesse assumpto de subdivisão de fazendas, pela digna directoria do Banco Predial, cujas vistas sempre applaudiu, considerando-as da maior utilidade e vantagem aos interesses dos accionistas e a todo o paiz. Oxalá não se deixem aquelles cavalheiros vencer pelo desanimo e pelo espirito de rotina!

(19) Já tentou a *Sociedade Central* iniciar outra propaganda junto aos capitalistas de Londres, Pariz e Bruxellas, aconselhando-os a emprehenderem a lucrativa especulação de comprarem aos bancos brasileiros e aos commissarios de café as fazendas hypothecadas e de as subdividirem em lotes para provocarem a vinda e facilitarem a prompta localisação dos excellentes elementos de trabalho, apontados neste trecho pelo Dr. Couty.

Não são precisos commentarios. Os algarismos na sua eloquente mudez proclamam bem alto a necessidade de transformação dos estabelecimentos agricolas, que, no dizer dos obcurantistas, constituem as columnas em que des-cansam todas as instituições, toda a dignidade e o futuro

do Brazil! Afinal o emprego mais rendoso do capital — escravidão — trouxe nas tres provincias cafeeiras do Imperio, como resultado, ficarem propriedades colossaes hypothecadas, achando-se os fazendeiros, que dispoem comtudo a seu bel-prazer do trabalho e das forças vivas de centenas de homens, completamente arruinados, sem direito pleno sobre as terras que possuem. As liquidações hoje de dividas dos fazendeiros são na sua pluralidade quasi impossiveis. Muitos, e d'isto tenho exemplo pessoal, propoem, sem o menor constrangimento abatimentos no valor de 80 e 90 %!

(20) E' esta exactamente a resposta que a *Sociedade Central* tem dado a constantes consultas e pedidos de informação. Nada existe feito na Repartição de Terras para que um estrangeiro consiga ter a minima informação sobre a possibilidade de adquirir qualquer propriedade, de maior ou menor extensão. Dizem os nativistas: « Não faltam terras para comprar. » Mas onde estão ellas? Quem orientará o immigrante chegado á capital do Imperio com algum cabedal e desejoso de logo empregal-o na aquisição de 30 ou 40 hectares, ou menos, de um simples canto de terra? Recorrerá aos annuncios das folhas diarias para achar alguma indicação? Nesta ordem de serviços existe entre nós o cahos e a desorganisação; e justamente a maxima facilidade na localisação em propriedade sua é uma das mais valentes forças attractivas para a immigração.

Emquanto não houver o imposto territorial, nada se poderá de certo fazer perfeitamente regular; entretanto, mesmo sem essa medida utilissima e adiada pelo terror e pelos esforços do obscurantismo, varias providencias administrativas poderiam já ter sido adoptadas para dar-se

algum methodo a esse serviço tão descurado pela inercia da nossa burocracia.

Como desculpa da falta de imposição territorial allegam-se no geral a não existencia do cadastro e os gastos enormes, que acarretaria a simples tentativa de se o conseguir. Não havia meio mais facil de obviar essa falta, do que aceitarem-se as declarações dos proprietarios, conforme já foi engenhosamente proposto, e mais adiante veremos. Demais existem minuciosissimos trabalhos de engenharia para a construcção dos 9.000 kilometros de estrada de ferro já feitos ou estudados, e elles poderiam servir de base para a applicação do imposto nas zonas, que mais particularmente foram beneficiadas pela viação ferrea.

Verdade é, que a applicação do imposto simplesmente nas faixas cortadas por estradas de ferro traria injustiças, além de não poder produzir elevado resultado taxativo senão acima de 100 reis o metro corrente, o que é exagerado e por demais forte. Propriedades simplesmente atravessadas pela linha poderiam pagar muito, ao passo que nesgas de terra ás quaes coubesse a fortuna de possuir uma estação, ficariam quasi de todo exoneradas da imposição. E' de urgencia, comtudo, pensar-se em alguma cousa.

Bem sabemos que, ao simples annuncio desta medida elementar, não poucos proprietarios que vivem no luxo e a esbanjarem centenas de contos, declararão logo ser-lhes preferivel entregar as terras lavradas. Tal ameaça, que disto não passa, levada á realizacão constituiria optimo resultado.

Tratando da materia, não podemos deixar de transcrever com a maior adhesão as palavras do illustre Sr. Barão de Cotegipe, actual presidente do conselho de ministros.

Oxalá julgue S. Ex. chegada a occasião de empenhar as suas qualidades de eminente e prestigioso estadista na

consecução da providencia, que acredita indispensavel para o engrandecimento desta nação.

Eis o que disse S. Ex. como presidente da commissão nomeada em 1874 para estudar o estado da lavoura na Bahia:

« O antigo e vicioso systema de sesmarias e do direito de posse produziu o phenomeno de achar-se occupado quasi todo o sólo por uma população relativamente insignificante, que não o cultiva, nem consente que seja cultivado.

« O imposto territorial é o remedio que a commissão encontra para evitar esse mal ou antes abuso, que creou uma classe proletaria no meio de tanta riqueza desaproveitada.»

Essa classe proletaria, dizemos nós, é a grande maioria da nação.

Entre algumas idéas que foram lembradas, nenhuma excede em simplicidade e proveitosos fructos pela sua immediata possibilidade de applicação á que foi apresentada, depois de 17 annos de estudos, pelo distincto engenheiro Antonio Maria de Oliveira Bulhões. Propõe elle taxar-se simplesmente a zona do Brazil em que a viação aperfeiçoada faz sentir os seus effectos e ajuda o esforço e o trabalho dos habitantes. Acredita que tal zona não vai além de 400 kilometros do littoral, exceptuando a grande rede de navegação do Amazonas e seus tributarios.

Limitada qualquer cobrança de imposto territorial a essa faixa e excluido d'elle todo o interior do Brazil, com as suas innumeradas duvidas nas posses territoriaes e difficuldades de viação, divide o autor do plano essa região taxavel em tres zonas — a primeira de 150 kilometros — a segunda de 130 e a terceira de 120 — que seriam denominadas de 1^a, 2^a e 3^a classe. Nessas, haveria a distinguir terrenos de 1^a e 2^a categoria, pertencendo a esta os de pasto e áquella os de cultura.

Sendo a costa do Brazil de 5.800 kilometros, teremos que a

	* Kil. quad.
1 ^a faixa teria (5.800 × 150) de superficie.....	870.000
2 ^a » » (5.800 × 130) » »	754.000
3 ^a » » (5.800 × 120) » »	696.000
ou o total de.....	2.320.000

Não pôde esta superficie toda ser tributavel. Ha que excluir do calculo os lagos, brejos, aguas correntes, terras devolutas, etc.

Na 1 ^a faixa, exclue-se portanto da superficie	
25 0/0, o que em 870.000, dá.....	652.500
Na 2 ^a , 20 %.....	603.200
Na 3 ^a , tambem 20 0/0.....	556.800
ficando o total de.....	1.812.500

para superficie tributavel.

O que é isto em relação a toda a área do Brazil, calculada em 9.000.000 de kilometros quadrados?

O imposto não pôde ser o mesmo para as tres faixas. A primeira goza de muito mais vantagens do que a segunda e sobretudo do que a terceira, que fica mais para o interior.

Por hectare, pagaria o proprietario annualmente :

Na 1 ^a faixa.....	100 réis
» 2 ^a »	60 »
» 3 ^a »	30 »

podendo desse modo produzir :

A 1 ^a , nada menos de.....	6.525:000\$000
A 2 ^a » » »	3.619:000\$000
A 3 ^a » » »	1.670:000\$000
o que dá o total de.....	11.814:000\$000

quantia de certo importantissima.

Mas como fazer-se o arrolamento da propriedade taxavel, nessa zona de 400 kilometros? Nas collectorias e recebedorias dos municipios, segundo as declarações dos proprios interessados.

A quota que tocará a cada um é minima. O Sr. Dr. Oliveira Bulhões demonstra isso á ultima evidencia, fazendo o calculo pelas antigas medidas agrarias, de sesmarias, alqueires, tarefas, etc.

Uma sesmaria de boas terras de café tem 1.500 braças \times 1.500 e sua cultura póde produzir 15.000 arrobas de café, que pagam de imposto de exportação cerca de 8:000\$000. A sesmaria tem 1.089 hectares e pagaria portanto na 1ª zona 108\$000 annualmente. Um alqueire (100 \times 100 braças) equivale a 4 héctares e 84 ares e pagaria 684 réis; uma tarefa ou 80 \times 80 braças, ou 3 hectares e 97, pagaria 309 reis por anno!

Observa o autor que o imposto, *augmentado de 50 %*, e applicado *a todo o Municipio Neutro*, cuja superficie não attinge 60.000 hectares, obrigaría todos os proprietarios a uma despeza de 9:000\$000 por anno!

As conclusões a que se chega são as seguintes:

1.ª A faixa total considerada para o lançamento do imposto territorial representa em superficie a quinta parte do que é todo o Brazil.

2.ª O imposto calculado é minimo.

3.ª A renda que produz é avultada para o Estado.

Accrescentaremos, que é de tanta vantagem para o proprietario o arrolamento das suas posses territoriaes, que elle será muito inepto, si não comprehender de relance essa conveniencia. Por emquanto, póde se dizer, que no Brazil ha proprietarios de facto e não de direito.

Interessando os collectores no registro regular, e deduzindo 1.000:000\$000 para se lhes pagar esse serviço, ficariam

10.000:000\$000 para muita cousa, além de organizar-se o serviço de terras e melhora-lo; o que até ao presente tem, conforme já fizemos vêr, ficado completamente esquecido e desprezado.

A regularidade que se conseguiu na matricula dos escravos em todo o Brazil e a perfeição a que se chegou nesse arrolamento, mostra bem que com alguma sequencia e fazendo applicar em regra a lei votada, se obteriam bons elementos e base a bem da organização do cadastro do Imperio, para cuja execução systematica e scientifica de certo serão precisas dezenas e dezenas de annos.

Póde-se objectar, que, no plano proposto, a zona de 400 kilometros deixaria fóra do imposto quasi toda a provincia de S. Paulo e parte da de Minas Geraes, quando estas duas provincias são as mais bem servidas de estradas de ferro. Poder-se-ha, porém, alargar a zona de acção do imposto territorial, augmentando-a de 400 a 600 kilometros, mais ou menos 100 leguas, a contar do littoral para dentro.

(21) Este asserto mostra quanto o Dr. Couty pensou nos complicados problemas sociaes que affligem este Imperio. « Bastaria, diz o Dr. André Rebouças nos seus Estudos Economicos, este paragrapho para collocar Luiz Couty ao lado de Charles Darwin, de Agassiz, e dos mais elevados genios que hão visitado o Brazil. »

Effectivamente tudo está preso dentro do circulo do monopolio da terra, aggravado pela negra escravidão.

(22) No Rio Grande do Sul e no Paraná, esse problema vai caminhando para sua solução. Ha fazendeiros (ou antes estancieiros) que têm tirado o triplo, quadruplo e até decuplo do valor das suas terras, dividindo-as em lotes e vendendo-as

a immigrants. Perto de Curitiba (Paraná) os irmãos Luz, recebendo em herança um bom terreno, o retalharam e acharam com facilidade compradores a 200\$, 250\$ e até 300\$000 o alqueire. Quem tiver boas propriedades, deve nutrir a certeza de chegar á riqueza só pela venda a immigrants, quando se estabelecer a grande corrente immigratoria para o Brazil. A applicação do systema Uniako, isto é, venda intercalada de lotes, produzirá então esplendidos resultados. O cultivo e aproveitamento de um lote fará logo crescer em proporção estupenda o valor do que lhe ficará immediatamente proximo. O que já se verifica nas cidades, pela construcção de casas em logares baldios, ha de reproduzir-se em grande nos estabelecimentos agricolas.

(23) Não cuidemos de reforma tão distante. Podem, sobretudo nos paizes como o nosso de immigração, de anno a anno, apparecer como deducção natural, mas inopinada, phenomenos sociaes, com os quaes de certo não contava o philosopho mais cauteloso em seus prognosticos. O movimento de immigração em S. Paulo tem sido muito grande, e uma hypothese difficil e penosa, contando-se com elementos hodiernos, póde perder toda a sua gravidade, caso tenham entrado 100, 200 mil immigrants, optimos collaboradores do trabalho nacional, em linha de conta. Adoptadas certas leis geraes, entre as quaes figura a lei Torrens (transmissão da propriedade por endosso), cuja propaganda a *Sociedade Central de Immigração* iniciou em 1886, devemos esperar auspiciosa corrente immigratoria europeá para as nossas plagas.

Talvez se dê isto com muito mais brevidade, do que em geral se pensa.

(24) Todas as difficuldades inherentes ao cambio nas suas multiplas oscillações, provocadas por infrene agiotagem, têm de ser solvidas pela radical abolição do papel-moeda. Cambio entre nós representa ou deve representar o credito maior ou menor, que merece o Brazil. Não ha razão alguma, quando tudo tende a desenvolver-se e a progredir, quando a renda augmenta annualmente, não ha razão para as exageradas exigencias de cambio. Dependem ellas de um mero jogo de praça. A consolidação do nosso meio circulante tudo obviaria.

Escreveu o Dr. Couty este paragrafo em momento de grande depressão do cambio. Estava a 17 1/2 e 17, quando hoje manifesta alta e se fixou mais ou menos a 22.

O cambio par é de 27 pence por mil réis, de maneira que neste momento (Maio de 1887) se perdem 5 pence.

A nossa maior aspiração deve ser conseguir-se a circulação metallica no mais breve prazo possivel. Assim cessarão tentativas verdadeiramente criminosas de fingir decadencia do paiz, para obrigar o credito a retrahir-se, isto quasi diariamente, por causa da especulação dos agiotas.

Lembremos que, antes da guerra do Paraguay, que durou de 1865 a 1870, os pagamentos no Brazil se faziam em ouro. Até depois da campanha, houve épocas, de 1873 a 1875, em que o cambio subiu ao par e acima do par (27, 27 1/2, 28 e 28 1/2, esta ultima cotação em Março de 1875).

A immigração, augmentando logo a producção e trazendo comsigo capitaes da Europa, que fixará no Brazil, será o principal factor da reforma, a qual pouparia annualmente ao governo do paiz 9 a 10 mil contos de réis gastos improficuamente para o progresso da Nação em cambiaes, além do duplo ou quadruplo que sahe da fortuna particular, nas suas transacções com as praças européas.

(23) O commentario que o illustre Couty faz ao seu proprio asserto bem mostra. quanto é difficil e ás vezes contraproducente procurar tudo prever nos phenomenos sociaes.

A evolução social nos paizes de immigração é causa de continuas surpresas para aquelles que buscam seguir-lhe os passos. Todos os viajantes dos Estados-Unidos, Australia, Nova Zelandia etc., são concordes em asseverar, que as maravilhas operadas pelo affluxo de gente laboriosa passa todas as previsões, por mais largas que tenham sido feitas.

Ouçamos o que diz um desses viajantes, tratando ultimamente de *Far-West*, nos Estados-Unidos :

« Numa interessantissima narrativa de viagem no *Far-West* Americano, feita em 1886 por M. H. Gualier e publicada no *Exploration*, lê-se o seguinte, que dá idéa do assombroso desenvolvimento e rapido povoamento do territorio dos Estados-Unidos:— « Quero fallar aqui da fronteira da civilisação, que recúa todos os annos a passo de gigante. Achava-se então a 450 leguas do Oceano Atlantico; além, ao oeste, até o Oceano Pacifico estendem-se mil leguas de solidão, que em poucos annos serão occupadas pela civilisação.

« Enche-se o paiz: a onda da immigração européa invade tudo; em pouco tempo attingirá as Montanhas Rochosas, vertebra do continente americano. Essa torrente humana, que ha dez annos vai sempre crescendo para o Oeste, é um phenomeno tão singular como a invasão dos barbaros. Um exemplo entre mil. Ha 15 annos, viam-se ao pé das Montanhas Rochosas alguns miseraveis casebres, no lugar em que se acha hoje a cidade de Denver; contava-se uma centena de pessoas. Em 1874, visitei aquella cidade; tinha 1,400 habitantes, *tramways*, gaz e jornaes; em 1880 a sua população era de 50,000 habitantes e em pouco tempo contará o duplo.

« Depois de 1874, dez ou doze cidades nasceram não longe dali, como Leadville, que se desenvolveu dentro de alguns mezes, como por encanto, no meio das gargantas da montanha. Yankton mesma, onde nos achavamos, era uma dessas estranhas cidades, erguidas no meio do campo em alguns annos. Depois que alli passámos, dobrou a população. Uma immigração de 30.000 scandinavos e russos acabava, no momento em que escrevemos estas linhas, de juntar-se, no espaço de dez mezes aos batedores (*pioniers*) da mesma raça, chegados no anno precedente a esta parte do Dakota. Terras magnificas, cujo modico preço é pago por uma só colheita, um clima sadio, são as vantagens que attrahem estes immigrants e fazem crescer estas cidades com sorprendente rapidez. »

Na sessão do Senado de 21 de Maio de 1887, citando esse trecho e lendo-o por inteiro, fiz sobre o assumpto alongadas considerações acerca do sentimento e comprehensão, que a Provincia de S. Paulo vai claramente manifestando. Tambem alli a idéa de separação de outras provincias inertes e sem iniciativa alguma em tão grave assumpto vai infelizmente lavrando e creando adeptos.

Si não quizermos nos deixar offuscar pela pasmosa prosperidade e força dos Estados Unidos, olhemos para mais perto, para a Republica Argentina. Lembremo-nos do que ella era em 1850, quando jazia sob a tyrannia de Rosas, que explorava o *nativismo* e o *obscurantismo* para se manter á testa dos negocios publicos, administrando uma grande e nobre republica, como si fosse simples, embora vastissima, estancia. Installada a *Mashorca*, o odio fomentado contra os estrangeiros obrigava as esquadras franceza, ingleza e italiana a intervir para salvaguardarem a vida e os interesses dos seus compatriotas. Annos depois, os immigrants

eram acolhidos com flores e foguetes; o paiz abria as suas portas francas; as rendas cresciam aos pulos; os campos produziam admiraveis colheitas; a alfandega regorgitava de generos de importação e exportação, e os Argentinos se mostravam com toda a razão confiantes no futuro e orgulhosos do presente. Receber annualmente da Europa, como está acontecendo, 100 mil immigrants é motivo bem fundado para esperar-se com animo tranquillo e certo de si o porvir. De uns 20 annos para cá, a Republica Argentina viu ascender a sua população a mais de 1 milhão de habitantes, dos mais activos e productores, chamando simultaneamente a si mais de 3.000.000:000\$000, que entraram no gyro da riqueza publica.

(26) Esse appello á Europa temos incessantemente feito. Deve ficar aqui reproduzido o eloquentissimo *Manifesto* de 24 de Outubro de 1885, no qual os meus collegas da *Sociedade Central de Immigração* se referiram ás medidas administrativas que tomei, desde o momento da minha chegada á Provincia do Paraná como presidente, a 27 de Setembro de 1885, até o dia da minha sahida a 4 de Maio de 1886.

Eil-o:

MANIFESTO DA SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO AOS IMMIGRANTES JÁ ESTABELECIDOS NO BRAZIL

« Vinte dias de governo da provincia do Paraná pelo Vice-Presidente - fundador da *Sociedade Central de Immigração*, ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, bastaram para dar ao Brazil e á Europa um exemplo novo e uma grande lição.

« Desde que tocou o sólo dessa formosa Provincia, não

proferiu uma só palavra, não praticou um só acto, que não tivesse por escôpo, directo ou indirecto, mediato ou immediato, assegurar aos immigrantes o maximo bem-estar, moral e material, a segurança dos seus direitos civis e politicos, sua autonomia e perfeita independencia, sua propriedade territorial, seu progresso e sua prosperidade em tudo e por tudo, procurando sempre estender todos estes beneficios áquelles que, no Velho Mundo, ainda lutam para escapar aos horrores do gothicismo, cruelmente explorados pelos seus governantes.

« Tambem, jámais houve movimento mais sympathico de reconhecimento e gratidão.

« As naturalisações, no Paraná, multiplicam-se por centenas. Não ha mais italianos, nem francezes, nem allemaes, nem polacos ; hoje são Brasileiros ; são compatriotas de TAUNAY, do Apostolo da mais nobre e humanitaria propaganda, que se ha realizado no Novo Mundo...

« A Republica dos Estados-Unidos foi colonisada pelas companhias de estrada de ferro, vendendo lotes de terras alternados ; as republicas do Prata e do Pacifico têm-se povoado a esforços de Governos, despendendo sommas fabulosas com agentes na Europa, e com toda a sorte de favores aos immigrantes.

« A immigração, emprehendida por TAUNAY, é inteiramente nova.

« Logo ao nascer, a *Sociedade Central de Immigração* matou a *escravidão amarella*, disfarçada na importação de Chinezes e Japonezes.

« Depois atacou-se á nefanda *Lei de Locação de Serviços*. Foi ella a primeira a denunciar ao Velho Mundo esse attentado e a prevenir que ninguem embarcasse para o Brazil, sujeitando-se a contractos draconianos.

« Todas as autoridades, diplomaticas e consulares são concordes, que « *jámais o immigrante foi respeitado neste Imperio, como depois da fundação da Sociedade Central de Immi-gração.* »

« Basta ler a collecção dos nossos *Boletins*, para reconhecer-se, que não ha problema algum, connexo com a immigração, que não tenha sido estudado, discutido, ventilado, expellido e propagado com uma independencia e coragem, de que debalde se procurará igual em qualquer paiz do mundo.

« Liberdade religiosa, completa e absoluta; casamento civil; propriedade territorial immediata; grande naturalisação; identificação perfeita em todos os direitos civis e politicos; tudo, tudo, tem pedido, tem requerido e tem exigido a *Sociedade Central de Immi-gração*.

« Mercê de Deos — ; hoje, dous annos depois de nossa iniciação na propaganda, não precisamos dizer:— « *Nós vamos fazer; Nós faremos — Nós havemos de fazer.* »

« Nós podemos hoje dizer, sem a minima vangloria:— « *Nós temos feito; Nós fizemos; Nós estamos fazendo!* »

« Sim! Em dous annos, nós creamos uma idéa nova no Brazil; nós centuplicamos a generosa PROPAGANDA ABOLICIONISTA; nós avançamos ovantes, emquanto nossos illustres irmãos preparam novas armas para novos e mais renhidos combates; nós temos sociedades filiaes, creadas por TAUNAY KOSERITZ e ENNES DE SOUZA, desde a provincia da Bahia até os limites meridionaes do Imperio do Brazil.

« Já nos é dado dizer:— aquelles, que ainda não confiam na pureza e na verdade da SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO, aquelles que duvidam e motejam, são entes refractarios a qualquer sentimento generoso e nobre; não têm, no proprio coração, os elementos necessarios para assimilar as devotações do mais puro e acrysolado Altruismo.

« Não appellamos para milhares de filhos da Europa, que têm adquirido no Brazil fortunas colossaes, e que assistem de braços cruzados, quando não o injuriam e contrariam, ao trabalho homerico da *Sociedade Central de Immigração*, esforçando-se por esquecer quanto devem á sua nova Patria, e por jámais recordar que os seus compatriotas do Velho Mundo soffrem frio e fome, sem terra, sem trabalho, sem meio algum de exercerem seu talento e sua actividade...

« Não appellamos para a plutocracia aristocratisada. O ouro communica sua frialdade e sua dureza ao coração...

« Aquelles, que se aristocratisam pelo dinheiro, adquirem logo a indifferença surda, o egoismo feroz, a obcecação fatalista dos senhores feudaes, que suppoem ter nascido para usufruir, no turbilhão dos prazeres, os productos do trabalho, da abnegação e dos sacrificios de seus semelhantes.

« Nós nos dirigimos, cheios de confiança, aos novos Brasileiros, áquelles que ardem de enthusiasmo por TAUNAY, áquelles que, cheios de gratidão e de reconhecimento, querem dar á sua patria adoptiva horizontes infinitos de grandeza e de prosperidade.

« E' aos amantes apaixonados deste Eden inimaginavel de céo azul, de palmeiras elegantissimas, de cascatas paradisiacas, de Guayras e de Paulo-Affonsos, de montanhas altivas, de Itacolumis e de Itatiayas, de rios indescriptiveis, de S. Francisco e de Amazonas; é a esses que convidamos para virem completar a obra começada.

« Que em cada região immigrantista se forme uma pequena companhia para providenciar sobre tudo quanto fôr de interesse da immigração.

« Tome cada um nada mais do que uma só acção de 10\$000. Vós sois para mais de 600.000, e esse pequeno sacrificio produzirá logo o capital de 6.000 contos de réis.

« Comprai terras ; dividi-as em lotes ; mandai vir vossos parentes e vossos amigos ; ensinai-lhes ; ajudai-os nos primeiros tempos, sempre tristes e difíceis ; assegurai-lhes a propriedade territorial ; cumpri, emfim, todo o programma, contido nos prospectos dos « *Bancos Regionaes de Immi-gração.* »

« Escrevei incessantemente, para a Europa, para vossos parentes e para vossos amigos.

« Juntai ás cartas vossos retratos e as photographias das vossas propriedades.

« Dizei a verdade por inteiro ; tudo, tudo ; o que ha de bom e o que ha de máo ; mas terminai sempre repetindo que existe no Brazil um homem, que se chama ALFREDO TAUNAY, para o qual o bem-estar e a prosperidade do immigrante formam a mais alta e a mais nobre aspiração, e que elle é o Vice-Presidente-fundador da SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO.

« Rio de Janeiro, 24 de Outubro de 1885. »

(27) Não tratemos de fixar o maximo dos preços—é erro economico. Não se referiu o Dr. Couty ao commercio de café em casca, que o activo e illustrado director, nosso collega, o Sr. Gustavo Trinks, iniciou com grande exito.

Não somos, comtudo, partidarios da expansão desse commercio, embora de facto possa elle ser, durante algum tempo, de utilidade ao immigrante proprietario, libertando-o da exigencia e do monopolio dos engenhos centraes.

A exportação do café em casca traria a inutilisação de enorme capital empregado nos engenhos e, provocando a creação de industrias novas na Europa, que se encarregariam de todos os processos de beneficiamento do producte bruto, tiraria ao Brazil a superioridade que, em artigo café, elle

alcançou em todo o mundo. O nosso objectivo deve ser pelo contrario exportar o nosso principal genero de producção aperfeiçoado quanto possivel, reduzido até a pó ou em placas, como as de chocolate.

Durante a guerra do Paraguay, o exercito brasileiro recebia café torrado e moido perfeitamente acondicionado em barricas forradas de chumbo.

Desde então, organisaram-se estabelecimentos no Rio de Janeiro com machinismos para separar, limpar, brunir o café, para torrar e moel-o ; e o uso de comprar os pacotes já promptos e de firmas conceituadas vai-se generalizando.

« Esperemos, diz o eminente Dr. Rebouças, que em breve as industrias realizem uma revolução completa, abolindo o imperfeito e primitivo systema de exportar café em saccos, furados por africanos boçaes e enviando o producto prompto para o consumo immediato e empacotado de modo a poder brilhantemente figurar nos mais luxuosos armazens de Londres, Pariz, Vienna, Berlim e New-York. »

Parece-nos de todo o ponto inconveniente e insustentavel o Aviso ultimo do ministerio da Agricultura, baixando o preço do transporte de saccos de café em casca ou em côco, como chamam, embora o producto tome assim muito mais espaço e portanto se torne mais incommodo.

Melhor consideração de graves interesses de ordem superior fará sem duvida com que seja revogada aquella determinação.

(28) Teria sido util experimentar os engenhos centraes de café, que o Dr. Couty julga inconvenientes, a serem estabelecidos como foram os de assucar, e entretanto cuja organização deveria trazer resultados. No Cachoeiro de Santa Leopoldina (provincia do Espirito-Santo), os enge-

nheiros Drs. Goffredo Taunay e Silva Telles, inventores da importantissima, excellente e ainda mal apreciada machina de seccar café, estabeleceram com um modesto auxilio provincial um engenho central, embora em pequena escala, que deu logo grande incremento a toda aquella zona. Não tardou muito, e a subvenção foi suspensa pelo presidente Tostes com quebra da fé dos contractos e como prova curiosa, mas infelizmente á evidencia demonstrada, de que emprezas dignas e honestas não merecem entre nós apoio e protecção, quando não tenham por si o patrocínio de influencias eleitoraes e politicas e da celebre e nefasta advocacia administrativa. É tristissima verdade! O acto do presidente Tostes não tem justificação possivel!

(29) Fazendas hypothecadas aos bancos. (Vide Anexo n. 2.)

(30) *Influencia da politica nos bancos* — Só exorbitando dos limites deste escripto, é que devidamente profligariamos o abuso de fazer-se dos logares da direcção dos estabelecimentos bancarios meio de emprego para as maiores incapacidades, não só em finanças, como em todos os ramos da actividade intellectual, só porque, a poder de circumstancias fortuitas e que bem mostram o vicio da nossa organização social, chegaram a posição mais ou menos saliente na politica. Preside a essas pretendidas eleições, ou o mais incomprehensivel compradresco, que põe em risco os altos interesses dos accionistas entregando-os a entes incapazes e ignaros, ou então um pensamento de peita e corrupção. Já não se estranha, na Praça do Rio de Janeiro, quando companhias mais ou menos fallidas e necessitadas de favores do Governo, elegem para a presidencia da sua directoria

influencias politicas, na esperanza de assim angariarem com mais facilidade os beneficios do influxo official.

(31) Realizar-se-iam estes bellos pensamentos do Dr. Couty pela creação de bancos territoriaes, geridos por europeus e gozando do direito de emissão sobre fundo em ouro.

Eis o que acerca do mesmo assumpto diz o Dr. André Rebouças: « Repitamos, porque isto é importantissimo e foi plenamente demonstrado pelo illustre professor de Biologia Industrial: *« Só capitalistas europeus podem resolver o problema da subdivisão territorial. Os capitalistas nacionaes estão de tal modo compromettidos com os grandes proprietarios, que lhes é absolutamente impossivel dar combate ao monopolio territorial. »*

« Esses bancos, continúa o nosso illustre compatriota, podem tambem executar outras operações de mais auspicioso futuro, v. g. comprar as vias ferreas em crise, como a de Rezende a Arêas e simultaneamente as fazendas marginaes, dividil-as em lotes para immigrants, crear pequenas cidades nas estações, repetir exactamente o processo Yankee, por meio do qual se levantaram, em oito annos, cidades que tinham correio, telegrapho, bancos, hoteis, escolas, e bibliothecas, isto é, tudo quanto ainda hoje pedem povoações deste Imperio, fundadas ha seculos, no obscurantismo dos tempos coloniaes ! »

VOTO DE GRATIDÃO

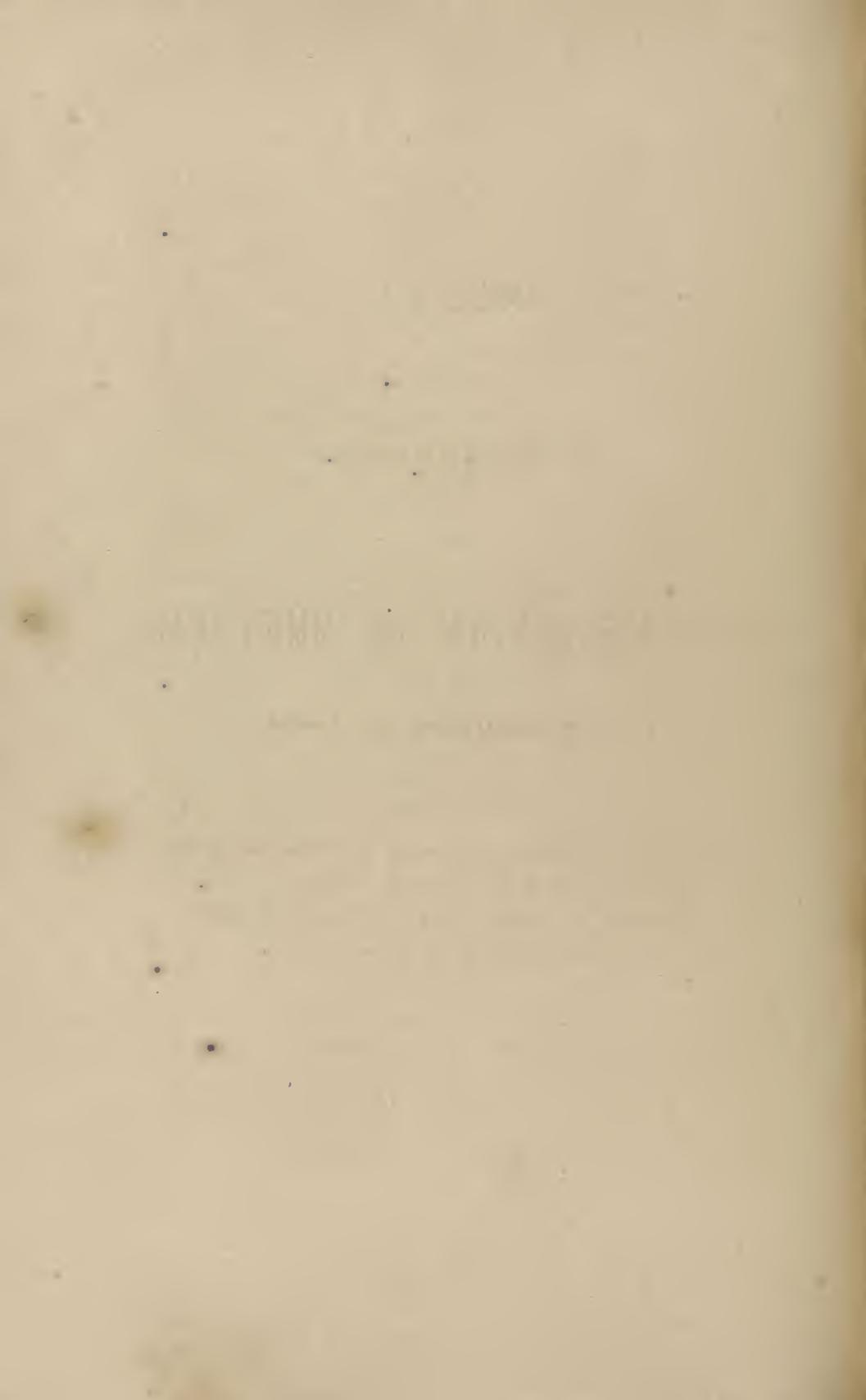
(32) Ao finalizar estas notas e este livro, cumpro, em nome da *Sociedade Central de Immigração*, rigoroso dever, externando todo o reconhecimento que devemos, quer como brazileiros, quer como americanos, ao eximio sabio Luiz Couty.

Ninguém melhor do que elle, ninguém com mais independencia e mais largas vistas, estudou o mais momentoso problema da nossa Patria e apresentou os termos em que elle deve ser resolvido.

Merece por isso a gratidão, já dos bons brazileiros, já dos francezes, que se devem desvanecer de ter a França enviado tal filho ao Brazil, já emfim de todos os europeus infelizes, desgostosos do Antigo Continente e desalentados. Foi pelo futuro de todos estes que elle tanto trabalhou, mostrando quão intimamente estão os seus interesses ligados á grandeza e prosperidade do Colosso Americano.

ESCRAGNOLLE TAUNAY.

Petropolis, 30 de Maio de 1887.



ANNEXO N. 1

O PROGRAMMA

DA

SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO

Em Setembro de 1886

*Extracto do discurso inaugural do Vice-Presidente
Alfredo de Escragnolle Taunay,
no Senado, na sessão de 10 de Setembro de 1886
e do pronunciado a 14 do mesmo mez*

importancia e urgencia do problema immigrantista.—Nativismo.—Os *Know-Nothings* ou os emperrados nos Estados-Unidos.—Seleção na immigração.—Victoria sobre a colonisação chinesa.—O Brazil franqueado á immigração européa.—Exemplo dos polacos estabelecidos no Paraná.—Colonisação é muito differente de immigração.—Creação do Ministerio dos Estrangeiros e da immigração.—Sociedade Protectora dos Immigrantes.—Colonisação nacional. Exemplo da Associação de Morretes.—Dignificação do trabalho.—Casamento civil.—Grande naturalisação.—Dificuldades a vencer pela *Sociedade Promotora da Immigração*, de S. Paulo.—Rescripto von der Heydt do 3 de Novembro de 1859.—Condemnação dos contractos de locação de serviços.—Abolição da pena de prisão.—Projectos de lei a apresentar.—Lei do Homestead.—*Torrens Act* ou transmissão da propriedade territorial por endosso.—Nova lei de terras.—Aperfeiçoamentos a fazer no projecto do Governo.—Abolição e immigração.—Appello ao Parlamento Brasileiro para prompta solução dos graves problemas connexos com a immigração.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — Eis-me chegado, Senhores, ao ponto desejado e começo affirmando com a solemnidade que posso dar ás minhas palavras, que sem esse elemento—o *Elemento immigrantista*—não ha esperar o desenvolvimento de toda esta nação...

... sem o concurso que nos podem trazer a sua actividade material e suas aptidões intellectuaes, sem os seus braços e o seu poder pensante.

Confio, Sr. presidente, que do Senado, corporação em que se congregam os maiores vultos do Brazil, hão de partir leis e determinações, que sirvam de ponto

inicial a um grande movimento, do qual devem decorrer consequencias todas ellas auspiciosas e que vençam as resistencias dos espiritos teimosos e obscurantistas.

Senhores, nós não podemos contar tão sómente com os recursos de casa, conforme em aparte me lembrou o nobre senador por Minas-Geraes.

Assim como acontece com outras nações da America, precisamos receber da velha Europa o contingente de que tanto necessitamos para dar expansão ás forças occultas do paiz, ás riquezas naturaes desta bella terra, sobretudo quando ellas se acham espalhadas por tão grandes vastidões e entregues á desolação do deserto.

Durante muitos annos tambem nos Estados-Unidos esteve em voga a doutrina, que o meu digno collega por Minas Geraes concretizou em poucas palavras: aproveitar os elementos de casa.

Não foi, entretanto, sinão depois que aquella grande nação encarou mais largos horisontes, depois que adoptou providencias bem travadas, decretou sem cessar leis generosas, tomou disposições emanadas, quasi que diariamente, do Poder Legislativo; não foi sinão depois dessa iniciativa da ordem moral e material, que ella chegou a invejavel grão de possança e prosperidade, collocando-se quasi que de repente entre os primeiros povos do globo, de modo que a bandeira estrellada em pouco tempo pôde tremular ao lado dos mais velhos, mais respeitados e orgulhosos pavilhões da Europa.

Sr. presidente, ao Brazil neste assumpto até cabe felicidade não pequena, qual seja podermos aproveitar

os exemplos e as lições que nos deram outros povos necessitados de immigração, proporcionando-nos meios de escolhermos o elemento que mais nos convenha, o que se resume nestas poucas palavras: *selecção na immigração*.

Podemos assim ver qual o centro emigratorio mais proprio para que os filhos venham conviver conosco, que estejam mais de accordo com a nossa indole e costumes, e sejam mais convenientes ao nosso progresso.

Foi esta uma das mais valiosas razões, por que me colloquei á testa da valente cruzada, que combateu com tanto vigor e tão pleno e applaudido exito a perniciosissima idéa da introduccção do trabalhador chinês no Brazil, que a inconsideração das nossas cousas e a especulação queriam apresentar como succedaneo natural e altamente aproveitavel do braço escravo. (*Apartes.*)

Na occasião em que o Brazil luta com tantas difficuldades para ver-se livre da detestavel escravidão, não era possivel que viesse substituil-a uma ordem approximada de cousas, que em futuro bem proximo acarretaria difficuldades talvez iguaes áquellas com que temos arcado. (*Apartes.*)

Felizmente parece que o bom senso brasileiro se levantou em peso para obstar tão fatal tentativa, que a Republica Argentina, no seu constante empenho em considerar com espirito prevenido os nossos factos, immediatamente qualificou de crime de leso-americanismo, chegando até a mandar-nos desagradaveis communicações officiaes. (*Apartes.*)

Sr. presidente, no momento presente e com o fim de

começar neste agosto recinto a tratar de questões a que me tenho inclinado particularmente e para as quaes de continuo se voltam com mais gesto meu pensamento e o minha reflexão, preciso accentuar a differença que faço entre immigração e colonisação; e a este respeito ha de o meu nobre amigo o Sr. ministro da agricultura permittir, que eu mostre algum pezar por certos actos do seu ministerio, que não me inspiram nem sympathia, nem approvação. (*Apartes.*)

A pasta dos negocios da Agricultura, em um paiz como o nosso, em que tudo está sinão por fazer, pelo menos por desenvolver, é a de mais larga responsabilidade e que exactamente por isso mais serviços nos póde prestar. Entretanto, se em alguns assumptos tem o actual e honrado Sr. ministro patenteado largueza e segurança de vistas, em questão de immigração elle as tem encarado por modo bastante acanhado e restricto. Aliás os seus auxiliares mais directos são pessimos, como mostrarei em outro discurso e constituem um dos grandes obstaculos, que se oppoem a boas e imprescindiveis reformas.

Noto, Sr. presidente, por parte de S. Ex. uma preocupação constante e que não corresponde ás minhas esperanças. Esta preocupação é a da introducção de trabalhadores agricolas.

Não é disto, senhores, de que carece principalmente o Brazil...

O Brazil precisa de braços, é certo, mas antes de tudo precisá de collaboradores da grandeza nacional. (*Apoiados.*)

Si não fosse isto eminentemente pratico, os Estados-Unidos não estariam no lugar que hoje occupam na lista das nações ; nem a Republica Platina mostraria tantas esperanças e confiança no futuro. (*Apartes.*)

Temos lugar para tudo. (*Ha outros apartes.*)

O Brazil, senhores, é grande, é immenso. O seu territorio contém todos os climas, todas as condições. (*Apoiados.*) Por causa das suas colossaes proporções, que o indicam de prompto ás vistas de quem lance os olhos para um *mappa mundi*, precisa de politica larga e grandiosa tambem. Não é com expedientes corriqueiros, que levantaremos este gigante e o faremos caminhar e representar papel conspicuo no congresso universal da civilisação. (*Muito bem. Apartes repetidos.*)

Sr. presidente, promover immigração é abrir de par em par as portas de um paiz novo como o nosso a todos os bons elementos de trabalho, quer para a agricultura, quer para a industria, para as artes, emfim para as multiplas fôrmas da actividade humana, e dizer a esses homens de boa vontade : « Venham ; aqui encontrareis toda a protecção possivel, as leis mais largas e generosas. Aqui, bem depressa identificados com todo o povo nas suas aspirações de progresso e felicidade, podereis, em pouco tempo, tornar-vos prestimosos cidadãos empenhados no pensamento commum do engrandecimento da vossa nova patria ! »

Isto é o que se chama trabalhar pela immigração, e de certo nas diversas disposições e tendencias do actual Sr. ministro da Agricultura não enxergo, não

encontro impresso este cunho moral de tão largas consequências.

Vejo, como já disse, sempre a preocupação da aquisição de forças para assim dizer meramente mechanicas, quando não precisamos só dellas, porém sim das grandes energias moraes e intellectuaes de quantos queiram vir collaborar connosco. E só assim este paiz immenso, avigorado pelôs elevados sentimentos que nos pôde infundir a immigração, isto é, a aquisição de grandes cabedaes de robustez, estimulos e riquezas, caminhará desassombrado pela franca estrada do progresso !
(*Muito bem !*)

Eu quizera que o nobre ministro da Agricultura de uma vez abandonasse não preconceitos, pois S. Ex. não os tem, mas certos receios a que parece subordinar o seu esclarecido e patriotico espirito, tão dado ao estudo e á meditação. Aliás, senhores, se aqui estes receios tomam uma feição de indecisão, cumpre não esquecermos que nos Estados-Unidos, — o paiz exemplo em immigração, — manifestaram-se elles sob fôrma violenta, intransigente e altamente perigosa, que se denominou — *nativismo*.

Naquella grande Confederação os americanos da gemma batiam nos peitos e bradavam com feroz altanería : « Não queremos saber nada ; somos os *know nothing* ; queremos ficar assim ; queremos permanecer na nossa ignorancia ; cercados de trevas, repellimos a luz que nos venha de fóra. Agrada-nos a nossa estagnação, nella nos comprazemos, porquanto affaga e convém ao nosso patriotismo. Se nos desenvolvermos,

será unicamente pelos nossos esforços e pelos recursos, que a boa vontade nacional saberá aproveitar. » Diziam isto, senhores, e não houve arma de que não lançasse mão o nativismo. Era a luta da civilização em suas ambições nobilissimas e illimitadas com o obscurantismo tacanho e ferrenho. Acredito que no Brazil existe *nativismo*, e elle se manifesta sob as mais variadas fórmulas... (*Muitos apartes.*)

Mas, acredito tambem que as barreiras levantadas e accumuladas por esses sentimentos falsamente patrioticos hão de aqui aluir-se com muito mais facilidade (*apartes*), do que aconteceu na America do Norte.

Tenha V. Ex. plena cofiança, de que o estrangeiro vindo para este paiz realizará a prophecia do poeta latino *ubi bene, ibi patria*. Para tanto basta até pouca cousa. O Brazil pôde ser a terra da promissão para quantos desanimados e infelizes a Europa nos envie.

Que receio pôde por exemplo nutrir o nobre senador nos seus sentimentos de nativismo, si é que os tem e os defende... do desgraçado polaco, que não tem mais patria na Europa, que se vê por todos os lados perseguido, que está debaixo da pressão e por assim dizer do latego de poderosos donos e que, impellido pelo furacão mais desencadeado de desgraças, uma vez chegado ao Brazil, aqui acha tranquillidade, aqui acha paz para si e seus filhos, acha trabalho e terra fertil, não vê mais sua casa varejada, nem sua consciencia opprimida? Como é que S. Ex. pôde ter receios, de que alguma vez se originem no coração desse

homem outros sentimentos que não sejam de gratidão immensa para o paiz onde elle, pela primeira vez, gozou do bem supremo da liberdade, ligado a completo socego de espirito? O homem feliz não pensa em mal, estejam todos certos. As agitações do povo na Europa provêm geralmente da miseria e da compressão. Os immigrants...

Continuo, Sr. presidente. Bem differente na phraseologia moderna scientifica é a palavra — colonisação. E com prazer vejo que em documentos officiaes e na linguagem geral, esta palavra vai desaparecendo. Mostramos assim entender mais um pouco do riscado. Precisamos dar aos vocabulos a sua verdadeira significação.

Colonisação, Sr. presidente, é nas nações européas aspirar formar por meio do excedente da sua população, superior aos meios normaes de producção, estabelecimentos e centros commerciaes e agricolas em longinquos pontos do globo, procurando, porém, sempre ligal-os pelos apertados laços de interesses administrativos e politicos.

Assim, com verdadeiro rigor scientifico, falla-se nas colonias inglêzas, porque a Inglaterra, dotando estes estabelecimentos com leis sabias, amplas e largas, mantém sempre cautelosamente todas as ligações que devem prendel-os á mãe patria, como metropole. Demais, a palavra colono nos lembra de continuo a etymologia, a cultura da terra e cultura como a entendiam os poderosos e os senhores possuidores de servos da gléba — uns a trabalharem em proveito de outros.

Mas, senhores, o pensamento no Brazil deve ser totalmente outro ; e com toda a razão, pois, é de vantagem vermos em quantos emigram cortadas, mais depressa possível, essas ligações moraes com a patria. Este é que é o escôpo altamente politico. Para tal resultado, que o nobre senador pela provincia da Bahia com tanto ardor lembrou e com tanto patriotismo deseja ver realizado, concorrerão as verdadeiras idéas sobre a immigração, pois assim auxiliaremos e apresentaremos a identificação dos filhos dos outros paizes aqui chegados com os brasileiros natos.

Querer no Brazil só colonisação é dar de barato os grandes sentimentos que todo o homem consigo leva ; é olhar sómente para interesses de momento. Immigração, pelo contrario, é a absorpção do individuo com todas as suas energias materiaes e moraes. Deixemo-nos dessa especialidade : querermos só trabalhadores para as fazendas desprovidas de braços. Alarguemos mais as raias do nosso programma de governo, trabalhando conjunctamente para a riqueza do paiz e a elevação geral da patria.

V. Ex., Sr. presidente, não deve ignorar que poucos são os livros a que se possa recorrer em tão delicada materia. Neste particular temos Leroy Beaulieu, obra notavel, porque trata com muita individuação e desenvolvimento destas questões, que devem ser a preocupação de todo o bom brasileiro. Leroy Beaulieu, porém, considera o assumpto debaixo do ponto de vista mais europeu — préga principalmente a colonisação, a organização de estabelecimentos francezes em varios pontos

do globo, mas estes conservando sempre todos os liames politicos. A immigração, senhores, se mantém e robustece as ligações commerciaes, corta porém e aniquila as politicas. Eis o seu primeiro resultado. O problema é um para o pensador europeu ; outro para o americano.

Sim, senhores, todo o livro de Leroy Beaulieu está subordinado a este pensamento : a grandeza da França por meio da politica colonial.

Sr. presidente, a palavra — colonisação — recordando, como eu de passagem já disse, o cultivo da terra, é comtudo perfeitamente applicavel aos centros agricolas, que a bem entendida direcção governamental organizar em terras devolutas com filhos do paiz, com os nacionaes. Assim, diremos perfeitamente : immigração europêa, colonisação nacional. Eis o esplendido objectivo, para o qual devemos todos voltar os olhos. (*Apartes.*)

Eis o grande programma de governo, que deve levantar esta nação, si não subitamente da atonia, da apathia em que se acha, da irresolução e incertezas do futuro em que vive, pelo menos ha de abrir-lhe horizontes novos, mais risonhos e muito mais largos, do que os que ella até agora tem contemplado. (*Apoiados.*)

Sr. presidente, attribuo, não direi indifferentismo, pois fôra injusto e sou sincero admirador do nobre Sr. ministro da Agricultura, mas certa despreocupação por parte de S. Ex. em tão importante assumpto á grande accumulacão de materias que pejam a importante pasta de que está encarregado tão illustre pa-

triotá, o qual aliás não é devidamente ajudado pelos seus auxiliares naturaes.

Por considerar um tanto as cousas do meu paiz, eu veria, senhores, com grande prazer tomar-se uma medida, que teria logo grande significação e alcance:

Era separar da pasta da Agricultura este importantissimo ramo da immigração e colonisação, que tem sido até ao presente tão descurado, muito embora haja absorvido grandes sommas de dinheiro, muitas dellas inutilmente gastas.

Entregue a solução de tão momentosas questões que entendem com o porvir do Brasil aos cuidados dos politicos mais illustrados, mais prudentes, mais conhecidos do paiz, haveria enorme proveito, sendo todas as despezas feitas com real e fructuosa applicação em todos os sentidos.

Essas despezas entrariam immediatamente na classe das mais remunerativas. Boa administração e conhecimento exacto das cousas valem milhares de contos de réis.

Se a idéa de aggravar as despezas com a criação de mais um ministerio pôde assustar a alguns espiritos, sobretudo no momento delicado em que se acha o paiz, eu quizera entretanto que a questão merecesse mais attenção de todos os poderes publicos e que do seio do parlamento partissem continuos actos, que ajudassem um grande movimento immigratorio. Afinal, senhores, o que quer dizer para uma nação como esta uma média de 25.000 immigrantes por anno, quando a Republica Argentina já recebe mais de 100.000? Aliás a immi-

gração européa não depende tanto da protecção immediata deste ou daquelle governo e de favoresinhos que se lhe faça, como de leis partidas do Parlamento. Não foi sinão assim, que os Estados-Unidos chegaram ao ponto em que se acham, e que outros paizes vão caminhando com grande presteza a deixar-nos muito atrás. (*Apartes.*)

Isto não é depreciar ; é fallar a verdade e apontar um perigo. (*Apoiados.*)

A Republica Argentina visa francamente alcançar um objectivo : o primeiro logar entre as nações da America Meridional ; e está no seu direito, pleno direito. (*Apartes.*)

Eu quizera, senhores, que o parlamento tivesse já decretado leis bem pensadas sobre esta questão, leis protectoras dos immigrants, leis modificadoras dos costumes, infelizmente ainda muito atrasados no interior do paiz, e de tradições ferrenhas, que devem ser destruidas por meio da acção de benefica influencia legislativa e de energica propaganda.

A este respeito, lembro ao meu nobre amigo, que tão dignamente occupa a pasta da Agricultura e a quem rendo as homenagens do meu respeito e elevadissimo apreço, a acção das sociedades de immigração, a que S. Ex. não dá, nem jámais deu importancia. Ellas começaram modestas, mas vão tendo influxo directo e muito salutar sobre a opinião publica de todo o paiz. Entretanto o Relatorio de S. Ex. sobre ellas nada disse. Parecer-lhe-iam factor insignificante, cousa sem valor algum ?

Tomo a liberdade de ler ao Senado um trecho para mostrar a parte immensa que essas associações desinteressadas e desprotegidas podem ter no problema, trazendo uma solução tão grata quanto inesperada às grandes difficuldades que se travam em torno destes assumptos.

Sr. presidente, sendo adepto fervoroso e entusiastico da immigração européa, tenho soffrido a injusta accusação de que, antes de tudo, procuro a felicidade e o bem-estar do estrangeiro com detrimento do brasileiro, que é meu patricio e meu concidadão. Isto até já foi arma de guerra eleitoral, usada com deslealdade e á farta pelos meus inimigos e desaffectedos na provincia de Santa Catharina. E entretanto, quero e sempre tenho querido considerar o problema debaixo de todas as suas faces, em todo o seu travamento e connexão.

Quero a introducção do precioso elemento do trabalho estrangeiro ; mas quero ao mesmo tempo a utilização do valioso elemento do trabalho nacional, aproveitando quanto possivel essas forças vivas, esparsas por todo o paiz e que não têm sido chamadas á grande officina nacional...

... e se isto acontece, senhores, si se dá esse desaproveitamento, é pela influencia de todas as tradições, que sem receio algum, eu classifico fataes e deprimentes, resultantes da escravidão...

(*Ha outros apartes.*)

De outro lado habitos inveterados, muita instabilidade e oppressão dos ricos e poderosos sobre os fracos e desprotegidos. (*Apartes.*)

No Brazil já ha muitas zonas, onde virtualmente desapareceu a escravidão. O emigrante, aliás na quasi totalidade dos casos, o que quer, no começo da sua vida nova, é encontrar estabilidade, leis protectoras e trabalhar para si. Depois é que elle se immiscue nas cousas internas e politicas do paiz.

Por isto tambem é que os europeus emigram para a America, na esperanza de encontrarem uma melhor posição, a principio material, depois social.

O que desejo é tão sómente romper essas pêas que impossibilitam o Brazil de marchar com facilidade por uma estrada que está, para assim dizer, aberta deante dos seus passos.

Dizia eu, Sr. presidente, considerando o trabalho nacional, que as idéas emanadas da escravidão, dividindo a sociedade em duas classes, uma dos que podem deixar de trabalhar e outra dos que devem sempre trahalhar, concorreram para esse pouco amor e desrespeito ao trabalho. A grande aspiração do brasileiro deve ser hoje a dignificação do trabalho.

Sr. presidente, respondo á accusação, a que ha pouco me referi, de amor exagerado pelo elemento estrangeiro com prejuizo dos verdadeiros interesses nacionaes, lendo ao Senado umas palavras e informações curiosas do presidente da Sociedade de Immigração de Morretes.

Não é autoridade nenhuma; é um homem muito modesto, mas que diz cousas que hão de impressionar o espirito de V. Ex., porque acredito piamente que este espirito está sempre aberto á verdade, e prompto para receber boas inspirações.

Sr. presidente, V Ex. nem pôde imaginar os serviços que prestou aquella modestissima Associação de Imigração durante a minha administração no Paraná.

O municipio de Morretes como que recebeu nova vida, sentio robustecidas as suas crenças no futuro e se transformou ; e V. Ex. vai ver como vou ao encontro de todas as objecções do nobre senador pela provincia da Bahia, que tanto me tem honrado com seus apartes. O presidente da Associação de Morretes, meu bom amigo, o Sr. Gabriel Pinto da Silva, applaudindo a resolução, que eu tomára como presidente da provincia do Paraná, de distribuir lotes de terrenos a nacionaes morigerados e de tratá-los do mesmo modo que o immigrante europeu, diz as seguintes palavras, que, estou certo, são credoras da attenção do Senado.

Estamos agora encarando a questão em terreno restricto e pratico e não precisamos recordar grandes theorias.

Tem sido um grande mal para o Brazil discutir muita theoria de fôrma escolastica e descurar a pequena pratica, quando os resultados della, sommados muitas vezes, produziriam grandes consequencias.

Em estradas de ferro, vejam quanta bella theoria e quantas decepções na pratica !

Ouçamos, porém, o que diz o Sr. Gabriel Pinto: (*Lê.*)

« Illm. e Exm. Sr.— Em companhia do agrimensor o Sr. Adalberto Gelbk, enviado por V. Ex. para orçar todos os serviços das pontes e estradas, que têm de ser feitos em alguns dos nucleos immigrantistas deste municipio, tive occasião de mais uma vez notar o es-

tupendo e repentino incremento dos mesmos nucleos, quer em plantações, quer em concertos de estradas e pontilhões que têm sido feitos, depois que esta Sociedade começou a exercer acção perseverante e continua, graças á benéfica e fecunda autoridade de V. Ex. Tem sido altamente proficua esta importante medida, devida á administração de V. Ex., de animar, por todos os meios, e por intermedio das associações de immigração aos immigrants e nacionaes a empenharem-se na lavoura, de onde dimanar o engrandecimento do paiz. A julgar por esta Sociedade, uma das menos importantes, o seu alcance é grandiosissimo.» (*Apartes.*)

Fundei essa Sociedade em Novembro de 1885.

« Os nacionaes não querem ficar á retaguarda dos estrangeiros, e conquistam já muito terreno. Dizem elles : « Dê-mos terra e um pequeno auxilio, que, « como os estrangeiros, saberemos trabalhar e cultivar « as plantas proprias do nosso paiz : pobres, porém, « como somos, e faltando-nos o apoio de um Governo « protector, ficamos ociosos, porque nos faltam todos os « elementos, que são as boas terras e o exemplo, de « que aproveitamos muito ! »

« E realmente, Exm. Sr., fiquei completamente abysmado. O nucleo Sesmaria, quasi todo abandonado pelos estrangeiros e occupado por intrusos nacionaes, era, ha mezes, coberto de matto, até por cima das estradas ! Não havia um só pontilhão, nem transitos possíveis. Os que alli viviam, só a pé e para irem caçar é que por lá passavam. Entretanto hoje, depois que elles tiveram seus titulos distribuidos por ordem de V. Ex.,

promessas de ficarem proprietarios dos seus lotes sentem estimulos e esperanças e transformaram tudo. A estrada já é franca, podendo até transitar carros. Nada menos de 23 pontilhões, alguns delles com 6 e 8 vigas grandes, foram feitos pelos proprios moradores, que pedem hoje unicamente o auxilio do Governo para a ponte sobre o Sapitanduva, cujo dispendio, já relativamente elevado, suas forças não comportavam.

« O movimento do trabalho é regular, e em breve teremos de colher os bellos resultados da aurea administração de V. Ex., apoiado na intervenção das associações de immigração. Continue V. Ex. a depositar a mesma confiança que tem dispensado a esta que tenho a honra de representar, e ella será solícita no cumprimento de seus deveres.

« Aproveito a oportunidade para pedir a V. Ex. a devolução dos titulos velhos, afim de serem aproveitadas as plantas annexas aos mesmos. »

Eis, senhores, uma informação, que considero altamente instructiva e, ainda mais, muito honrosa para o povo brasileiro. (*Apartes.*)

Senhores, quão fructiferos não serão todos os ensaios feitos no sentido do que se praticou em Morretes? Para que essa descrença, esse desanimo prévio, de que se fez écho o nobre senador pela Bahia? Haja fé na transformação. O exemplo será fornecido pelo immigrante estrangeiro. O nacional dará valente applicação a tudo quanto aprender na escola da nobilitação do trabalho.

Não ha como cremos nos destinos deste paiz. São, devem ser grandiosos. Estudemos os seus males, vejamos remedio para elles. A fé derroca montanhas. (*Apartes*). Pois bem, por patriotismo, abstraiamos dessa politica, já que ella é tão perniciosa. Procuremos garantir o trabalho nacional. O trabalhador nosso é vagabundo por não encontrar regalia alguma ; são homens opprimidos pela idéa de que são sempre intrusos e com justiça podem ser desalojados da terra que têm regado com seu suor. D'ahi a preguiça, o pouco amor ao local onde permanecem, mas que não lhes incute o sentimento da estabilidade.

Em todos os factos da administração deve predominar o grande principio da divisão do trabalho. Se não temos esta questão da colonisação nacional bem encaminhada, é pela absorpção de poderes que se tornou tradição em todos os Governos. Querem por si, e só pelas repartições da côrte, tudo resolver e parecem dispensar com gosto o concurso da boa vontade e iniciativa de quantos cidadãos estariam mais no caso de ajudar o ministro com suas informações e alvitres. E foi o desejo de adquirir essa grande coadjuvação, que me levou a crear associações de immigração em todos os municipios da provincia do Paraná.

Não censuro particularmente o nobre ministro da Agricultura, embora S. Ex. não pareça depositar grande confiança naquellas sociedades. Atseguro, porém, a S. Ex. e ao Senado que dessa aggremação de homens, que conhecem palmo a palmo os seus municipios, pôde vir solução a muitas difficuldades. O que ellas têm já

produzido, ainda que em limitado circulo, faz crêr que com pequeno impulso se conseguiria muita cousa e muito melhor, do que resolveria o Governo central, depois de ouvir todos os seus empregados de confiança. (*Apartes repetidos*)

E', senhores, lisongeiro para mim que, sobretudo em hora tão indiantada, ainda haja, por causa das idéas que suscito, tamanha animação aqui.

Quem, como eu, chegou ha pouco de fóra traz na defesa destas questões o mesmo calor com que as tem defendido, e nutre sincera esperança de realizar algumas das idéas de que se tem tornado...

UM SR. SENADOR: — De que se tem feito arauto, casamento civil, grande naturalisação, etc.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY: — De que se tem feito arauto. V. Ex. desenrolou fielmente a bandeira com que entrei nesta casa e que pretendo sustentar, ainda que só; o que de certo não acontecerá.

Nas palavras do nobre ministro da Agricultura vejo uma referencia a uma associação destinada à introdução de immigrants.

Permitta-me o illustre paulistá que eu lhe diga, que não tenho enthusiasmo por essa sociedade, que se propõe, embora desinteressadamente, a acudir ás difficuldades dos fazendeiros, proporcionando-lhes braços. E' sempre o mesmo objectivo acanhado e pernicioso, ainda que encarado com a melhor intenção.

O emigrante quando se derranca do sólo patrio, quando se atira aos azares desta empreza que os pensadores chamam o mais arriscado e penoso de todos os

commettimentos humanos — emigrar — é com um fim : o desejo ardente de tornar-se proprietario de um cantinho de terra, por pequeno que seja.

Quantas decepções, pergunto eu, esperam esses homens introduzidos pela Sociedade Promotora da Imigração ? Quanta desillusão cruel, ao terem que trabalhar para um fazendeiro que está prompto para proporcionar ao emigrante todas as vantagens, mas relucta sempre em abrir mão de qualquer nesga de terra, embora com retribuição quasi immediata ?

Esta é a verdade. Admiro muito S. Paulo. E' uma provincia que tem enorme iniciativa, mas não possui ainda a intuição da immigração. Está tacteando e, como tem muito dinheiro, chega por vezes a seus fins. (*Apartes.*)

Sr. presidente, se essa Sociedade Promotora puder conseguir alguns resultados bons, tambem pôde produzir inconvenientes, e basta qualquer motivo de descontentamento para que a repercussão nos centros de emigração seja muito grande. E' preciso não perdermos de vista, que ha nações rivaes que tratam de nos desacreditar, apresentando-nos como um paiz atrasadissimo, onde só se quer a escravidão e o chicote. Para prova do que affirmam, dando carregadas côres a quadros de certo tristes, fazem tambem sempre valer uma lei fatal aos nossos creditos, a lei de locação de serviços de 15 de Março de 1879. (*Apoiados.*)

Ha de V. Ex. Sr. presidente, permittir-me que manifeste ao nobre ministro da Agricultura, que considero espirito tão elevado, o sentimento de não ter visto

S. Ex. propôr ao parlamento a revogação completa de semelhante lei. Nella estão estabelecidas disposições verdadeiramente deprimentes para a dignidade do immigrante, sujeitando-o a ir para a cadêa, elle e sua familia, e ahi se acharem em contacto e de envolta com os maiores criminosos. Tiveram tal repercussão na Europa esta lei e as antecessoras, que o Governo prussiano confirmou o Rescripto lavrado a 3 de Novembro de 1859, conhecido por Avisos von der Heydt, que prohibia aos agentes de emigração encaminhiarem corrente emigratoria para o Brazil. E até hoje o *Reichstag*, o Parlamento allemão, não revogou essas leis, pois ainda entre nós vigora pena infamante para conseguir-se a execução de compromissos de trabalho. E aliás, vamos e venhamos, por esse meio nada se obtem. E' desenganar. Leis destas não prestam, são prejudiciaes a todos. (*Apartes.*)

Senhores, as nações civilisadas já eliminaram dos seus codigos a prisão por divida. Em relação ao pobre immigrante que fica sujeito a muitas especies de sanção, para que estabelecer como peculiar á lei brazileira justamente uma tão vexatoria como esta, da cadêa? Para que dar ao fazendeiro o poder de arrastar á prisão infelizes, que não puderam em certo e determinado tempo cumprir com todos os compromissos do trabalho a que se haviam obrigado?

Em nome da dignidade do Brazil e até por immediata vantagem nossa para conseguirmos a revogação total e completa do Rescripto von der Heydt, devemos para o anno cuidar sériamente de revogar, de uma vez

para sempre, esta detestavel lei de locação de serviços, que já não devia mais existir.

V. Ex., Sr. presidente, talvez não saiba que um patriótico diplomata brasileiro, em Berlim, o illustre Sr. Barão de Jaurú tem, ha muito tempo, batido instantemente nesta tecla: Emquanto o Rescripto von der Heydt existir em vigor na Allemanha como aterrador espantallo, dizendo aos filhos daquella nação: «Não emigrem para o Brazil ; alli ha perigo ; alli ha uma tyrannia organizada, que vos ha de levar á cadêa» ; emquanto existir esse espectro, não se poderá ter a esperanza de que se modifiquem os sentimentos da Allemanha official a nosso respeito, muito apezar das sympathias que o povo em geral tem mostrado por nós, o que deveria ter sido aproveitado, pois innumeradas são as vantagens a auferir com a introdução deste bellissimo elemento emigratorio no seio da nossa nação.

Senhores, ultimamente vi um aviso do nobre ministro da agricultura, que me impressionou desagradavelmente. S. Ex. declarou, mais ou menos claramente, que era intenção do Governo favorecer aquelles imigrantes que se destinarem especialmente ás fazendas, venham ligados ou não por contracto de locação de serviços.

Entretanto, Sr. presidente, quando agitei em 1884 esta questão na outra casa do Parlamento, um dos meus principaes argumentos foi-me proporcionado por S. Ex. o Sr. conselheiro Prado, que em uma carta, por vezes eloquente, demonstrava a inconveniencia radical da lei de locação de serviços.

Ella aliás corre impressa. E' um documento de grande valor. S. Ex. ponderava que devia ser considerada uma lei completamente caduca, pois que os proprios paulistas tinham vexame em applical-a.

Ora, senhores, como pôde referir-se o nobre ministro a essa mesma lei? Como querer conservar em nossa codificação tão liberal, tão bella, tão aberta a todos as grandes aspirações, como poder manter, á maneira de preciosa reliquia, aquelle acervo de disposições deprimidas da dignidade do immigrante e contrario aos leaes sentimentos humanitarios, a que o brasileiro tanto preito rende?

Precisamos com a maior celeridade possivel revogar a fatal lei de 15 de Março de 1879 que, reflexo de outras anteriores, contém em si determinações que se entre nós não têm mais applicação, dispõe, entretanto e com razão, contra nós o espirito dos europeus.

Mas, senhores, hoje, ainda hoje não estamos vendo na nova lei de terras apresentada pelo actual Sr. ministro da agricultura ao Parlamento mantida essa penalidade de prisão, o constrangimento corporal? Perguntarei, entretanto, a S. Ex. para que conserval-a, estatuil-a, ainda com menos razão ahi, do que na lei de locação de serviços? As bemfeitorias feitas nos lotes respondem, sem duvida alguma, pela divida do imigrante.

Quer V. Ex. vêr, Sr. presidente, até que ponto chegam as consequencias de uma lei mal pensada e com disposições que se prestam á prepotencia? Um fazendeiro de S. Paulo, pessoa respeitavel, philantropica

e que deixou de si bellas recordações, com toda naturalidade me dizia uma vez: « Sou um homem bom, mas muito teimoso; gastei dezenas de contos de réis em sustentar na cadêa colonos que não sabiam cumprir com os deveres, a que se haviam obrigado nos seus contractos.» Ora, Sr. presidente, eis ahi um brazileiro honesto e de bom coração, que fazia comtudo alarde de ter gasto muito dinheiro para castigar com a mais infamante das penas pobres homens que tinham vindo ao Brazil entregues ás mais doces esperanças e só encontraram decepções, e afinal foram conviver com assassinos e criminosos! Tudo por teimosia e por *mal entendu* de parte a parte.

Eis a consequencia desta terrivel lei de locação de serviços, que nunca foi applicada em nenhuma outra parte do Imperio sinão na provincia de S. Paulo, e ahi se tornou motivo de continuas e gravissimas questões com as potencias europeas, e ainda hoje serve de razão para essa restricção humilhante em relação ao Brazil, conhecida pelo nome de Rescripto von der Heydt.

Sr. presidente, a questão é muito séria; os poderes publicos aqui no Brazil não se têm occupado deste assumpto; mas o nobre senador pelo Rio Grande do Norte, que costuma viajar pela Europa, e que neste momento me presta attenção, deve confirmar que lá, quando se discutem as cousas do nosso paiz, sempre vem à baila a disposição ferrenha a que me refiro. Elles lá nos consideram como uma nação que não acolhe sinão com certa reserva e má vontade o emi-

grante que a procura, dando muito e muito mais importancia ao trabalho escravo que se estimula a poder do látigo.

Eis por que, senhores, o Brazil se acha como que isolado. Não fosse elle tão bello, tão seductor; tivesse os rigores dos paizes frios, do Canadá por exemplo, e ninguem viria para cá.

Com effeito, por que não havemos de agitar a questão do casamento civil e a lei da nacionalisação, que propuz na Camara? A grande naturalização deve ser decretada completa e perfeita, afim de ultimarmos o que já existe, e que não é pouco.

Pois é possível, senhores, não nos lembrarmos de dar andamento ao projecto do registro civil? Foi elle um dos bons serviços do gabinete 7 de Março e, no entanto, está aferrolhado nos archivos do senado. Por que não havemos de discutir e estabelecer uma lei modelada sobre a bella lei do *Home stead*, que é impedimento a graves vexames e põe de lado grandes difficuldades? Por que não havemos de estudar leis com o *Torren's Act*, a transmissão da propriedade territorial por endosso, que tão bellos resultados deu na Australia, na colonia Victoria, na Nova-Zelandia, no Canadá e está sendo adoptada nos Estados-Unidos e até na India Ingleza?

Por que não hão de ser motivo dos debates desta augusta casa as grandes questões que encerram o futuro e o engrandecimento deste paiz? Por que não havemos de seguir o exemplo de outras nações americanas, que pela consideração das suas mais urgentes

necessidades moraes e materiaes alcançaram remedi aos seus males e progresso e felicidade?

Pois havemos de continuar á maneira daquella princeza dos contos de fada, adormecida por cima de opulentos thesouros, só a sonhar com as nossas grandes riquezas naturaes, quando não temos meios de aproveitall-as, de fazell-as apparecer, de nos utilisarmos dellas?

Se examinarmos os archivos do Congresso americano, quantas centenas de leis relativas á immigração não encontraremos? Mas, si consultarmos os *Annaes do Parlamento Brasileiro*, para conhecermos o que decido e decretou o legislador brasileiro, e que attenção lhe mereceu tão momentoso assumpto, o que acharemos? Nada, tres vezes nada, vinte milhões de vezes nada!

E, senhores, não tenho eu visto sempre, na minha vida parlamentar, a desattenção com que é acolhido quem se occupa desses assumptos!

A lei de terras foi votada ha 36 annos; e foi preciso que o nobre Sr. Ministro da agricultura actual se lembrasse de reformall-a. Eis uma razão de sincero elogio a S. Ex., a quem faço justiça plena e completa. Os seus desejos, seus intuitos são bellos; mas S. Ex. esbarrou com grandes resistencias offerecidas pela inercia burocratica. A questão da immigração tem tido até agora não servidores leaes e activos, mas simplesmente parasitas, empregados que nem sequer fingem interesse por essa grande causa.

Não é occasião propria para analysar o projecto

novo de lei de terras. Quando chegar o momento da discussão, hei de mostrar a S. Ex. quaes as modificações que nelle julgo imprescindiveis. Estranho, contudo, desde já, que o nobre ministro viesse preconisar o principio do preço fixo para a venda das terras, indo de encontro á regra economica do que seja valor, isto é, a relação entre a procura e a offerta. As terras mais proximas aos centros de população hão de sempre ser mais procuradas do que quaesquer outras e portanto devem ter um valor muito maior. O principio da escala de preços da antiga lei de 1850 era muito mais bem pensado, era muitissimo mais razoavel. (*Apartes.*) Não comprehendo a que proposito se encravou agora aqui a questão da abolição. (*Novos apartes.*)

Vou, senhores, expôr uma observação que tenho feito: é a tendencia dos brasileiros mais illustres da época actual em procurarem levar todas as questões para a abolição, não tocando sequer de leve na immigração.

A explicação que acho, é que a abolição, entendendo poderosa e directamente com o sentimento, procede por arrastamento, de maneira que de momento desenvolve attritos violentos, representados de um lado por ardentes sympathias e de outro por ferrenha resistencia e assim toma logo character agitado. A immigração, entretanto, depende mais do pensamento, da reflexão e do espirito; e o brasileiro com os instinctos preponderantes da raça latina prefere sempre a discussão acalorada e vehemente da abolição a occupar-se com os assumptos mais calmos, e entretanto igualmente importantes e de futuro, da immigração.

Senhores, é necessario que o Parlamento considere com animo superior e sereno todas estas questões e as encaminhe á desejada solução, porque só assim, declaro terminantemente, as duas casas legislativas trabalharão devidamente para a grandeza e felicidade do Brazil.

Vou concluir, pedindo que todos nós, representantes da esperançosa nação brasileira, unidos num unico pensamento e com os olhos fitos em elevado objectivo, nos esforcemos por alcançar essas grandiosas medidas, que já avassallaram o mundo civilisado e que, por certo, não hão de esbarrar no Brazil, pois ellas afinal representam as grandes aspirações da humanidade e sem ellas não ha para os cidadãos de uma mesma patria, não ha para uma nação, progresso, felicidade e gloria!

(Muito bem ! Muito bem ! O orador é muito felicitado.)

Desigualdade das provincias em relação a S. Paulo.— A immigração mestra do trabalho nacional.— A Sociedade Colonisadora do Hamburgo.— Serviços prestados.— Centro de irradiação.

O SR. ESCRAGNOLLE TAUNAY.— Não quero, Sr. presidente, contrariar agora diversas proposições emittidas hontem (1) pelo honrado Sr. Ministro da Agricultura nesta casa, porque o debate se alongaria e tomaria character mais theorico do que pratico. Aliás não chegaríamos — estou certo — a um accôrdo, por encarmos o problema sob faces diversas.

Não posso, entretanto, deixar de assignalar a injustiça com que S. Ex., em immigração, parece querer tratar a todas as provincias do Imperio, com excepção da de S. Paulo, visto como S. Ex., dando preferencia ao systema seguido na bellissima provincia de que é filho,

(1) 13 de Setembro de 1886.

colloca as demais zonas administrativas em pé de desigualdade...

Como aquella provincia segue um regimen especial agricola, e o nobre Sr. Ministro insistiu na necessidade de sobretudo favorecel-o pela introduccão de braços fornecidos ás fazendas, implicitamente dá S. Ex. o primeiro logar nos favores a obter à provincia de S. Paulo.

Permitta-me o nobre Sr. Ministro que, referindo-me a este ponto do seu discurso, eu diga e affirme, que esse systema foi que produziu, sinão a totalidade, pelo menos o maior numero de conflictos e desagradaveis questões internacionaes, causados pelos contractos de locação de serviços, em que está marcada a pena infamante de prisão, como meio de compellir os immigrants a se desobrigarem de compromissos de trabalho.

Acho, Sr. presidente, muito louvavel e muito de applaudir a disposição ultimamente manifestada aqui por parte dos representantes das provincias no norte, para que a immigração tambem se encaminhe para aquellas regiões.

Acredito, com effeito, que ha muita cousa a fazer-se neste sentido; mas os nobres senadores, mostrando tal necessidade, parecem querer appellar simplesmente para a influencia do governo por meio da escala administrativa, de maneira que a acção, partindo das presidencias das provincias, vá ás camaras municipaes, aos delegados de policia e mais empregados e funcionarios.

Não é este, senhores, segundo penso, o modo mais

efficaz, porém sim acoroçoar quanto possível a criação de associações destinadas a fomentarem por todos os meios a immigração e a inocular no espirito das populações idéas que favoreçam esse grande resultado.

As Sociedades de immigração, organisadas em cada municipio, farão os presidentes das provincias e portanto o poder central conhecedores das circumstancias especiaes dos territorios em que ellas se achem estabelecidas e darão noticias exactas, minuciosas e grandemente aproveitaveis sobre as condições mais ou menos vantajosas para que se constituam nucleos immigristas. (*Ha alguns apartes.*)

Nem todas as provincias do norte têm — de certo, nisto concordo — largas regiões apropriadas para a introdução do elemento europeu. E' necessario attender-se a multiplas circumstancias climatericas; mas mesmo nessas provincias septentrionaes ha zonas muito convenientes para esse estabelecimento (*apoiados*), como, por exemplo, na parte mais montuosa do Ceará, terra na verdade muito quente, mas que tem a serra de Baturité, de Ibiapaba, onde a temperatura é positivamente deliciosa. (*Apoiados.*)

Em Pernambuco, na Bahia, ha faixas e não pequenas eminentemente proprias para a localisação do elemento estrangeiro. (*Muito bem.*)

Dirão : essas terras já estão occupadas. Mas, senhores, será de grande vantagem o governo compral-as, para introduzir nessas provincias o que chamarei o grande exemplo de trabalho.

Já declarei que o nacional é capaz de valente esforço

material, mas não tem ainda comprehensão do que seja a vida confortavel, nem sente esse conjuncto de estímulos, que induz a quem não nasceu rico a trabalhar constantemente, isto é, abandonar para sempre os hábitos de madraçaria, de indolencia, tomando amor sincero ao trabalho, o grande consolador do homem. (*Apoiados.*)

Desse amor é que provêm essas idéas de economia e nobres ambições, que vão a pouco e pouco guiando o operario, o agricultor, o cidadão humilde á honesta e respeitavel abastança e até á riqueza. (*Apoiados.*)

Senhores, considero este ponto muito importante. E' preciso nos lembrarmos, que não ha muitos annos o sul do Brazil se achava mais ou menos nas condições moraes em que se encontram hoje as provincias do norte, e que nessas regiões meridionaes já se modificou muito o modo de pensar e de viver dos trabalhadores nacionaes. (*Apoiados.*)

Portanto, é estribado em grandes razões e no estudo das nossas cousas, que considero a immigração a grande mestra do trabalho, e podendo — ou melhor — e devendo ter a influencia mais poderosa e de mais vantagem a bem da transformação de todo o paiz. Acredito piamente que um bom nucleo immigrantista estabelecido em uma provincia do Norte e em zona mais ou menos approximada ás condições climatericas que os europêos deixaram em sua patria, pôde ter grande influencia no problema que deve ser sempre presente aos olhos dos estadistas brazileiros — a transformação dos hábitos do trabalhador nacional.

Vou agora occupar-me mais particularmente com as

duas emendas que tive a honra de apresentar á casa. Refere-se uma á Sociedade Colonisadora de Hamburgo, e a este respeito é com certo desprazer, que vejo no relatorio do nobre Ministro topicos bastante deprimentes e que já provocaram pedidos de explicações na outra casa do Parlamento.

Como está redigido esse trecho do relatorio, que trata da Sociedade Colonisadora de Hamburgo, parece que ella é useira e veseira em não dar cumprimento aos seus deveres, e que o governo tem continuamente de lhe ir á mão para obrigar-a a executar aquillo a que se comprometteu.

Sr. presidente, affianço ao Senado que esta Sociedade foi, tem sido e é um dos mais brilhantes factores do desenvolvimento da provincia de Santa Catharina, que tenho a honra de representar neste recinto.

Só pôde apreciar devidamente o que ella fez, quem lá fôr e com os seus olhos verificar a transformação, que se operou em uma região completamente deserta até aos annos de 1849 e 1850 e infestada de indios, que ainda em 1853 matavam gente perto da lagôa de Saguassú. Só admirando de perto a formosura e civilisação daquella região e tudo quanto conseguiram os incessantes esforços dos directores da colonia, hoje cidade de Joinville, é que se pôde fazer justiça a essa Sociedade, que, assim manda a verdade reconhecer, tem sempre sabido cumprir com as estipulações do seu contracto...

Si por vezes não tem podido introduzir em varios

annos, o que faz no seguinte, a quantidade de emigrantes, que é obrigada a trazer para o Brazil, é devido ás circumstancias especiaes que acha nas cousas da Allemanha e ás difficuldades originadas principalmente dos descuidos do governo e da má vontade dos nossos agentes officiaes.

Sr. presidente, a cidade de Joinville é uma das mais bellas e curiosas do Brazil. Pòde-se dizer que é uma nova Petropolis, e quantos brazileiros lá vão ter recebem immediatamente uma lição pratica das verdadeiras maravilhas operadas por essa grande força que se chama — a Immigração. Ficam abysmados e comprehendem de chofre, que alli deve-se olhar mais para o resultado geral, attestado pelo grande facto, do que tirar de circumstancias especiaes e de momento motivos de censura.

Além disto, aquelle canto do Brazil tem servido de verdadeiro entreposto, por onde se escôa uma grande quantidade de laboriosissimos allemães, que se derramam por toda a provincia de Santa Catharina e ainda mais vão povoar a provincia do Paraná, encontrando-se até nos ultimos limites dessa provincia, além do Chapecó e Palmas, isto é, em regiões bem mal conhecidas, homens que foram trazidos por essa Sociedade Colonisadora. Considere-se quanto isto interessa todo o Imperio.

Não faço o nobre Ministro responsavel pela má vontade official que ha contra essa Associação. Faz muitos annos que ella luta com incessantes obstaculos, oppositos justamente pela repartição que deveria favorecer

com o maior empenho toda a sua dedicação, afim que desde mais tempo pudesse já ter tomado maiores proporções. Mas disto é do que não se cuida ; appellam para chicanas e, apesar dos muitos factos em contrario, tratam a Sociedade como se fosse composta de méros especuladores.

Senhores, o assumpto é melindroso. As difficuldades antepostas na Allemanha aos desejos da Sociedade Colonisadora de Hamburgo provêm principalmente de dous factos : primeiro, as leis prussianas, a que já alludi no meu primeiro discurso, firmadas na persuasão, em que está a Europa, de que os contractos de locação de serviços têm tido applicação, não simplesmente na provincia de S. Paulo, mas em todo o Brazil.

Assim pois, quando os agentes da Sociedade Colonisadora procuram activar o movimento emigratorio para aqui, encontram estorvos ora latentes, ora francos e positivos das autoridades, que por meio de editaes e artigos nos jornaes fazem lembradas aquellas leis altamente deprimentes para nós.

O Sr. Barão de Jaurú tornou isto bem claro : emquanto não se revogar no Brazil a lei de 15 de Março de 1879, tambem o *Reichstag*, o Parlamento allemão, não ha de suspender a acção moral que emana dos avisos von der Heydt.

Declaro a V. Ex. que estou informado do que se passa na Allemanha. Houve alguns esforços, o anno passado, para que o Parlamento allemão annullasse as disposições do rescripto von der Heydt, mas não foi possivel obter isto, porque os proprios defensores dos

creditos nossos no *Reichstag* esbarravam sempre com essa objecção, que a lei devia ficar de pé, emquanto o Brazil não revogasse a sua lei de locação de serviços, que permite ás autoridades brasileiras e aos fazendeiros mandarem para a cadeia trabalhadores agricolas, unicamente por faltas no cumprimento de obrigações de trabalho. Hoje o que ha é simplesmente na ordem moral, pois até em S. Paulo não vigoram mais taes contractos. O máo effeito, porém, persiste.

.....

ANNEXO N. 2

Sociedade Central de Imigração

DIVISÃO EM LOTES

PARA IMMIGRANTES

DAS FAZENDAS HYPOTHECADAS AO

BANCO DO BRAZIL

Eis, em sua integra, o officio dirigido pela directoria da Sociedade Central de Immigração ao Sr. presidente do Banco do Brazil.

« Illm. e Exm. Sr.—Em nome desta directoria começo agradecendo a delicadeza da prompta resposta, que V. Ex., depois de consultar a illustrada direcção desse Banco, se dignou enviar-me aos 27 de Julho proximo passado, abrindo assim ensanchas para que fique bem claro o pensamento desta Sociedade e se evi lenciem as difficuldades com que luta o primeiro estabelecimento bancario do Brazil nos seus sinceros desejos de auxiliar a solução do grave problema da transformação do trabalho neste Imperio.

Permitta V. Ex. que, antes de entrar em materia, lhe pondere, que só são effectivas as responsabilidades individuaes, podendo, portanto, caber a quem occupa a eminente posição de presidente do Banco do Brazil a invejavel gloria de ajudar e até iniciar uma grande reforma economica e social, mas derivando-se dessa mesma possibilidade não pequena culpa, no caso de pronunciada esquivança, tibieza ou indifferença.

No momento presente, em que a questão da immigração, si, por desgraça nossa, parece somenos aos altos poderes do Estado, imperiosamente si impõe a

todos os pensadores e assume caracter de maior importancia até do que a reforma servil, auxiliar a evolução da agricultura nacional e transformar o latifundio e a sesmaria em pequena propriedade, poderia, em grande parte, tocar ao Banco do Brazil, que de facto se tornou o arbitro real das finanças publicas e particulares deste paiz.

E' elle, com effeito, o verdadeiro senhor das melhores fazendas das provincias do Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo e Espirito-Santo, servidas por vias ferreas luxuosamente construidas com bitola mais larga do que as mais ricas estradas desse genero em França, Inglaterra e Estados-Unidos.

Os devedores insolvaveis são apenas prepostos tolerados pelo Banco na sua conhecida e, até certo ponto, obrigatoria condescendencia para com os grandes proprietarios.

Em algumas fazendas, sinão em muitas, já desapareceram até os donos que as haviam hypothecado, substituidos por gerentes, que prestam contas directas aos delegados do Banco e podem ser considerados simples feitores de numerosas turmas de escravos.

Nem são raras estas propriedades á margem da principal estrada de ferro do Brazil, a de Pedro II ; e nellas, entretanto, continuam bem assignalados os irrecusaveis vestigios do maior atraso, da mais lamentavel rotina e radical obscurantismo, absolutamente como se ainda pertencessem a agricultores arruinados, alheios a toda a idéa de progresso e entregues de corpo e alma ao desanimo e á apathia.

Sempre o mesmo aspecto desolador e que tanto impressiona e contrista o viajante estrangeiro, infundindo-lhe os sentimentos que mui naturalmente experimentam os directores do Banco, quando visitam esses miseros estabelecimentos agricolas.

Milhões e milhões de metros quadrados de excellente terra abandonada, sem cultivo, sem aproveitamento, e a um canto da immensa fazenda, como symbolo do atraso e da inercia, uma velha casa, já quasi em ruinas, rodeada de senzalas, onde á noite se recolhem, fechados á chave, centenas e centenas de negros captivos, empregados na cultura dos enfezados cafezaes !

Comparai, Exm. Sr., uma dessas fazendas, propriedade exclusiva do Banco do Brazil, com qualquer nucleozinho insignificante de immigração allemã ou italiana, de que já nos dão mostra algumas das nossas provincias.

E' uma antithese viva da alegria essa propriedade de iniciativa individual, de culturas multiplas, de industrias novas, de promessas auspiciosas e esperanças no futuro.

E' a producção incipiente da seda, do vinho, dos lacticinios, de abundantissimos cereaes, do trigo, do centeio, cevada, lupulo, forragens, alfafa, de mil cousas emfim, ao passo que o latifundio e a escravidão não sahem nem querem sahir do café e do assucar.

E isto, quando para as exigencias do presente ha no mundo quasi café de mais, e o assucar está sujeito a terribes oscillações !

E isto, quando este immenso Imperio e esta capital

importam do velho continente e dos Estados-Unidos os generos alimenticios, desde o arroz e o milho até as carnes, e em seus mercados recebem batatas da Nova Zelandia !

Eis a razão por que a Sociedade Central de Immi-gração observou sempre com desgosto os valentes e prematuros esforços, que poderiam ser muito melhor aproveitados do Centro da Lavoura e do Commercio em abrir novas fontes de consumo para o café em todo o mundo, quando para o futuro real e grandioso do Brazil a questão é outra, incomparavelmente menos acanhada e restricta.

De facto, a seguirem as cousas publicas a marcha natural e rigorosa que felizmente tomaram, o Centro da Lavoura e do Commercio ficará mal em relação aos novos freguezes que com tamanho empenho sollicitou e ainda sollicita, sendo-lhe de todo o ponto impossivel satisfazer os compromissos tomados e cujo circulo busca alargar cada vez mais.

Presentemente não se trata de continuar a desenvolver os systemas de cultura e os processos economicos até hoje seguidos : é preciso cuidar de cousa mui diversa e attender á imprescindivel reforma patria.

E esta não se fará sem o concurso do immigrante europêo.

De que servem quasi todas as nossas estradas de ferro, sinão para accumular *deficits* sobre *deficits* ?

Na officina de trabalho nacional ha ferramentas demais. Só faltam operarios. E o que valem aquelles

poderosos auxiliares da actividade humana sem intelligencias e braços que delles se utilisem?

E', além disto, impossivel a conveniente evolução moral do liberto, do aggregado, do camarada, do caipira, do capanga, do sertanejo e do capoeira em trabalhador livre, independente e laborioso, sem as lições do exemplo, sem o estimulo dado praticamente pelas mais adiantadas raças da Europa, ricas de idéas, ávidas do pacifico gozo das commodidades que, na vida social da America, proporcionam o suor quotidiano e a consciencia dos deveres e direitos.

O exemplo — eis a grande questão.

E nesta esphera pôde o Banco do Brazil assumir papel eminente e da maior relevancia patriotica.

Peça a illustrada directoria aos accionistas autorisação, que de certo lhe será amplamente concedida, ficando assim respondida e posta de lado a principal objecção exarada no officio de V. Ex. de 27 de Julho, e ensaie a organização de nucleos coloniaes com imigrantes e gente livre, em qualquer das suas muitas fazendas.

Será simples mudança de administração. Em vez de um feitor de escravos, veja gerentes habeis, intelligentes, acostumados a lidar com homens de dignidade; divida entre immigrants a terra, cujo dominio lhes pertencerá no fim de certo prazo e satisfeitas as dividas que tenham contrahido; ministre-lhes no começo alguma protecção, sem querer estabelecer a tutela, que tanto custou aos cofres publicos por erro do governo brasileiro, e depois verifique se esses lotes de terra, até

hoje imprestaveis e motivo só de gastos improductivos, não se transformarão em valiosos cabedaes.

A questão não é ter muitas fazendas em taes condições, como V. Ex. nos faz observar : basta uma unica para um ensaio, que custará ao Banco poucas dezenas de contos de réis, quando muito. E, no caso ainda de completo insuccêso, o que não é de certo crível, ficaria lançada a preciosissima semente.

Não quer o Banco tomar a si tamanha iniciativa ? Apesar da muita energia e illustração da sua activa directoria, receia os obices da pratica ?

Pois bem, promova entre os fazendeiros que lhe devem grossas quantias tentativas dessa ordem. Annuncie que os auxiliará por todos os modos. Estimule o apparecimento de esforços individuaes e compromettase a ajudar á quantos julgue, pelas habilitações e sidadez de character, próprios para tal commettimento.

Eis tambem um grande meio de actuar.

Tudo quanto se despender nesta ordem de factos, V. Ex. bem comprehende com a sua elevadissima intelligencia e reconhecidos conhecimentos financeiros e scientificos, terá em futuro mais ou menos proximo compensação, não podendo nunca ser considerado prejuizo total, infructifero, irremediavel e inutil a todos, como acontece com muitas operações aleatorias, a que se deixam arrastar os estabelecimentos bancarios mais bem geridos e prudentes, e cujas consequencias se tornam de difficil apreciação e analyse até para aquelles que estão enfronhados em todos os segredos do seu mecanismo e nos seus mais intimos negocios.

Pedindo desculpa de tão longo officio, renovo a V. Ex. os protestos da minha muito alta consideração e respeito.

Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Machado Coelho de Castro.— O vice-presidente, *Alfredo d'Escragnolle Tainay.*»



